



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



RICARDO PEREIRA DO NASCIMENTO

**RÁDIO CONEXÃO MATRACA: A ORALIDADE E O PROTAGONISMO  
ESTUDANTIL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Maceió

2025

RICARDO PEREIRA DO NASCIMENTO

**RÁDIO CONEXÃO MATRACA: A ORALIDADE E O PROTAGONISMO  
ESTUDANTIL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com a participação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Maceió  
2025

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

N244r Nascimento, Ricardo Pereira do.

Rádio Conexão Matraca : a oralidade e o protagonismo estudantil no ensino de língua portuguesa / Ricardo Pereira do Nascimento. – 2025.

151 f. : il. color.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 144-151.

1. Rádio escola. 2. Oralidade. 3. Prática pedagógica. 4. Protagonismo juvenil - Escolas. 5. Língua Portuguesa - Estudo e ensino. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**




**TERMO DE APROVAÇÃO**

**RICARDO PEREIRA DO NASCIMENTO**

Título do trabalho: “RÁDIO CONEXÃO MATRACA: a oralidade e o protagonismo estudantil no ensino de língua portuguesa”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração “Linguagens e Letramentos”, em 17 de dezembro de 2025, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:


Orientador:

Documento assinado digitalmente  
 **LUIZ FERNANDO GOMES**  
Data: 22/12/2025 08:08:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---


Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

Documento assinado digitalmente  
 **FLAVIA KAROLINA LIMA DUARTE**  
Data: 22/12/2025 13:15:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Flávia Karolina Lima Duarte (UFAL)

Documento assinado digitalmente  
 **RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA**  
Data: 02/01/2026 08:05:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 17 de dezembro de 2025



Ministério da Educação  
Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Letras  
Programa de Mestrado Profissional em Letras

Ata da 95ª Sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Ao décimo sétimo dia do mês de dezembro de 2025, foi instalada a 95ª banca de Defesa de Mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, às 14h30min, presencialmente, a que se submeteu o discente RICARDO PEREIRA DO NASCIMENTO (entrada no programa em 05/2023) da área de concentração em “Linguagens e Letramentos”, apresentando o trabalho intitulado “RÁDIO CONEXÃO MATRACA: a oralidade e o protagonismo estudantil no ensino de língua portuguesa”, como requisito parcial para a obtenção do grau de MESTRE, conforme o disposto no regulamento deste Programa, e tendo como Banca Examinadora já referendada pelo Colegiado do Curso os seguintes professores doutores: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL), Profa. Dra. Flávia Karolina Lima Duarte (IFAL) e Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (PROFLETRAS/UFAL), sob a presidência do primeiro. Analisando o referido trabalho, a Banca Examinadora considerou o trabalho apresentado

\_\_\_\_\_APROVADO\_\_\_\_\_, o  
qual cumpre seu requisito de natureza interventiva.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LUIZ FERNANDO GOMES  
Data: 22/12/2025 12:57:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA  
Data: 02/01/2026 08:05:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FLAVIA KAROLINA LIMA DUARTE  
Data: 22/12/2025 13:16:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

# **RÁDIO CONEXÃO MATRACA: A ORALIDADE E O PROTAGONISMO ESTUDANTIL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com a participação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL) – Orientador-presidente

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Flávia Karolina Lima Duarte (UFAL/Piranhas-AL)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Rita de Cássia Souto Maior (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió

2025

## RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de um projeto de extensão desenvolvido na Escola Estadual Onélia Campelo, em Maceió/AL, entre 2024 e 2025, por meio da criação da Rádio Conexão Matraca como recurso pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamentou-se na pesquisa-ação (Thiollent, 2011), metodologia que insere o pesquisador no contexto estudado, favorecendo a participação dos sujeitos na identificação de problemas e na busca por soluções, articulando teoria e prática em um processo dialógico. O estudo foi realizado com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e buscou responder às seguintes questões: de que modo a Rádio Escolar pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da leitura? Como favorecer o protagonismo estudantil por meio da comunicação midiática? Foram realizadas oficinas de rádio (4 no total), observações participantes e a produção de quatorze programas-piloto, que serviram como corpus de análise. Os dados foram organizados a partir de registros de áudio e relatórios de campo, sendo analisados em categorias como: oralidade e expressividade; leitura e interpretação; produção midiática; e protagonismo estudantil. A fundamentação teórica recorre a Rogers (1977), Barbier (2002) e Genofre (2017), que destacam a escuta ética e empática, reconhecendo o protagonismo do outro, como base das práticas comunicativas, perspectiva reforçada por Consani (2007), ao apontar o rádio como promotor da escuta ativa. Os resultados demonstram avanços significativos na pronúncia, entonação, ritmo e uso da pontuação durante a leitura em voz alta, além da ampliação da capacidade de interpretação e argumentação dos alunos. Evidenciou-se também o desenvolvimento de habilidades ligadas à produção de pautas, à organização de programas radiofônicos e à reflexão crítica sobre a comunicação social. Alunos com dificuldades de leitura apresentaram melhorias consistentes, reconhecidas tanto nos registros de áudio quanto por seus pares. Conclui-se que a Rádio Conexão Matraca constituiu uma experiência inovadora e transformadora, que despertou entusiasmo entre os participantes e inspirou até mesmo estudantes de outras turmas. O projeto aproximou os alunos, fortaleceu a cidadania escolar e ampliou horizontes profissionais, ao estimular o interesse pelo jornalismo e pela comunicação como possíveis trajetórias futuras.

**Palavras-chave:** rádio escola; oralidade; práticas pedagógicas; protagonismo estudantil; ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This dissertation presents the results of an extension project carried out at Escola Estadual Onélia Campelo, in Maceió/AL, between 2024 and 2025, through the creation of *Rádio Conexão Matraca* as a pedagogical resource for the teaching of Portuguese Language. The research, with a qualitative approach, was based on action research (Thiollent, 2011), a methodology that places the researcher within the studied context, fostering the participation of subjects in the identification of problems and the search for solutions, articulating theory and practice in a dialogical process. The study was conducted with 9th-grade students and sought to answer the following questions: in what ways can a school radio contribute to the development of orality and reading? How can student protagonism be promoted through media communication? Four radio workshops were conducted, along with participant observations and the production of fourteen pilot programs, which served as the corpus of analysis. Data were organized from audio recordings and field reports, and analyzed in categories such as: orality and expressiveness; reading and interpretation; media production; and student protagonism. The theoretical framework draws on Rogers (1977), Barbier (2002), and Genofre (2017), who emphasize ethical and empathetic listening, recognizing the protagonism of the other as the foundation of communicative practices, a perspective reinforced by Consani (2007), who identifies radio as a promoter of active listening. The results demonstrate significant advances in pronunciation, intonation, rhythm, and punctuation use during oral reading, as well as an expansion of students' interpretative and argumentative abilities. The study also revealed the development of skills related to agenda-setting, the organization of radio programs, and critical reflection on social communication. Students with reading difficulties showed consistent improvements, acknowledged both in audio recordings and by their peers. It is concluded that *Rádio Conexão Matraca* constituted an innovative and transformative experience, which sparked enthusiasm among participants and even inspired students from other classes. The project brought students closer together, strengthened school citizenship, and broadened professional horizons by stimulating interest in journalism and communication as potential future paths.

**Keywords:** school radio; orality; pedagogical practices; student protagonism; Portuguese language teaching.



## **TABELAS**

Tabela 1 - Análise dos fenômenos observados .....	52
Tabela 2 - Instrumentos de geração de dados .....	69
Tabela 3 - Categorias emergentes com suas respectivas descrições e análises .....	79
Tabela 4 - Dimensões da escuta e seus efeitos formativos nos estudantes.....	85
Tabela 5 - Oficina de Rádio: Programa de Desenvolvimento da Locução.....	95
Tabela 6 - Percurso formativo dos estudantes .....	96
Tabela 7 - Programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca: descrição, duração e totais.....	97
Tabela 8 - Elementos da oralidade desenvolvidos a partir do programa Música Boa na Matraca .....	105
Tabela 9 - Habilidades desenvolvidas e aprendizagem significativa a partir do programa-piloto “Matraca News”.....	110
Tabela 10 - Categorias com a análise qualitativa da entrevista com base nos discursos da entrevistada. .....	115
Tabela 11 - Análise do Programa Descobrindo Alagoas da Rádio Conexão Matraca .....	119
Tabela 12 - Categorias analíticas do programa piloto da Rádio Conexão Matraca (Enem e Saeb) .....	122
Tabela 13 - Categorias analíticas do programa piloto da Rádio Conexão Matraca (Planeta Vivo – Meio Ambiente).....	124
Tabela 14 - Comparação entre categorias analíticas dos programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca .....	126
Tabela 15 - Programa Matraca News.....	130
Tabela 16 - Impressões gerais sobre a visita às rádios .....	134
Tabela 17 - Contribuições da visita para o projeto da Rádio Escola.....	134
Tabela 18 - Taxonomia de Bloom e interação da Rádio Conexão Matraca .....	141
Tabela 19 - Trechos de falas de estudantes nos ensaios dos programas-piloto .....	142

## QUADROS

Quadro 1 - Síntese de dados da Inside Audio .....	38
Quadro 2 - Perspectiva dicotômica .....	53
Quadro 3 - Roteiro do Programa da Rádio Conexão Matraca.....	78
Quadro 4 - Atividades desenvolvidas com os alunos durante a oficina .....	92
Quadro 5 - Análise dos resultados da oficina de comunicação oral .....	92
Quadro 6 - Script do programa Música Boa na Matraca.....	99
Quadro 7 - Continuação do programa Música Boa na Matraca .....	100
Quadro 8 - Script do Matraca News .....	108
Quadro 9 - Roteiro de entrevista.....	113
Quadro 10 - Script de programa Descobrindo Alagoas .....	117
Quadro 11 - Script de programa "Preparação ENEM e SAEB" .....	120
Quadro 12 - Script programa "Planeta Vivo" .....	123
Quadro 13 - Script de programa Matraca News sobre poluição e saúde mental .....	128
Quadro 14 - Notícia e Propaganda.....	131
Quadro 15 - Taxonomia de Bloom e o uso pedagógico do rádio .....	139
Quadro 16 - Falas dos alunos .....	143
Quadro 17 - Script de programa piloto .....	144

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Contexto de pesquisa.....	15
1.2 Justificativa .....	20
1.3 Objetivos da pesquisa:.....	22
1.4 Questões de pesquisa .....	23
1.5 Estruturação da pesquisa.....	23
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>24</b>
2.1 Breve história do rádio no Brasil: (re) invenção a partir do novo.....	26
2.2 O rádio educativo: iniciativas como o MEB e o Projeto Minerva .....	27
2.3 O rádio como instância de produção de sentidos e ativação do imaginário .....	35
2.4 Por que ainda ouvimos rádio? .....	37
2.5 A oralidade no ensino da Língua Portuguesa à luz da BNCC.....	39
2.5.1 Gênero oral radiofônico.....	44
2.6 O texto falado no rádio: o lugar da fala e da escrita .....	47
2.6.1 A dicotomia entre fala e escrita no uso da linguagem.....	53
2.6.2 A escrita formal e a fala espontânea dos jovens .....	55
2.7 A rádio escolar como espaço de oralidade, letramento e protagonismo estudantil .....	57
2.8 Multiletramentos na escola como práticas pedagógicas inovadoras .....	61
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>64</b>
3.1 Abordagem e natureza da pesquisa .....	64
3.2 Local da pesquisa .....	67
3.3 Período de realização .....	67
3.4 Participantes da pesquisa.....	67
3.5 Instrumentos de coleta e análise dos dados .....	68
3.6 Exercícios através do programa piloto de rádio .....	72
3.7 A minha experiência em um curso de rádio .....	73
3.8 Implantação da rádio escola, mesmo sem recursos.....	74
3.9 Que rádio escolar queremos? .....	75
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>78</b>
4.1 Resultados: a escuta de si nos programas de rádio .....	83

4.1.1 A escuta como prática educativa dialógica.....	87
<b>4.2 Percurso formativo dos alunos nas oficinas de rádio .....</b>	<b>90</b>
<b>4.3 Oralidade como prática reflexiva e processo de aprendizagem .....</b>	<b>102</b>
<b>4.4 Sentidos construídos e aprendizagens emergentes .....</b>	<b>103</b>
<b>4.5 Entre vozes e saberes: os quatro pilares da educação na Rádio Matraca .....</b>	<b>111</b>
<b>PROGRAMA PILOTO RÁDIO CONEXÃO MATRACA .....</b>	<b>117</b>
<b>DESCOBRINDO ALAGOAS.....</b>	<b>117</b>
<b>[VINHETA DA RÁDIO].....</b>	<b>117</b>
<b>PROGRAMA PILOTO RÁDIO CONEXÃO MATRACA PLANETA VIVO.....</b>	<b>123</b>
<b>(VINHETA CURTA) – “Planeta Vivo – Cuidar do mundo é cuidar de você” .....</b>	<b>123</b>
<b>4.6 Análise comparativa dos programas-pilotos .....</b>	<b>125</b>
<b>4.7 Os primeiros programas: uma corrida contra o medo .....</b>	<b>130</b>
<b>Notícia para locução.....</b>	<b>131</b>
<b>Comercial lido pelos alunos .....</b>	<b>131</b>
<b>4.8 Visita às rádios Educativa FM, Difusora de Alagoas e Ufal .....</b>	<b>132</b>
<b>4.9 Rádio escolar: contribuições a partir da Taxonomia de Bloom .....</b>	<b>137</b>
<b>PROGRAMA PILOTO DA RÁDIO CONEXÃO MATRACA .....</b>	<b>144</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o potencial pedagógico da rádio escolar como instrumento inovador para o desenvolvimento do letramento, da oralidade e das competências linguísticas no âmbito da educação básica. No atual contexto educacional, marcado pela crescente influência das tecnologias digitais, torna-se cada vez mais evidente que a integração de meios de comunicação online pode desempenhar um papel altamente significativo. A proposta de adotar uma rádio escola como instrumento pedagógico inovador emergiu como uma oportunidade singular para enriquecer a prática educacional, ao mesmo tempo oferecer um meio eficaz para promover o desenvolvimento do letramento e aprimorar as competências linguísticas dos estudantes.

Nesse cenário de constante evolução tecnológica, a educação precisa se adaptar para atender às necessidades de uma geração digitalmente imersa. Com a chegada da internet, muitos acreditaram que o rádio enfrentaria seu fim. No entanto, esse meio de comunicação provou, mais uma vez, sua capacidade de adaptação. Hoje, ele se reinventa no ambiente digital, preservando sua essência radiofônica, mas incorporando novos elementos que atendem às demandas do público contemporâneo. As transmissões agora incluem imagens dos estúdios, permitindo que os ouvintes também se tornem espectadores, saciando a curiosidade sobre os bastidores da programação.

Sendo assim, a rádio escola, apesar de parecer uma tecnologia ultrapassada, ela permanece viva e atuante em quase todas as faixas etárias, especialmente entre os jovens como uma prática social altamente disseminada e acessível, desafia as fronteiras tradicionais do ensino, proporcionando uma via dinâmica para a exploração da linguagem oral na escola. Esta abordagem inovadora não apenas reconhece a importância de dominar habilidades de leitura, escrita e comunicação, mas também ressalta a relevância de compreender como essas habilidades podem ser aplicadas em um panorama contemporâneo.

O rádio é um exemplo vivo de resiliência e inovação. Ele não apenas sobrevive às mudanças impostas pelo tempo, como se fortalece ao abraçar novas plataformas e linguagens. Reinventando-se constantemente, segue firme como um meio de comunicação indispensável, conectando pessoas e culturas em um mundo cada vez mais digital.

Logo, nesta perspectiva, o rádio é uma representação do coletivo, construído por meio do diálogo e da oralidade. Ele reflete mais do que a voz do locutor. Trata-se de uma linguagem que acolhe, conecta e dá significado às interações humanas. Seja pelo uso de técnicas ou pela

sensibilidade no discurso, o rádio mantém sua essência como um meio que não apenas informa, mas também promove vínculos afetivos entre seus ouvintes, reafirmando sua relevância na sociedade brasileira.

Por outro lado, não há como desenvolver uma rádio escolar sem que se integre de forma estruturada e contínua as práticas de produção textual, leitura, oralidade e o letramento em geral. A rádio, enquanto ferramenta pedagógica, transcende a simples transmissão de conteúdos. Ela se configura como um espaço dinâmico de aprendizado, no qual os alunos podem exercitar habilidades linguísticas essenciais para sua formação crítica e cidadã.

A produção textual, por exemplo, foi a base para a criação de roteiros, notícias, entrevistas e outros formatos que compuseram a programação de uma rádio. Esse exercício foi além da escrita mecânica: incentivou a criatividade, o pensamento crítico e a organização de ideias de forma clara e objetiva. Ao mesmo tempo, a leitura foi indispensável nesse processo, pois ampliou o repertório dos estudantes, desenvolveu o senso crítico e os conectou com diferentes estilos e gêneros textuais, os quais puderam ser adaptados e explorados nos programas radiofônicos.

A oralidade, foco desta pesquisa, constituiu outra habilidade essencial desenvolvida na rádio escolar. A prática de falar em público, com clareza e segurança, preparou os alunos para desafios futuros nos contextos acadêmico e profissional. Por meio das atividades de locução e gravação, os estudantes aprenderam a modular a voz, a estruturar discursos e a interagir com diferentes públicos, promovendo a autonomia e a expressividade.

Além disso, o trabalho com o letramento tornou-se o elo que conectou todas essas práticas. Ele foi além da decodificação de palavras e se focou na capacidade de compreender, interpretar e produzir textos em contextos variados. Nesse sentido, a rádio escolar atuou como um espaço vivo de aprendizado, no qual o letramento foi posto em prática de maneira significativa e contextualizada.

Desta forma, a implementação de uma rádio escolar não foi apenas um projeto tecnológico ou comunicativo, mas também uma estratégia pedagógica. Ao reunir produção textual, leitura, oralidade e letramento, ela promoveu um ambiente de aprendizagem colaborativa, em que os alunos não apenas desenvolveram suas habilidades linguísticas, mas também se tornaram protagonistas no processo de construção de conhecimento. Assim, a rádio escolar cumpriu seu papel como ferramenta educativa transformadora, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

## 1.1 Contexto de pesquisa

A pesquisa se concentrou na Escola Estadual Onélia Campelo, instituição que trabalho há 15 anos e que está localizada no Santos Dumont, bairro periférico de Maceió que se destaca pela carência crônica de políticas públicas, abrangendo tanto os aspectos sociais e culturais quanto econômicos. Nesse cenário desafiador, a ausência de serviços essenciais como saneamento básico, opções de lazer, acesso à cultura e segurança pública é apenas evidente. Ainda mais, com alguns avanços, a violência ainda se mantém como uma triste realidade que marca profundamente essa comunidade, podendo criar um ambiente hostil à aprendizagem, além de aumentar os riscos de evasão escolar.

Outrossim, faz parte da realidade da escola em que atuo, dentro e fora dela, uma crescente preocupação acerca do uso e do tráfico de drogas entre os alunos, bem como incidentes de automutilação entre as meninas; adolescentes, em número menor, que engravidam e abandonam os estudos. No cotidiano escolar, deparei-me, também, com o desafio complexo de lidar com estudantes que apresentam sintomas de depressão, ansiedade e transtornos emocionais, muitas vezes despercebidos e sem incitar reflexões ou incursões em busca de compreensão mais profunda. Ao mesmo tempo, a escola ainda enfrenta desafios da superlotação de alunos nas salas de aula, ventiladores quebrados, carência de livros didáticos, em algumas turmas, e uma biblioteca que opera com recursos limitados, dificultando o acesso dos estudantes a materiais de leitura de qualidade.

A Onélia Campelo é uma instituição de ensino com instalações espaçosas e bem estruturada, incluindo 15 salas de aula, pátio extenso, um laboratório de ciências, auditório e um ginásio esportivo. A escola atende a uma ampla faixa etária, cobrindo desde o ensino fundamental até o médio, além de oferecer a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente, abriga aproximadamente 1.300 estudantes distribuídos em diferentes turnos, abrangendo manhã, tarde e noite.

Os alunos envolvidos nesse projeto, um grupo de nove estudantes, pertencem à turma do 9º ano do Ensino fundamental, composta por 43 discentes com idades entre 13 e 14 anos. A implementação dessa pesquisa integrou meu planejamento curricular para essa turma. O projeto teve início na Rádio Escola, com a seleção de três gêneros orais comuns nesse meio, escolhidos conjuntamente pelos alunos e pelo professor. A partir dessas escolhas, realizamos estudos teóricos complementados por atividades práticas, incluindo locução e produção textual.

Contudo, entrando um pouco na minha trajetória, não poderia deixar de falar das memórias afetivas do rádio em minha vida. Acordava às cinco da manhã e o som característico

do rádio já preenchia a minha casa. Meu pai, sempre pontual, sintonizava na Rádio Gazeta de Alagoas para ouvir Ferreira Júnior, que apresentava o programa *Forró do Meu Brasil*, com aquele forró que parecia aquecer o dia antes mesmo de o sol nascer. O ritmo alegre e contagiante embalava os primeiros movimentos da manhã, enquanto o cheiro de café fresco tomava conta do ambiente.

Pouco depois, meu pai mudava para a Rádio Palmares de Alagoas, onde a Santa Missa era transmitida diretamente da igreja do Rosário. A voz serena do padre Rubian Lins Peixoto ecoava pela casa, misturando-se às preces silenciosas e ao sentimento de fé que nos conectava. Era um momento quase ritualístico, que marcava o início do dia com espiritualidade e uma certa paz que as palavras do padre traziam.

Depois disso, era a minha vez de me preparar para a escola. Enquanto me arrumava, os sons do rádio ainda me acompanhavam, como uma trilha sonora que fazia parte da rotina. Aqueles momentos simples, mas cheios de significado, se tornaram parte das minhas memórias mais afetivas.

O rádio não era apenas um aparelho; era um companheiro, um vínculo entre as pessoas da casa e, de certa forma, um elo com o mundo lá fora. Ele trouxe informações, música, fé e até mesmo um senso de comunidade. Até hoje, quando ouço o som de um programa de forró ou uma missa transmitida pelo rádio, sou imediatamente transportado de volta para aquelas manhãs cheias de calor humano e simplicidade. Essas lembranças mostram como o rádio foi mais do que um meio de comunicação; foi um símbolo da nossa vida cotidiana, carregado de afeto, tradição e identidade.

Continuando a minha trajetória, nem sempre fui professor. Meu percurso profissional teve início após minha graduação em Comunicação Social. Ao longo de uma década, dediquei-me a área de jornalismo. Em 2003, concluí minha graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura. E, finalmente, em 2005, fui aprovado em concurso para professor da Rede Estadual de Educação.

Durante minha jornada como professor de Língua Portuguesa, percebi que estava, em grande parte, reproduzindo os métodos tradicionais de ensino que havia recebido. No entanto, ao adquirir diferentes formações e conhecimentos, agora aluno do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), compreendi que o papel do educador vai além disso, envolvendo o desafio de instigar o aluno a explorar e compreender a realidade que o cerca, atuando como protagonista da própria história.

Associada a essa realidade, enfrentei o obstáculo adicional de estudantes com dificuldades significativas de aprendizagem, tornando esse processo uma tarefa desafiadora,



não só para mim, mas também para meus colegas professores. Dessa forma, foi crucial adotar múltiplos olhares para essa problemática que foram além da superfície visível, exigindo de nós despir-se de nossas crenças e preconceitos, de convicções pessoais e profissionais, adotando uma postura imparcial, reflexiva e questionadora. Isso incluiu não apenas a leitura e a escrita formal, mas também as práticas de letramento que permearam a cultura da sala de aula, contribuindo assim para um ensino mais inclusivo e eficaz.

Ao longo dos anos, testemunhei os desafios enfrentados pelos meus alunos na tentativa de estudar e trabalhar. Eles necessitavam conciliar suas responsabilidades de trabalho com os estudos e, muitas vezes, se viram obrigados a abandonar a escola para contribuir financeiramente com suas famílias. Além disso, enfrentaram desafios emocionais e afetivos que puderam contribuir para seu desempenho negativo sobre seu rendimento escolar. A condição de carência econômica, que caracterizou as famílias desses discentes, também pôde exercer uma certa influência em seus estudos.

Nesse sentido, isso me levou a refletir continuamente sobre nosso próprio desempenho na sala de aula, fato que me fez questionar, muitas vezes, se eu como professor não contribuí para colocar barreiras que impediram o aprendizado dos meus alunos. Dessa forma, foi essencial compreender e identificar os desafios que afetaram a comunidade ao redor da escola, a fim de promover melhorias significativas. Motivado por essa realidade em sala de aula, optei por investigar as formas de aprimorar a oralidade, a leitura e a escrita nas práticas sociais de minha turma.

Nesta jornada, empreender uma reflexão profunda sobre minha prática pedagógica tornou-se necessário. Essa avaliação foi além da mera consideração de como lido com os desafios relacionados à aprendizagem ou ao “desinteresse” do meu alunado. Ela se fundamentou em um compromisso de mergulhar na perspectiva dos principais atores desse cenário: os próprios alunos, e, é claro, na minha autoavaliação como mediador desse processo.

Logo, o tempo que dediquei para ouvir as narrativas dos meus alunos, ao longo das trajetórias que trilharam, adquiriu um valor ainda maior, caracterizado por uma consciência mais aguçada. Esse ato singular de escuta influenciou profundamente minha maneira de abordar a vida e de compreender a realidade dos outros. Surgiu em mim um olhar intrinsecamente fundamentado na empatia, uma perspectiva que se entrelaçou de forma profunda no meu cotidiano escolar.

A motivação central desta pesquisa adveio de observações sobre o desempenho e comportamento dos meus alunos no contexto escolar, indicando uma série de desafios no processo de ensino-aprendizagem, considerando a oralidade como uma parte fundamental da

educação escolar, pois ela permeia toda as nossas relações sociais. Portanto, com o intuito de melhorar a oralidade dos meus alunos, desejei enfatizar esse aspecto do ensino propondo uma atividade de rádio na escola à qual os alunos puderam aprender e praticar alguns gêneros importantes da comunicação oral via rádio. A escolha do trabalho com rádio na escola justificou-se, primeiramente, pela minha própria trajetória formativa devido a rádio que eu ouvia lá em casa.

Por outro lado, academicamente, trabalhar com as habilidades orais e o rádio vão de encontro com que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe, que é o ensino da oralidade e o uso das tecnologias. O problema da pesquisa está baseado em vários fatores percebidos nessa turma do 9º ano, envolvendo desde a pouca habilidade na expressão oral até dificuldades frequentes em se comunicar de forma clara e organizada.

A implantação da Rádio Escola na Onélia Campelo representou um avanço significativo no campo da educação, oferecendo aos alunos uma oportunidade única de vivenciar e explorar a oralidade. Por meio da Rádio Escola, os estudantes puderam desenvolver habilidades de comunicação verbal, escuta ativa, expressão de ideias e criatividade, elementos fundamentais para sua formação integral.

Com a rádio, atividades como debates, entrevistas, produção de podcasts e programas informativos permitiram que os alunos experimentassem diferentes gêneros e situações comunicativas, ampliando sua competência linguística e discursiva. A prática da oralidade se tornou ainda mais significativa, pois estimulou a interação social e a participação ativa em situações reais de comunicação, fomentando o protagonismo estudantil e a valorização da diversidade cultural e linguística.

A Rádio Escola também foi um espaço para a disseminação de conteúdos pedagógicos, fortalecendo a interdisciplinaridade e promovendo o engajamento de toda a comunidade escolar. Essa iniciativa reforçou o compromisso da escola com a formação de cidadãos críticos e participativos, alinhada aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento estabelecidos pela BNCC.

Além disso, a oralidade, como prevista pela BNCC, não se limita apenas ao ato de falar, mas compreende a capacidade de articular discursos coerentes, compreender diferentes intenções comunicativas e interpretar discursos em suas diversas nuances. A Rádio Escola foi um cenário privilegiado para que os alunos trabalhassem essas habilidades de maneira prática, desenvolvendo competências que serão úteis em contextos escolares, profissionais e sociais.

O projeto da Rádio Escola, por exemplo, incluiu a realização de debates sobre temas relevantes para a comunidade, boletins informativos e programas culturais. Cada atividade

realizada pelos estudantes permitiu a vivência dos campos de atuação previstos na BNCC, como o campo jornalístico-midiático e o campo artístico-literário, promovendo um aprendizado contextualizado e significativo.

Outro aspecto relevante foi o estímulo à autonomia e à responsabilidade, uma vez que os alunos estiveram diretamente envolvidos em todas as etapas da produção radiofônica, desde a pauta até a execução final. Essa vivência prática desenvolveu não apenas a oralidade, mas também competências como trabalho em equipe, organização e planejamento, fundamentais para a formação integral do estudante.

A Rádio Escola também serviu como um espaço para fortalecer o vínculo entre a escola e a comunidade. Programas que discutiram temas locais, trouxeram histórias e valorizaram a identidade cultural alagoana aproximando ainda mais os alunos de sua realidade e promovendo o sentimento de pertencimento. Essa abordagem reforçou a ideia de que a educação deve dialogar com o contexto sociocultural dos alunos, respeitando e promovendo a diversidade.

Por fim, ao integrar a oralidade como uma prática recorrente e sistematizada por meio da Rádio Escola, a instituição também preparou os estudantes para os desafios da sociedade contemporânea, onde a comunicação eficaz e o pensamento crítico foram habilidades indispensáveis. A rádio não foi apenas um recurso pedagógico, mas um espaço de transformação, que potencializou o protagonismo estudantil e ressignificou o aprendizado em sala de aula.

Para tanto, se fez necessário a realização de oficinas de rádio. A ideia foi aproximar os alunos do ambiente radiofônico. Eles visitaram as rádios Educativa FM, Difusora de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas (UFAL), para conhecer a sua rotina e interagir com os locutores e técnicos de som. Essa visita proporcionou uma experiência prática e imersiva, permitindo que eles vissem de perto como é o dia a dia dos profissionais, desde a preparação de programas até a transmissão ao vivo, a exemplo de programas de entrevistas.

Ao final das oficinas de rádio, espera-se que os alunos estejam aptos a produzir e apresentar seus próprios programas, aplicando as técnicas e conhecimentos adquiridos. Esse processo permitiu que eles expressassem suas ideias e desenvolvessem suas habilidades de comunicação de maneira prática e envolvente. Além disso, buscou-se integrá-los em um ambiente colaborativo, onde cada um pudesse contribuir com suas habilidades e interesses. Essa ação não apenas enriqueceu o currículo escolar, mas também fortaleceu a comunidade escolar, promovendo a participação ativa e o engajamento dos alunos em um projeto de comunicação transformador.

No entanto, alguns desafios ainda persistem, como a necessidade de um suporte mais individualizado para aqueles com maiores dificuldades, exigindo estratégias mais específicas e um acompanhamento mais próximo e contínuo do alunado. Essa análise evidenciou a importância de continuar aprimorando e adaptando as atividades da rádio escola para maximizar os benefícios para todos os estudantes, considerando suas particularidades e necessidades específicas de aprendizagem.

## **1.2 Justificativa**

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões acerca do uso de práticas comunicacionais como estratégias pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no contexto da escola pública. A Rádio Conexão Matraca caracterizou-se como um recurso didático capaz de promover situações reais de produção e circulação da linguagem, favorecendo o desenvolvimento da oralidade e o protagonismo estudantil. Considerando que a oralidade, embora prevista nos documentos oficiais, ainda era pouco explorada de maneira sistemática no cotidiano escolar, tornou-se relevante investigar de que modo a rádio escolar poderia contribuir para o fortalecimento dessa competência.

A adoção da rádio como instrumento educativo dialogava com as demandas atuais por metodologias que articulavam linguagem, tecnologia e participação ativa dos estudantes. Compreendeu-se que a escola, ao incorporar práticas midiáticas, ampliava o repertório formativo dos alunos, oferecendo oportunidades de expressão, colaboração e construção de sentidos em diferentes gêneros discursivos. Dessa forma, o estudo tornou-se pertinente por buscar compreender os efeitos pedagógicos dessa experiência, bem como suas potencialidades para a aprendizagem significativa e para o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

Além disso, o trabalho justificou-se pela escassez de estudos empíricos que examinassem, de forma sistematizada, a implementação e os efeitos de projetos de rádio escolar no âmbito da educação básica, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da oralidade como prática pedagógica. A pesquisa buscou contribuir para o campo acadêmico ao fornecer elementos analíticos e reflexivos que auxiliaram professores, gestores e demais pesquisadores interessados em práticas inovadoras voltadas ao ensino da língua e à formação comunicativa dos estudantes. Nesse sentido, a investigação sobre a Rádio Conexão Matraca apresentou relevância social, pedagógica e científica, na medida em que propôs uma abordagem formativa comprometida com a valorização da voz e da expressão oral dos alunos, promovendo

a construção de ambientes educativos mais dialógicos, participativos e centrados na escuta e na fala como instrumentos de aprendizagem e protagonismo estudantil.

A pesquisa sobre a experiência de uma rádio escolar na Onélia Campelo tornou-se relevante ao considerar a crescente importância da mídia digital e do letramento multimodal no mundo contemporâneo. Estudos acadêmicos recentes destacaram a necessidade de repensar o letramento em um contexto de rápida evolução tecnológica e social. A disseminação das tecnologias de comunicação e o surgimento da rádio web como uma plataforma acessível ofereceram um terreno fértil para explorar como foi possível alinhar o letramento tradicional com as demandas do século XXI. A presente investigação foi necessária para compreender como uma rádio escola pôde contribuir especificamente para a melhoria do letramento, trazendo novas perspectivas e ideias práticas para o ensino da oralidade.

A escolha pelo trabalho com a linguagem radiofônica no ambiente escolar esteve ancorada em uma perspectiva que conjugava memória afetiva e compromisso com a transformação social. Desde a infância, o rádio constituiu-se como uma presença significativa em minha vida cotidiana, configurando-se não apenas como meio de informação e entretenimento, mas como uma verdadeira janela para o mundo. Em minha casa, ele ocupava um lugar simbólico de convivência, escuta e partilha, funcionando como elo de conexão entre as gerações e como instrumento formador de subjetividades. Essa relação íntima e simbólica com o meio radiofônico encontrou respaldo nas reflexões de Martín-Barbero (1997), para quem os meios de comunicação eram territórios culturais que mediavam a relação entre as experiências cotidianas e as construções simbólicas da identidade, configurando-se como espaços de memória e afetividade.

Essa relação fundamentou minha opção por inseri-lo no contexto pedagógico. O rádio, quando apropriado criticamente pela escola, revelou-se como uma ferramenta didático-comunicativa, capaz de ampliar vozes historicamente silenciadas, fomentar a construção de narrativas coletivas, estimular a criatividade e desenvolver o senso crítico dos estudantes.

Conforme Paulo Freire (1996) enfatiza em sua pedagogia do oprimido, o processo educativo deve promover a conscientização e o protagonismo dos sujeitos, especialmente daqueles que foram marginalizados, tornando a comunicação um espaço de diálogo e emancipação. O rádio, por sua natureza acessível e eminentemente oral, promove a valorização das experiências individuais e comunitárias, bem como o exercício da escuta ativa e do diálogo, elementos centrais para a construção do conhecimento crítico e compartilhado, como apontado por José Manuel Moran (2015) ao discutir as tecnologias digitais e os processos colaborativos no ensino.

Mais do que uma proposta de ensino de técnicas radiofônicas, o projeto de rádio escolar que desenvolvi buscou oferecer aos estudantes a oportunidade de se reconhecerem como sujeitos históricos, autores de suas próprias trajetórias e agentes de transformação de sua realidade. Nesse processo, a prática radiofônica ultrapassou o domínio técnico e adquiriu contornos ético-políticos e pedagógicos, ao proporcionar espaços de pertencimento, protagonismo estudantil e democratização do conhecimento, conforme proposto por Jesus Martín-Barbero (2003) ao destacar a mediação cultural como instrumento para a construção de identidades e para a participação cidadã.

Entendi, portanto, o rádio escolar<sup>1</sup> como um canal de humanização, de mediação cultural e de construção de vínculos sociais. Seu uso pedagógico, articulado a uma concepção crítica da educação, permitiu não apenas desenvolver competências comunicativas e cognitivas, mas sobretudo consolidar uma pedagogia da escuta e da alteridade, elementos imprescindíveis para a formação integral dos estudantes e para a edificação de uma escola mais democrática, inclusiva e transformadora. Esta perspectiva dialogou diretamente com os fundamentos da educação popular de Paulo Freire (1996), que defendeu a construção coletiva do saber, o diálogo horizontal e a valorização das vozes plurais como caminho para a emancipação social.

### **1.3 Objetivos da pesquisa:**

#### **Geral**

- ✓ O objetivo dessa pesquisa, que envolveu o letramento das práticas sociais orais por meio de uma rádio escolar, foi identificar as possíveis práticas pedagógicas que levaram os alunos ao letramento da linguagem oral no contexto da radiodifusão.

#### **Específicos**

- ✓ Identificar os gêneros da comunicação oral na radiodifusão que foram mais relevantes.
- ✓ Descobrir quais práticas didáticas puderam ser melhor aplicadas para o letramento da linguagem oral dos alunos.

---

<sup>1</sup> Sobre o uso de “rádio”, segundo Houaiss, Aurélio e Aulete, o termo apresenta sentidos distintos conforme o gênero. No masculino, o rádio refere-se ao aparelho ou ao meio tecnológico de transmissão. No feminino, a rádio designa a emissora ou a instituição responsável pela programação. Nesta dissertação, utiliza-se o rádio para o dispositivo e a rádio para a emissora ou projeto pedagógico.

## 1.4 Questões de pesquisa

A presente pesquisa partiu do reconhecimento de que a Rádio Escolar ocupou um espaço privilegiado para o desenvolvimento da oralidade, da leitura e do protagonismo estudantil, ao transformar a comunicação em uma prática viva dentro da escola. Assim, o trabalho buscou responder às seguintes indagações centrais: de que modo a rádio escolar poderia contribuir para o aprimoramento da oralidade e da leitura? Como foi possível favorecer o protagonismo dos estudantes por meio da comunicação midiática, especialmente em um contexto em que a escola necessitava ampliar as oportunidades de expressão e participação crítica dos alunos?

Essas questões orientaram o delineamento da investigação e desdobraram-se em três problemas específicos que estruturaram o percurso metodológico do estudo:

1. De que maneira a implementação de uma rádio escolar pôde melhorar as habilidades de comunicação oral dos alunos do 9º ano?
2. Quais estratégias pedagógicas puderam ser adotadas para desenvolver essas habilidades por meio das práticas radiofônicas realizadas no ambiente escolar?
3. Quais foram os efeitos da participação dos estudantes na rádio escolar em relação ao uso da linguagem oral em diferentes contextos, gêneros e funções comunicativas?

## 1.5 Estruturação da pesquisa

A organização deste estudo foi estruturada de modo a favorecer a compreensão do percurso investigativo, bem como a articulação entre os referenciais teóricos, os procedimentos metodológicos e a análise dos dados. O trabalho está dividido em cinco seções principais, além das referências, que se complementam e sustentam o desenvolvimento da pesquisa.

A primeira seção, *Introdução*, apresenta o cenário em que a investigação foi concebida, explicitando o contexto de pesquisa, a justificativa para sua realização e os objetivos que orientam o estudo. São expostas, também, as questões de pesquisa que norteiam o problema investigado. Por fim, descreve-se a própria estrutura organizativa do trabalho, oferecendo ao leitor um panorama geral do texto.

A segunda seção, destinada à *Fundamentação Teórica*, reúne os principais referenciais utilizados na análise. Inicia com uma breve retomada histórica sobre o rádio no Brasil e sua constante capacidade de reinvenção, seguida da discussão sobre o rádio educativo e

experiências como o MEB e o Projeto Minerva. Na sequência, aborda-se a oralidade no ensino de Língua Portuguesa, à luz da BNCC, contemplando o gênero oral radiofônico, o texto falado e as articulações entre fala e escrita. Também se discutem a relação entre linguagem formal e espontânea, o papel da rádio escola como ambiente de letramento e protagonismo estudantil e as contribuições dos multiletramentos para práticas pedagógicas inovadoras.

A terceira seção, *Metodologia*, descreve os procedimentos adotados na pesquisa, contemplando o local do estudo, o período de realização e o perfil dos participantes. São apresentados os instrumentos de coleta e de análise dos dados, além dos exercícios desenvolvidos no programa-piloto da rádio escolar. Inclui-se, ainda, a experiência prévia do pesquisador em curso de rádio, as estratégias de implantação da rádio mesmo diante da ausência de recursos e a concepção de rádio escolar idealizada pelos envolvidos.

A quarta seção, *Análise e Discussão dos Dados*, constitui o núcleo interpretativo do estudo. Nela são detalhados o desenvolvimento das oficinas, o percurso formativo dos estudantes e os desafios enfrentados na produção dos primeiros programas. As visitas às rádios Educativa FM, Difusora de Alagoas e Rádio Ufal são analisadas como experiências pedagógicas significativas. A seção discute, ainda, processos de escuta, reflexividade, aprendizagens emergentes e a presença dos quatro pilares da educação na dinâmica da Rádio Matraca. Encerra-se com uma análise comparativa dos programas-pilotos desenvolvidos.

A quinta seção, *Considerações Finais*, apresenta a síntese dos principais resultados alcançados, retomando os objetivos propostos e destacando as contribuições do estudo para a área de educação, para o ensino de oralidade e para o uso pedagógico das mídias escolares. Indicam-se, também, caminhos possíveis para novas pesquisas e desdobramentos futuros. Ao final, são apresentadas as referências, listadas conforme as normas da ABNT vigentes.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionamos, inicialmente, um conjunto de autores que forneceram as bases teóricas necessárias para a compreensão dos fenômenos em estudo. No que se refere ao gênero rádio, destacam-se as contribuições de Baltar (2012), Citelli (2012) e Consani (2007), entre outros. Baltar (2012) enfatiza que a integração de mídias no ambiente escolar é um passo crucial para o letramento midiático da comunidade escolar, pois estabelece um espaço discursivo no qual todos os participantes podem engajar-se criticamente em atividades de linguagem reais e significativas. Consani (2007), por sua vez, defende o uso



do rádio na pedagogia devido ao seu potencial dialógico, possibilitando a aplicação de diversas estratégias que enriquecem o ensino e a aprendizagem.

Para aprofundar a exploração do letramento e da oralidade, baseamo-nos nas obras de Travaglia (2015), Soares (2002), Kleiman (2008), Tfouni (2006), Brian Street (2014) e James Paul Gee (1996). Travaglia (2015) e Soares (2002) destacam a importância de utilizar uma diversidade de gêneros discursivos para promover o domínio eficaz da língua, tanto na forma escrita quanto na oral. Essa abordagem não apenas expande as competências linguísticas dos alunos, mas também enriquece a sua capacidade de uso da língua de maneira diversificada. Soares reforça que o letramento é um processo contínuo e dinâmico, refletindo a complexidade da língua com suas múltiplas dimensões, variedades e usos em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, a diversidade de gêneros discursivos se torna essencial para uma educação linguística que prepare o indivíduo para enfrentar e participar ativamente das práticas sociais em que a língua se manifesta.

Os teóricos Brian Street (2014) e James Paul Gee (1996), entre outros, têm contribuído significativamente para a compreensão dos letramentos e suas implicações na educação. Ambos enfatizam a importância de abordagens mais amplas e sociais em relação ao conceito tradicional de alfabetização. Gee (1996) ressalta a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva aos letramentos, reconhecendo que as práticas de letramento estão intimamente ligadas ao poder e à desigualdade social. Street (1984) evidencia que os letramentos não se limitam à leitura e escrita tradicionais, mas envolvem várias formas de linguagem e comunicação, incluindo os letramentos digitais.

A fundamentação da investigação está centrada, também, em teóricos como Bakhtin (2006), *Estética da Criação Verbal*, com seus conceitos de discurso, dialogismo e intertextualidade, para analisar como a linguagem oral e escrita são usadas na rádio e como isso afeta o letramento dos alunos.

Portanto, é fundamental destacar que a educação contemporânea enfrenta desafios significativos no que diz respeito à integração de tecnologia, letramentos e práticas pedagógicas inovadoras para promover um ambiente de aprendizado estimulante e eficaz. Neste contexto, a presente fundamentação teórica visa embasar um projeto de pesquisa de mestrado no âmbito do PROFLETRAS, que se concentra na implantação de uma rádio escolar e na integração da linguagem oral e escrita no Ensino Fundamental. Esta pesquisa abordará elementos interdisciplinares que convergem para enriquecer o ambiente educacional, proporcionando um espaço onde os alunos possam desenvolver habilidades essenciais, tanto linguísticas quanto tecnológicas.

## 2.1 Breve história do rádio no Brasil: (re) invenção a partir do novo

Não poderíamos falar da rádio escola sem antes nos determos sobre a história do rádio no Brasil, cuja trajetória está intrinsecamente ligada a grandes nomes que contribuíram para sua consolidação. Suas bases tecnológicas são frequentemente atribuídas ao padre e cientista Landell de Moura, cujas experiências pioneiras com a transmissão de ondas eletromagnéticas foram fundamentais para o desenvolvimento da radiodifusão. No entanto, a popularização do rádio como meio de comunicação de massa se deve, em grande parte, ao trabalho de Roquette Pinto, que viu no rádio uma ferramenta poderosa para a educação e a divulgação da cultura brasileira.

A primeira transmissão oficial do rádio no Brasil ocorreu durante as festividades de comemoração do Centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, contando com a presença do presidente da República, Epitácio Pessoa e demais autoridades do estado e diplomáticas. Nesse dia, transmitiu-se diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro o pronunciamento do discurso do presidente da República e, no dia seguinte, a ópera *O guarani*, de Carlos Gomes. (Rangel, 2010, p. 92)

Esse evento marcou o início da era radiofônica no país, impulsionado pela Empresa Brasileira de Radiotelefonia. Em 1923, foi fundada a primeira emissora oficial do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada por Edgard Roquette-Pinto. Segundo Roquette-Pinto (1935), "o rádio deveria ser um instrumento de educação e cultura, atingindo todas as classes sociais". O objetivo da emissora era educativo e cultural, buscando disseminar conhecimento e democratizar o acesso à informação.

Na década de 1930, o rádio começou a se popularizar no Brasil, impulsionado pela melhoria na qualidade dos equipamentos e pela ampliação das transmissões. O governo de Getúlio Vargas reconheceu o potencial do meio como ferramenta de propaganda e nacionalismo, promovendo o desenvolvimento da radiodifusão no país. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, fortaleceu o papel do rádio como veículo de comunicação oficial. Segundo Lopes (2002), "o rádio se tornou a voz do governo, ao mesmo tempo em que consolidava uma identidade nacional através da música e das novelas".

Nos anos 1940 e 1950, o rádio tornou-se o principal meio de entretenimento e informação do país, com a popularização dos programas de auditório, radionovelas e transmissões esportivas. Artistas como Emilinha Borba e Francisco Alves se tornaram ídolos nacionais graças à ampla difusão de suas canções pelo rádio.

## **2.2 O rádio educativo: iniciativas como o MEB e o Projeto Minerva**

É fundamental destacar a notável contribuição do rádio na educação brasileira como uma valiosa ferramenta de aprendizado e integração na comunidade escolar. Ao longo da história do Brasil, o rádio desempenhou um papel essencial na democratização do acesso ao conhecimento, especialmente em áreas distantes dos grandes centros urbanos. Dentre as diversas iniciativas que ilustram esse potencial educativo, merecem destaque o Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 pela Igreja Católica, e o Projeto Minerva, implementado durante a ditadura militar nos anos 1970. Ambos exemplificam como a radiodifusão foi capaz de ampliar horizontes e promover a inclusão educacional em contextos desafiadores.

O Movimento de Educação de Base (MEB) foi uma iniciativa voltada para a alfabetização de jovens e adultos, principalmente nas zonas rurais do Brasil. Sob a coordenação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e com o apoio do governo federal, o MEB utilizava o rádio como ferramenta pedagógica para alcançar comunidades sem acesso a escolas formais.

A metodologia do MEB combinava aulas radiofônicas com atividades presenciais em centros comunitários, promovendo a educação popular fundamentada nos princípios freirianos, inspirados por Paulo Freire. Com um enfoque crítico e participativo, o objetivo não era apenas a alfabetização, mas também a conscientização social e política dos alunos, incentivando a transformação da realidade local.

Essa abordagem educacional esteve fortemente influenciada pela atuação da Igreja Católica, como aponta o pesquisador João Batista de Abreu (2004). Segundo o autor, a igreja desempenhou um papel significativo no surgimento e desenvolvimento dos sistemas educativos via rádio, inclusive no Brasil. Um exemplo emblemático dessa atuação foi a criação do MEB, que, com o apoio governamental, “desenvolveu uma doutrina que ligava a educação ao trabalho de conscientização política, sob o argumento de que a verdadeira educação deveria voltar-se para a liberdade e essa liberdade só poderia existir com o pleno exercício de direitos de cidadão” (Abreu, 2004, p. 09).

Durante seu período de maior expansão, o MEB alcançou uma expressiva presença em todo o Brasil. O número de escolas radiofônicas cresceu significativamente, passando de 2.687, em dezembro de 1961, para 7.353, em setembro de 1963. Mesmo após o golpe militar, em dezembro de 1965, ainda funcionavam mais de 4.500 dessas escolas. Estima-se que, ao longo

de cinco anos, cerca de 320 mil alunos tenham concluído o ciclo de alfabetização (Fávero, 2006).

Em contrapartida, o Projeto Minerva surgiu em um contexto político distinto. Implementado pelo regime militar a partir de 1970, o programa tinha como objetivo oferecer ensino supletivo a jovens e adultos por meio do rádio. Diferentemente do MEB, o Projeto Minerva tinha uma abordagem mais técnica e conteudista, priorizando a transmissão de conhecimentos formais e técnicos em disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Sociais.

A escolha do rádio como principal meio de comunicação não foi por acaso. Sua ampla cobertura e baixo custo permitiam levar conhecimento a regiões onde o ensino formal não conseguia chegar. Como destaca Coutinho (1971), o Projeto Minerva foi destinado à complementação do trabalho de sistemas educacionais mais regulares, à colocação supletiva de adolescentes e adultos, ou à educação continuada. Podia, ainda, abranger qualquer nível de escolaridade, setores de divulgação ou orientação educacional pedagógica e profissional, ou de informações sobre unidades ou sistemas escolares de interesse. Dessa forma, Coutinho (1971) afirma:

Num país onde há falta de escolas, de material didático e até lápis e cadernos, só por intermédio dos mais eficientes recursos de comunicação de massas é possível estender a todo o povo os benefícios da cultura. Partindo desse princípio, a 29 de setembro de 1970 foi assinada uma portaria criando o Projeto Minerva – assim batizado em homenagem à deusa da sabedoria. Trata-se de uma programação educativa e cultural executada pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. O rádio foi escolhido como instrumento, pelo seu baixo custo. E o Primeiro Programa foi ao ar no dia 4 de outubro do ano passado (Coutinho, 1971, p. 44).

As aulas eram veiculadas em parceria com a Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás), fundada em 1975 com o objetivo de centralizar a gestão das emissoras de rádio e televisão pertencentes à União em todo o território nacional, e acompanhadas por material impresso distribuído aos alunos. Embora não incentivasse o pensamento crítico da mesma forma que o MEB, o Projeto Minerva foi responsável por ampliar o acesso à educação formal para milhares de brasileiros, especialmente aqueles que não tinham concluído a escolaridade básica.

Logo, essas duas iniciativas evidenciam o potencial do rádio como um meio eficaz para a educação em larga escala. Enquanto o MEB destacava a formação crítica e cidadã, o Projeto Minerva priorizava a expansão do ensino formal. Ambos demonstraram que o rádio, quando

utilizado de forma estratégica, pode romper barreiras geográficas e sociais, democratizando o conhecimento.

Por outro lado, a evolução do rádio no Brasil acompanha de perto as mudanças sociais e tecnológicas vivenciadas ao longo do tempo. Desde a era das radionovelas e dos programas de auditório, passando pela consolidação das transmissões esportivas e dos noticiários, até a atual fase digital, com a popularização dos podcasts e das rádios online, esse meio tem se mostrado dinâmico e adaptável. A globalização e os avanços tecnológicos impulsionaram novas formas de consumo radiofônico, permitindo que o conteúdo radiofônico ultrapasse as limitações geográficas e temporais. Hoje, o rádio pode ser acessado de qualquer lugar do mundo por meio da internet, preservando seu caráter democrático e sua capacidade de alcançar diversos perfis de público.

De acordo com Rachel Neuberger (2014), antes da popularização da televisão, o rádio desempenhou um papel fundamental na disseminação de comportamentos, costumes, valores e expressões artísticas e intelectuais. Ele não apenas superou limitações geográficas, mas também ampliou significativamente o acesso à informação, ao entretenimento e à cultura para milhões de pessoas. Nesse período de grande relevância histórica, o rádio deixou um legado marcante no contexto social, permanecendo vivo na memória daqueles que ainda encontram companhia e aconchego nesse meio de comunicação.

Com a chegada da televisão na década de 1950, o rádio precisou se reinventar. O declínio das radionovelas e dos programas de auditório deu espaço para novos formatos, como os programas jornalísticos e os de música segmentada. Nos anos 1970, a migração para a frequência FM trouxe maior qualidade sonora e possibilitou o surgimento das rádios especializadas em música jovem e noticiários mais dinâmicos. Kaplan (2015) destaca que "a transição para o FM não significou o fim do rádio, mas sim uma reestruturação de seus conteúdos e públicos".

Com o avanço da internet e das tecnologias digitais, o rádio passou por uma nova transformação. O surgimento das rádios online e dos podcasts ampliou o acesso ao conteúdo radiofônico e permitiu a personalização da audição. Além disso, as transmissões ao vivo via streaming possibilitaram uma interação maior com os ouvintes, adaptando-se às novas formas de consumo de informação. Porto (2010) argumenta que "a democratização da internet permitiu que o rádio expandisse seu alcance para além das fronteiras físicas, possibilitando uma audiência globalizada".

O rádio no Brasil percorreu um longo caminho desde sua primeira transmissão em 1922. Ao longo das décadas, consolidou-se como um meio de comunicação fundamental para a

sociedade brasileira, adaptando-se às mudanças tecnológicas e aos novos hábitos de consumo midiático. Mesmo diante dos desafios impostos pela era digital, o rádio permanece relevante, demonstrando sua capacidade de evoluir e atender às demandas de informação e entretenimento da população.

Ademais, o rádio é um dos mais importantes meios de comunicação do Brasil, sendo considerado o precursor da comunicação de massa no país. Desde sua chegada ao cenário nacional no início do século XX, ele desempenhou um papel central na disseminação de informações, no entretenimento e na construção da identidade cultural brasileira. Durante décadas, foi o principal veículo midiático, influenciando hábitos, costumes e comportamentos da população. Como observa Sérgio Mattos (2005), o rádio estabeleceu uma relação direta e íntima com seus ouvintes, tornando-se um elo fundamental entre as diferentes camadas sociais e contribuindo significativamente para a democratização do acesso à informação e à cultura. Mesmo após a ascensão da televisão e, mais recentemente, da internet, o rádio continua sendo um meio de comunicação relevante, adaptando-se às transformações tecnológicas e aos novos padrões de consumo de mídia (Prado, 2010).

Desde sua criação, o rádio desempenhou um papel essencial no desenvolvimento da comunicação, especialmente na difusão da educação e da cultura. Luiz (2014, p. 37) observa que o rádio proporcionou "a primeira experiência maciça de implosão eletrônica", desafiando as sociedades letradas ao promover uma reconfiguração nas dinâmicas culturais e sociais. Assim, além de informar, o rádio teve um impacto transformador na forma como as pessoas consomem conhecimento e interagem com o mundo ao seu redor.

Com o avanço tecnológico, o rádio também se adaptou às novas demandas da sociedade contemporânea. Atualmente, ele está presente em múltiplos formatos: nos sites da internet, aplicativos para dispositivos móveis, redes sociais e, especialmente, nos podcasts. Simultaneamente, o rádio tradicional continua presente por meio de transmissões em antenas, aparelhos domésticos e dispositivos portáteis, como celulares. Essa capacidade de se reinventar, sem perder sua essência, reforça seu caráter como veículo de comunicação múltiplo, atendendo às demandas de diferentes gerações.

Essa abrangência permite que o rádio transcenda o tempo e as barreiras culturais. Segundo Rêgo (2020, p. 12), "o rádio não é somente um meio de comunicação de um tempo presente e entre presentes, mas uma correia de tradicionalidades", capaz de conectar passado, presente e futuro. Por essa razão, ele permanece como uma ponte entre diferentes realidades, oferecendo experiências que se moldam às necessidades de sua audiência, mesmo em meio às rápidas mudanças tecnológicas e sociais.

A presença do rádio como companhia para seus ouvintes é um fenômeno que merece uma análise aprofundada, especialmente no que diz respeito aos fatores que contribuem para essa relação de proximidade. Um dos aspectos centrais a serem considerados é a capacidade do rádio de funcionar como um mecanismo simbólico que auxilia na superação da solidão e das dificuldades cotidianas. Diferentemente de outros meios de comunicação, o rádio possui um caráter singular, pois possibilita a criação de um vínculo subjetivo entre o ouvinte e a programação, fazendo com que este meio de comunicação assuma, em muitos casos, um papel de interlocutor íntimo. Dessa forma, o rádio pode se tornar um substituto das interações interpessoais, que nem sempre são acessíveis ou fáceis de manter, proporcionando conforto emocional e uma sensação de acolhimento aos ouvintes.

Além disso, o rádio se destaca por sua natureza sensorial, uma vez que é um meio essencialmente sonoro. A ausência de imagens visuais, longe de ser uma limitação, permite que o ouvinte construa representações mentais de acordo com sua bagagem cultural e emocional. Esse processo de imaginação contribui para reforçar a sensação de proximidade e intimidade com o meio radiofônico, tornando a comunicação mais personalizada. Cada indivíduo interpreta os sons, as vozes e os conteúdos transmitidos de maneira única, uma vez que o repertório utilizado para dar sentido a essa experiência é subjetivo e particular. Assim, a relação entre o rádio e seus ouvintes transcende a mera recepção de informações, configurando-se como uma experiência sensorial e afetiva, na qual a comunicação adquire um caráter profundamente pessoal.

Diante dessas considerações, torna-se evidente que a popularidade do rádio como companhia não se deve apenas à sua acessibilidade ou à sua praticidade, mas também à sua capacidade de estabelecer conexões simbólicas e emocionais com os ouvintes. Ao preencher lacunas emocionais e possibilitar a criação de uma esfera comunicativa subjetiva, o rádio reafirma sua relevância como um meio que vai além da simples transmissão de conteúdos, consolidando-se como um veículo de interação íntima e significativa na vida cotidiana de seus ouvintes.

Com o avanço tecnológico, o rádio passou por um processo contínuo de adaptação, expandindo sua presença para atender às novas demandas da sociedade contemporânea. Antes restrito às ondas eletromagnéticas e aos aparelhos tradicionais de recepção, ele se reinventou ao incorporar as inovações digitais, o que ampliou significativamente seu alcance e diversidade de formatos. Atualmente, o rádio está presente em múltiplas plataformas, como sites de emissoras na internet, aplicativos para dispositivos móveis, redes sociais e, sobretudo, no crescente universo dos podcasts. Esses novos formatos permitem uma experiência mais

personalizada e sob demanda, na qual o ouvinte pode escolher quando e onde consumir o conteúdo, rompendo com a linearidade da transmissão ao vivo que caracterizou o rádio ao longo de décadas.

Ao mesmo tempo, o rádio tradicional mantém sua relevância, sendo transmitido por meio de antenas convencionais, aparelhos domésticos e dispositivos portáteis, como celulares que incluem receptores de FM. Esse duplo movimento – a permanência dos formatos tradicionais e a incorporação de novas tecnologias – demonstra a flexibilidade do rádio como meio de comunicação. Diferentemente de outros veículos que enfrentaram dificuldades na transição para o ambiente digital, o rádio conseguiu preservar sua essência ao mesmo tempo em que se modernizou, tornando-se acessível a diferentes públicos e contextos de uso. Esse processo de adaptação permitiu que ele alcançasse uma audiência mais ampla, que vai desde ouvintes habituados ao modelo clássico até aqueles que consomem conteúdo em formatos digitais sob demanda.

Outrossim, a convergência midiática potencializou as possibilidades interativas do rádio. Redes sociais e plataformas digitais permitiram uma maior participação do público, que agora pode interagir em tempo real com os programas por meio de comentários, enquetes e mensagens instantâneas. Essa interatividade reforça a proximidade entre o meio e seus ouvintes, consolidando o rádio como um veículo dinâmico e adaptável às novas formas de comunicação contemporânea. Dessa forma, sua capacidade de reinvenção sem perder a identidade original reafirma seu papel como um meio de comunicação versátil e essencial, atendendo às demandas de diferentes gerações e garantindo sua permanência no cenário midiático global.

Além de sua importância histórica, o rádio destaca-se por sua base acústica característica, que permite a transmissão de conteúdos de forma envolvente e acessível. Diferente dos meios visuais, ele depende exclusivamente do som para estabelecer uma relação com o público, o que exige uma linguagem diferenciada e estratégias narrativas que estimulem a imaginação do ouvinte. Essa característica singular contribui para a criação de um vínculo afetivo entre o rádio e seu público, tornando-o um meio de comunicação capaz de despertar emoções profundas. A voz dos locutores, a escolha das músicas, os efeitos sonoros e a construção dos programas contribuem para uma experiência auditiva única, que atravessa gerações e se reinventa de acordo com o contexto social.

O rádio, enquanto veículo de comunicação, consolidou-se historicamente como um dos meios mais acessíveis e democráticos de difusão de informações, desempenhando papel central na construção de uma esfera pública plural. No campo educacional, sua relevância extrapola a função de entretenimento e se transforma em um recurso pedagógico estratégico, capaz de



potencializar processos de ensino-aprendizagem, estimular a participação social e promover o protagonismo juvenil. Conforme Consani (2007), o rádio deve ser compreendido como uma tecnologia educativa em razão de um conjunto de características que o diferenciam de outras mídias.

No plano intrínseco, explica Consani, a liberdade criativa que oferece ao ouvinte contribui para o desenvolvimento da imaginação, ao mesmo tempo em que sua cobertura praticamente ilimitada possibilita a difusão de mensagens a amplos públicos, superando barreiras físicas e sociais. A simplicidade de produção e os baixos custos envolvidos em sua implementação tornam-no uma ferramenta especialmente viável em escolas públicas, permitindo democratizar o acesso a conteúdos culturais e educativos. Ainda mais, sua agilidade na veiculação de informações reforça sua pertinência como meio de comunicação adaptável ao cotidiano escolar.

Do ponto de vista extrínseco, o autor ressalta que o rádio apresenta seletividade de informações, permitindo que educadores organizem conteúdos com foco em temáticas pedagógicas, além de valorizar a oralidade como ferramenta formativa. Essa característica é particularmente significativa no processo de ensino, pois estimula o desenvolvimento da expressão verbal, a escuta ativa e a argumentação crítica. Outro aspecto relevante é a integração do rádio com mídias digitais, como redes sociais, podcasts e vídeos educativos, que possibilitam a construção de redes comunicacionais, fortalecendo o alcance do conteúdo produzido.

Por sua vez, as características potenciais do rádio evidenciam sua vocação educativa, expressa na promoção de habilidades de comunicação, na musicalidade como elemento cultural e na prestação de serviços de utilidade pública, que ampliam o repertório cultural e social dos estudantes. Projetos escolares como a Rádio Conexão Matraca, desenvolvida na Escola Estadual Onélia Campelo, em Maceió, exemplificam esse potencial ao integrar oficinas de rádio, gravações de programas-pilotos, rodas de conversa e debates temáticos. Essa experiência evidencia o rádio como recurso inovador de ensino, que estimula a criatividade, o trabalho em equipe e o protagonismo juvenil, ao mesmo tempo em que aproxima a escola da comunidade, tornando-a espaço vivo de comunicação e cultura.

Assim, ao considerar o rádio como tecnologia educativa, observa-se que sua utilização em ambientes escolares fortalece práticas pedagógicas participativas, potencializa a formação crítica dos estudantes e democratiza o acesso ao conhecimento. A perspectiva apresentada por Consani (2007) corrobora a importância de ressignificar o papel do rádio na educação contemporânea, valorizando-o como ferramenta de inclusão social, expressão cultural e transformação pedagógica.

Segundo Maciel Consani, o fazer radiofônico na escola não se resume apenas à transmissão de informações, mas se constitui em um poderoso dispositivo pedagógico, capaz de promover experiências significativas de aprendizagem e formação cidadã. Consani exemplifica essa potencialidade destacando práticas que revelam o caráter inclusivo, formativo e criativo da mídia rádio no contexto educacional.

Entre essas práticas, destaca-se a possibilidade de garantir voz e vez a todos os participantes do processo educativo. Isso ocorre, por exemplo, ao oferecer acesso aos instrumentos da radiofonia e estimular ativamente a participação, inclusive daqueles estudantes mais tímidos ou inseguros, que podem contribuir com textos a serem lidos por colegas durante a programação. Nesse sentido, o rádio escolar se afirma como espaço de democratização da comunicação, valorizando a pluralidade de vozes e a construção coletiva do saber.

Consani também enfatiza importância do planejamento na produção radiofônica, por meio da elaboração de projetos e roteiros. Esse processo vai além do simples improviso, pois ensina o estudante a estruturar ideias, organizar conteúdo, respeitar tempo e ritmo, desenvolver roteiros para entrevistas, reportagens, radionovelas e outros gêneros radiofônicos. Assim, o trabalho com o rádio contribui para o fortalecimento de competências de leitura, escrita, planejamento textual e expressão oral.

Outra dimensão apontada por Consani é a transposição de matérias de jornais impressos para pautas radiofônicas. Essa prática incentiva a leitura crítica, o exercício de resumo e síntese, e a reescrita de fatos em uma linguagem mais coloquial, direta e acessível ao público, sem prejuízo da correção gramatical ou da qualidade do conteúdo.

No campo da escuta, Consani destaca a transcrição de trechos irradiados para o papel, especialmente músicas, como forma de exercitar a percepção auditiva e trabalhar a relação entre oralidade e escrita. Essa prática desenvolve a escuta ativa, competência fundamental para a comunicação verbal.

Finalmente, Consani chama a atenção para a revisão coletiva dos textos, o que potencializa o trabalho colaborativo e a consciência da importância da edição textual. Ao revisar em grupo, os estudantes aprendem a argumentar, negociar escolhas linguísticas e respeitar pontos de vista diversos, num movimento que reforça a dimensão dialógica da linguagem.

Dessa forma, o rádio escolar, como destaca Consani (2007), não é apenas uma técnica ou recurso didático, mas uma prática social e cultural que pode integrar diferentes saberes e habilidades, construindo pontes entre educação, comunicação e cidadania.

### 2.3 O rádio como instância de produção de sentidos e ativação do imaginário

O rádio, enquanto veículo de comunicação de massa, estabelece uma arena privilegiada para a articulação entre linguagem, subjetividade e produção de sentidos. Longe de se limitar à função informativa, o rádio opera como dispositivo simbólico que invoca a alteridade em sua essência. Produzir conteúdo radiofônico, portanto, implica reconhecer a presença do outro, o ouvinte, como sujeito de direito na partilha de significados, mesmo que este permaneça invisível ou silencioso. É nessa relação assimétrica, porém profundamente interativa, que se estrutura a escuta como prática cultural. “O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte” proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas, fazendo do rádio um veículo companheiro” (Barbosa Filho, 2003, p. 47).

O produtor de rádio, ao lançar sua voz no éter<sup>2</sup>, dirige-se a alguém - um outro projetado, mas real - cuja atenção deve ser conquistada por meio de uma linguagem inteligível, envolvente e capaz de provocar ressonância cognitiva e afetiva. Esse “alguém” é o ouvinte por excelência, cujas formas de recepção são mediadas tanto pela linguagem como pelos códigos culturais, experiências subjetivas e esquemas de interpretação que o constituem como sujeito sensível. O “eu” que fala e o “outro” que ouve estão ligados por um elo simbólico cuja tessitura se realiza na mensagem, espaço de inscrição do sentido, de negociação de significados e de ativação do imaginário.

A linguagem radiofônica, mesmo quando sustentada por um texto escrito, é fundamentalmente oral e performática. Trata-se de uma linguagem marcada por traços da oralidade e por elementos paralinguísticos que enriquecem a significação para além do conteúdo verbal. A ausência de imagens visuais estimula a escuta ativa e convoca o ouvinte a preencher as lacunas com imagens mentais que nascem da imaginação. O rádio, nesse sentido, potencializa o imaginário ao promover uma experiência sensorial e simbólica única, distinta de outras mídias visuais e digitais.

O imaginário, tal como compreendido nesta perspectiva, é a faculdade humana de representar, evocar e simbolizar o ausente. Ele se constitui como processo cognitivo e estético que permite ao sujeito reconfigurar o real, subvertendo a linearidade do factual. Como destaca

---

<sup>2</sup> A metáfora da voz como “éter” remete ao termo grego *aithér* — designação antiga do meio que preencheria o espaço e permitiria a propagação das ondas, e também ao éter químico, volátil e com efeitos sobre o ouvinte — sugerindo a capacidade da voz no rádio de se difundir rapidamente e impactar quem o escuta, conectando-se ao cotidiano dos ouvintes.

Iser (1996), ao refletir sobre o texto literário, “apenas a imaginação é capaz de captar o não dado”, o que permite ao leitor — ou ao ouvinte, no caso do rádio — construir sentido a partir daquilo que está sugerido, mas não explicitado. A escuta radiofônica, assim como a leitura literária, exige uma participação ativa na construção dos significados, por meio de uma experiência de preenchimento das lacunas deixadas pela linguagem.

Nesse processo, a palavra falada se torna signo fluido, capaz de evocar imagens, emoções e memórias. O ouvinte projeta significados a partir de seu repertório semântico e cultural, de sua memória individual e coletiva, de seus afetos e vivências. Trata-se de uma escuta que transcende o simples decodificar de palavras, inserindo-se no campo da interpretação subjetiva e da representação simbólica. A mediação radiofônica, portanto, não apenas comunica, mas convoca sentidos, invoca lembranças e ativa zonas latentes da sensibilidade do sujeito.

Maurice Halbwachs (1990), ao abordar o conceito de memória coletiva, oferece contribuições fundamentais para compreender essa dimensão simbólica e social da escuta. Para o autor, a memória não é um dado puramente individual, mas se organiza a partir de estruturas coletivas que delimitam os marcos de lembrança. O rádio, ao veicular conteúdos que mobilizam narrativas, vozes, músicas, sotaques e informações socialmente significativas, inscreve-se como agente formador e transmissor da memória coletiva. Ele permite que grupos sociais reconstruam suas identidades por meio da evocação de experiências compartilhadas, transformando-se, assim, em um dispositivo de preservação e atualização cultural.

A lembrança, nesse sentido, não emerge do vazio, mas é catalisada por sinais, signos e estímulos que reativam determinadas zonas de significado. Halbwachs (1990, p. 37) observa que “na base da lembrança, há o chamado a um estado de consciência puramente individual”, mas esse estado está atravessado por elementos do pensamento coletivo. A escuta radiofônica se insere nesse processo como prática de reconfiguração do vivido e como ferramenta de acesso à memória, seja ela afetiva, cultural ou histórica.

Conclui-se, portanto, que o rádio, ao se ancorar na linguagem falada e na escuta, torna-se meio privilegiado de construção de sentidos, ativação do imaginário e mobilização da memória coletiva. Ele propõe uma experiência estética que é, ao mesmo tempo, subjetiva e social, sensível e política, e que demanda do ouvinte uma postura ativa, criativa e interpretativa. A produção radiofônica, nessa perspectiva, ultrapassa os limites da comunicação tradicional, transformando-se em um ato de alteridade e em um gesto simbólico de partilha de mundos.

## 2.4 Por que ainda ouvimos rádio?

Apesar da pluralidade de mídias digitais, dos algoritmos personalizados e da crescente adesão às plataformas sob demanda, o rádio permanece como uma presença constante no cotidiano de milhões de pessoas. Tal persistência não pode ser explicada apenas pela conveniência técnica ou pela gratuidade do acesso. Ouvir rádio constitui uma experiência estética, emocional e social que transcende a simples recepção de conteúdo: trata-se de uma prática de escuta sensível, profundamente enraizada na cultura e na subjetividade do ouvinte.

Desde suas origens, o rádio não apenas transmite informações, mas provoca sensações, estimula a imaginação e convida à reflexão. A escuta radiofônica, longe de ser passiva, envolve o sujeito em uma fruição compreensiva, mediada por elementos como trilhas sonoras, entonações vocais, pausas calculadas, efeitos sonoros e narrativas cuidadosamente construídas. Tais elementos conferem ao rádio um caráter artístico que transforma o ato de ouvir em uma vivência significativa. Nesse sentido, a recepção radiofônica é marcada por afetos, memórias e interpretações, consolidando o rádio como uma mídia de presença e envolvimento.

Além de sua dimensão estética, o rádio se destaca por sua acessibilidade e agilidade na veiculação de informações. Mesmo diante da instantaneidade das redes sociais, ele mantém sua relevância como fonte de notícias em tempo real, especialmente em contextos de crise, desastres naturais ou acontecimentos de interesse público. Nesse aspecto, o rádio não apenas informa: ele ancora o sujeito na realidade social, ajudando-o a compreender o mundo e a posicionar-se diante dele. Ouvir rádio é, portanto, também um ato de pertencimento, de inserção no tecido social e no fluxo dos acontecimentos.

A construção de vínculos afetivos é outro elemento que explica a permanência do rádio como meio de comunicação privilegiado. O ouvinte se reconhece nas vozes que escuta, nos sotaques, nas escolhas musicais e nas pautas que ressoam sua própria realidade. A linguagem próxima, calorosa e muitas vezes coloquial do rádio gera um sentimento de intimidade que poucas outras mídias conseguem reproduzir. Não raro, o rádio é presença companheira em momentos de solidão, sendo capaz de provocar risos, lágrimas, reflexões e aprendizados em um único programa.

A esse respeito, vale ressaltar a análise de Cunha (in Moreira; Bianco, 2001, p. 101), ao afirmar que “o valor de permanência do rádio no horizonte atual e futuro próximo segue baseado na sua capacidade de suscitar efeitos junto à recepção e no seu poder de mobilização”. Ou seja, o rádio continua sendo relevante não por resistir à modernidade, mas por se reinventar continuamente a partir da escuta ativa que provoca e da mobilização afetiva e social que

desencadeia. A força do rádio reside exatamente na sua habilidade de tocar o ouvinte, de criar redes simbólicas de pertencimento e de fomentar sentidos compartilhados, ainda que mediados pela invisibilidade da voz.

Portanto, as pessoas ainda ouvem rádio porque ele continua sendo, mais do que nunca, um espaço de construção de sentidos, de escuta ativa e de presença humana. Em sua aparente simplicidade, o rádio carrega uma potência comunicativa singular: promove encontros, estimula a imaginação, fortalece laços culturais e amplia a percepção de mundo. Ele não apenas resiste ao tempo - ele o transforma, ao manter viva uma escuta que é, acima de tudo, uma forma de estar com o outro.

O rádio permanece como um veículo fundamental no Brasil, alcançando todas as regiões do país, segundo a pesquisa Inside Audio 2024 da Kantar Ibope Media. Atualmente, 79% da população brasileira sintoniza o rádio, dedicando em média 3 horas e 55 minutos diários ao meio. Mais do que um canal, o áudio se consolida como forma essencial de comunicação: 91% dos brasileiros consumiram algum formato de áudio, enquanto 88% dos ouvintes de rádio enviaram ou receberam mensagens de áudio por aplicativos de mensagem instantânea. A popularização do acesso digital alterou profundamente os hábitos de escuta: 38% dos ouvintes afirmam que o rádio online modificou sua relação com o meio. A pesquisa também demonstra que o consumo de rádio ocorre de modo diversificado, por múltiplas plataformas, confirmando sua adaptabilidade e relevância contemporânea.

A seguir, apresenta-se um quadro com uma síntese dos principais dados extraídos da pesquisa Inside Audio 2024, realizada pela Kantar Ibope Media. Esses dados demonstram a relevância contínua do rádio como meio de comunicação e sua capacidade de adaptação às transformações digitais.

### **Quadro 1 - Síntese de dados da Inside Audio**

<b>Indicador</b>	<b>Percentual/Dados</b>
Rádio ouvido pela população brasileira	79%
Tempo médio diário de consumo de rádio	3h55min
Brasileiros que ouviram algum formato de áudio	91%
Ouvintes de rádio que enviaram ou receberam áudios via serviços de mensagem instantânea	88%
Ouvintes que consideram que ouvir rádio online transformou o hábito	38%

Plataformas de consumo de rádio	Percentual
AM/FM	78%
Youtube (Total)	28%
Youtube (Apenas Áudio)	16%
Youtube (Ao vivo/com imagem)	16%
Serviços de streaming de áudio	12%
Aplicativo da emissora	9%
Redes sociais da emissora	7%
Site da emissora	7%
Podcast	6%

**Referência:** RISO, Anabela. Rádio é ouvido por 79% da população brasileira, aponta Kantar Ibope Media. Rede Globo, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pi/redeclube/clube-oportunidades/noticia/radio-e-ouvido-por-79percent-da-populacao-brasileira-aponta-kantar-ibope-media.ghml>. Acesso em: 1 jun. 2025.

## 2.5 A oralidade no ensino da Língua Portuguesa à luz da BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes fundamentais para a organização do currículo escolar brasileiro e, no campo da Língua Portuguesa, a oralidade assume papel central como prática que articula linguagem, interação social e construção do conhecimento. Muito além de uma habilidade comunicativa isolada, a oralidade é compreendida como instrumento de participação cidadã e de expressão da identidade dos sujeitos. A escola, nesse contexto, deve assumir a responsabilidade de desenvolver sistematicamente essa competência, reconhecendo suas especificidades e potencialidades nos mais diversos contextos sociais, culturais e midiáticos.

De acordo com a BNCC (2019), a prática da oralidade envolve múltiplas dimensões, que vão desde a consideração das condições de produção dos textos orais até a relação entre fala e escrita, passando pela escuta ativa, pela produção de textos orais em diferentes gêneros e pela compreensão dos efeitos de sentido provocados por recursos linguísticos e multissemióticos. Isso implica uma abordagem crítica e reflexiva, capaz de ampliar o repertório comunicativo dos estudantes e favorecer sua atuação social.

A oralidade, como aponta a BNCC, deve ser desenvolvida a partir da reflexão sobre os contextos de produção, com atenção aos gêneros discursivos, às mídias envolvidas e aos campos de atividade em que os textos circulam. Assim, o ensino da oralidade precisa considerar

aspectos formais, estilísticos e linguísticos que variam conforme a situação comunicativa, além de valorizar a multimodalidade e a multissemiose – ou seja, os diferentes modos de construção de sentido, como os gestos, as expressões faciais, a entonação, os recursos sonoros e visuais, entre outros.

Nesse sentido, torna-se essencial reconhecer que a oralidade é uma prática que pode levar os estudantes a desenvolverem, além de variadas habilidades relativas à fala, formas de expressão mais conscientes, críticas e articuladas com a realidade social em que vivem. A aprendizagem escolar pode transformar não apenas a competência linguística, mas também a forma como os sujeitos se posicionam no mundo, tornando-se mais aptos a interagir, argumentar e se fazerem ouvir em diferentes esferas da vida pública e privada.

Ao aprender sobre elementos como timbre, ritmo, volume, pausas e gestualidade, os estudantes desenvolvem uma percepção mais apurada dos efeitos de sentido que podem provocar com sua fala. Essas habilidades, ao serem trabalhadas de forma intencional, como ocorre em projetos educativos como o da rádio escolar, contribuem diretamente para a formação de sujeitos comunicativos, reflexivos e socialmente engajados. A experiência prática de falar ao microfone, de ouvir e ser ouvido, de planejar falas e escutar com atenção ativa, amplia as possibilidades de atuação dos estudantes em outros contextos – seja em uma entrevista de emprego, em uma apresentação pública, em debates comunitários ou na vida acadêmica.

Como destaca Castilho (1998, p. 13), “não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa.” Para o autor, é necessário que o ensino de Língua Portuguesa valorize a reflexão sobre a língua falada, pois ela não apenas complementa, mas também fundamenta o domínio da linguagem escrita. Deixar de lado a reprodução de esquemas classificatórios, centrando o trabalho pedagógico na análise crítica e funcional da linguagem, permite reconhecer o valor formativo da oralidade. Nesse processo, a escola deixa de ser um espaço exclusivo de normatização da linguagem escrita e se transforma em lugar de pluralidade, onde se reconhecem as diferentes vozes, sotaques, modos de dizer e significar o mundo.

Além disso, a BNCC enfatiza a importância da escuta ativa e da produção oral qualificada, que considerem os aspectos multissemióticos da comunicação – como a sincronização entre fala e imagem, os gestos, os sons e os efeitos expressivos. Esse tipo de abordagem é especialmente eficaz quando aplicado a contextos pedagógicos que integram múltiplas linguagens, como a rádio escolar, o teatro, as apresentações orais e os debates. Tais práticas criam oportunidades para que os estudantes compreendam e se apropriem dos gêneros



orais mais recorrentes no seu cotidiano, ao mesmo tempo em que ampliam seu repertório linguístico, cultural e crítico.

Por fim, a BNCC propõe ainda a articulação entre fala e escrita, evidenciando que ambas as modalidades estão em constante diálogo nas práticas sociais. Compreender essas relações permite aos estudantes perceber que escrever e falar são modos distintos, mas interdependentes, de organizar e expressar o pensamento. Assim, atividades que envolvem a oralização de textos escritos, como seminários, programas de rádio ou apresentações escolares, são fundamentais para desenvolver a consciência linguística e discursiva.

Dessa forma, o trabalho com a oralidade, fundamentado nas orientações da BNCC e nos estudos de autores como Castilho (1998), revela-se como eixo essencial da formação dos estudantes, não apenas para o domínio da linguagem, mas também para a construção de uma cidadania plena, crítica e participativa. Ao compreender e produzir textos orais com consciência dos contextos, dos efeitos de sentido e dos recursos expressivos envolvidos, o estudante amplia sua capacidade de se comunicar, de compreender o outro e de intervir no mundo com autonomia e responsabilidade.

A oralidade, a leitura e a escrita integram o cotidiano humano de maneira indissociável e articulada, constituindo três dimensões fundamentais da linguagem que se alimentam mutuamente no processo de desenvolvimento das habilidades comunicativas. Essas práticas linguísticas não se estabelecem de forma isolada, mas em constante interação e influência recíproca, contribuindo significativamente para a formação crítica, social e cultural dos sujeitos.

Nesse sentido, é fundamental compreender que o trabalho com a linguagem na escola deve abarcar de forma integrada essas três dimensões. Como afirma Dias:

Nossa tarefa, como educadores, seria abordar os mais variados tipos de textos em sala de aula, analisando as semelhanças e diferenças, a estrutura textual de cada um, o vocabulário utilizado, buscando incentivar a leitura, a interpretação e a produção pelos próprios alunos dos mais variados portadores de textos existentes e utilizados em nossa sociedade (Dias, 2001, p. 25),

Essa perspectiva amplia a função do ensino de Língua Portuguesa para além da decodificação de palavras ou da mera normatividade gramatical, reconhecendo o papel social da linguagem e a diversidade de gêneros que circulam nas esferas públicas e privadas.

No entanto, o ensino tradicional, por muito tempo, construiu e manteve uma dicotomia rígida entre fala e escrita, atribuindo à escrita um status de superioridade em relação à oralidade. Essa concepção, ainda presente em algumas práticas pedagógicas, considera a fala como uma manifestação linguística instável, desviante e marcada por erros. Segundo Antunes (2003), essa

suposta supremacia da escrita sobre a fala é fruto de uma ótica equivocada, que vê a oralidade como um campo propício à transgressão das normas gramaticais. Essa visão reducionista está ligada a uma herança tradicionalista que transformou a gramática normativa na principal, senão única, ferramenta de ensino da língua.

Contudo, essa concepção precisa ser revista à luz de uma abordagem mais contemporânea, que reconheça o valor e a complexidade da linguagem oral. Como ressalta Antunes (2010):

Com o devido cuidado para que não se crie ideia falseada de que a fala se opõe à escrita, será interessante que o professor saiba ressaltar os pontos formais e funcionais em que os textos orais e os textos escritos são diferentes. Como se sabe, as modalidades orais e escritas da língua guardam similaridades e apresentam diferenças. O confronto entre uma e outra – desde que se considerem os mesmos níveis de registro (fala formal e escrita formal, por exemplo) – pode ser bastante produtivo para compreensão daquelas similaridades e diferenças e para entendimento das mútuas influências de uma sobre a outra (Antunes, 2010, p. 101).

Essa reflexão permite compreender que a oralidade não é inferior nem menos estruturada do que a escrita. Ela apenas opera segundo lógicas próprias, muitas vezes mais dinâmicas, interativas e situadas no contexto imediato da comunicação. A escola, portanto, precisa assumir a tarefa de valorizar e explorar as diversas formas de manifestação linguística, tratando fala e escrita não como opostos excludentes, mas como práticas interdependentes e complementares.

Como propõe D'Oliveira (2018), deve-se compreender fala e escrita como partes de um continuum tipológico, e não como polos inconciliáveis. Isso significa admitir que há gêneros discursivos que, embora veiculados oralmente, apresentam características da escrita - como a formalidade lexical e a organização lógica -, e vice-versa. Tal compreensão amplia as possibilidades de trabalho com os textos em sala de aula e contribui para uma formação linguística mais crítica, plural e contextualizada.

Desse modo, ao superar os paradigmas da dicotomia e da hierarquização entre modalidades da linguagem, a escola contribui para formar sujeitos que compreendem as múltiplas formas de se comunicar no mundo contemporâneo e se apropriam, com autonomia, dos diferentes registros linguísticos e das diversas práticas discursivas que circulam na sociedade.

Sob esse enfoque, a Rádio Escola foi um espaço pedagógico que integrou de forma articulada a oralidade, a leitura e a escrita, promovendo práticas significativas de linguagem no cotidiano escolar. Ao participar da produção e apresentação dos programas, os alunos

desenvolveram a oralidade em contextos reais de comunicação, exercitando a escuta, a fala planejada e o uso adequado de diferentes gêneros orais. A leitura também se fez presente como etapa fundamental na pesquisa, seleção e compreensão de informações, ampliando o repertório dos estudantes e fortalecendo a capacidade de análise crítica dos conteúdos.

A escrita, por sua vez, foi mobilizada na elaboração de roteiros, vinhetas e textos para a programação, permitindo que os alunos aprimorassem sua competência textual, com foco na clareza, coesão e adequação à linguagem oralizada. Dessa forma, a rádio escola contribuiu para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e protagonistas, ao unir linguagem e prática social em um ambiente que valorizou a comunicação, o trabalho colaborativo e o vínculo entre escola e comunidade.

Com base nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a oralidade assumiu um papel central no ensino da Língua Portuguesa, passando a ser entendida como uma prática significativa que foi vivenciada em sala de aula por meio de atividades estruturadas tanto de escuta quanto de produção de textos orais. A proposta foi além da simples valorização da fala cotidiana: buscou-se desenvolver no aluno a competência discursiva, ou seja, a capacidade de compreender e produzir diferentes gêneros orais que circularam nos diversos contextos sociais. Isso implicou não apenas reconhecer os usos espontâneos da linguagem, mas também promover o domínio consciente de formas mais elaboradas e formais de enunciação.

Sob essa perspectiva, o ensino da oralidade deve ser orientado para ampliar as possibilidades de atuação dos estudantes nos múltiplos campos da vida social, sobretudo naqueles em que o uso da palavra pública é condição essencial para o exercício da cidadania, como nas esferas política, educacional e cultural. Conforme apontam os PCN,

[e]nsinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apóiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (Brasil, 1998, p. 67).

Desse modo, o trabalho com a oralidade na escola deve ser sistemático e planejado, contemplando atividades que favoreçam a escuta ativa, o planejamento do discurso, a organização das ideias e o uso adequado da linguagem conforme a situação comunicativa. A escola, portanto, tem a responsabilidade de criar espaços para que os estudantes desenvolvam

não apenas a fluência oral, mas, sobretudo, o domínio dos gêneros discursivos orais que lhes permitam participar criticamente da vida em sociedade.

### 2.5.1 Gênero oral radiofônico

O gênero oral radiofônico, caracterizado pela produção de conteúdos voltados à comunicação através das ondas do rádio, possui um caráter singular devido à sua fusão entre elementos de oralidade e de comunicação massiva. Esse gênero é amplamente utilizado por estações de rádio, que são veículos tradicionais e, ao mesmo tempo, contemporâneos na transmissão de informações, entretenimento e cultura. A especificidade do gênero radiofônico está diretamente ligada à sua natureza auditiva e à interação com o público, criando uma comunicação imediata e envolvente (Ferrareto, 2001; Bucci, 2000).

A principal característica do gênero radiofônico é a oralidade. A comunicação no rádio é feita por meio da voz, o que exige do locutor a habilidade de transmitir informações de maneira clara, objetiva e envolvente. O rádio não permite o recurso visual, o que torna a voz, os efeitos sonoros e a música os principais meios de expressar emoções, criar atmosferas e sustentar a narrativa (Sodré, 1984). Sobre esta perspectiva, Lopes (2010) afirma:

“Deve-se levar em conta que toda informação no rádio é transmitida pela fala e que a fala apresenta implicações que vão além do texto escrito. A entonação, os silêncios, as demais ferramentas informativas sonoras, como os efeitos, trilhas ou som ambiente podem alterar o sentido do que se informa. Neste caso, a informação não assumiria necessariamente um papel interpretativo, mas opinativo, alterando sua definição como gênero jornalístico.” (Lopes, 2010, p. 69)

Além disso, o gênero radiofônico é marcado por uma estrutura dinâmica, com foco na comunicação direta e fluída. Diferente de outros gêneros de comunicação, como o jornalístico escrito ou a televisão, que dependem de imagens, o rádio exige do locutor uma capacidade de manter o ouvinte atento e interessado apenas com palavras e sons. O uso de uma linguagem simples, objetiva e coloquial é fundamental para garantir que a mensagem seja compreendida rapidamente (Ferrareto, 2001; Pena, 2005).

O rádio desempenha diversas funções sociais, culturais e educativas. Em primeiro lugar, ele serve como canal de informação, oferecendo notícias e atualizações em tempo real, o que contribui para a formação de opinião pública. A função informativa do rádio é complementada pela sua capacidade de entreter e educar o público, com programas voltados para diferentes faixas etárias e interesses (Prata, 2001). Por meio de debates, entrevistas e quadros temáticos,

o gênero radiofônico possibilita uma comunicação interativa que pode ir além da simples transmissão de informações.

A função de preservação da memória cultural também é essencial no gênero radiofônico. Muitas emissoras de rádio, especialmente as comunitárias e educativas, desempenham um papel importante na preservação de tradições culturais locais, através da veiculação de músicas, histórias e conteúdos específicos de uma determinada região ou grupo social. O rádio se torna, assim, um meio de inclusão social, proporcionando voz a comunidades que muitas vezes não têm acesso a outros meios de comunicação de massa.

A responsabilidade da expressão corporal, juntamente com a voz e a palavra, no transporte da mensagem do orador ao público é um aspecto crucial em qualquer forma de comunicação. No contexto da rádio escolar, essa interdependência entre os elementos comunicativos se torna especialmente relevante, uma vez que a transmissão de conteúdos envolve a conexão entre o locutor e o ouvinte, mesmo na ausência de elementos visuais, comuns em outras formas de comunicação como o teatro ou a televisão (Barros, 2004).

A expressão corporal, em sua definição mais ampla, engloba todos os movimentos e gestos do corpo que acompanham a fala, ajudando a transmitir emoções, intencionalidades e a intensidade da mensagem. Em uma rádio escolar, por exemplo, onde o locutor transmite conteúdos educativos, informativos ou culturais, a utilização de uma expressão corporal adequada pode influenciar na clareza da mensagem e na capacidade de envolver a audiência. Mesmo que o público não visualize fisicamente o orador, a postura, a movimentação das mãos e a expressividade do rosto durante a locução podem ser internalizadas pelo ouvinte, pois esse, ao ouvir a voz, tende a criar imagens mentais que são moldadas pelas nuances e pela energia transmitida pela corporalidade do locutor (Barros, 2004).

A voz, como veículo primordial da comunicação oral, é o elemento mais imediatamente perceptível e essencial na transmissão de uma mensagem. Ela carrega a mensagem verbalmente, porém, seu poder vai além da simples articulação das palavras. A entonação, o ritmo, o volume e a modulação da voz são fundamentais para enfatizar pontos importantes e para manter o ouvinte atento e engajado. Na rádio escolar, onde o público muitas vezes é composto por estudantes e educadores, a qualidade vocal do locutor pode estabelecer um vínculo de confiança e proximidade com os ouvintes, proporcionando uma experiência mais imersiva (Pena, 2005).

Logo, a palavra, para além de simples expressão do pensamento humano, configura-se como prática de engajamento. É por meio dela que os sentidos são construídos, compartilhados e ressignificados, conferindo à mensagem não apenas estrutura, mas também potência comunicativa, crítica e transformadora. Na rádio escolar, a palavra pode ser utilizada de maneira

estratégica para promover discussões, esclarecer dúvidas ou simplesmente entreter. A escolha precisa do vocabulário, a clareza na articulação e a capacidade de adaptação ao público-alvo são elementos essenciais para o sucesso de qualquer locução. Quando combinada de forma harmoniosa com a expressão corporal e a voz, a palavra se torna um instrumento potente de comunicação, capaz de transitar com eficácia entre o orador e os ouvintes, promovendo não apenas a compreensão, mas também o engajamento (Barros, 2004; Prata, 2001).

No contexto da rádio escolar, essas três dimensões – expressão corporal, voz e palavra – não operam de forma isolada, mas se complementam. A habilidade do locutor em alinhar esses elementos é crucial para a construção de uma comunicação eficaz e para o sucesso de uma rádio que, além de ser um canal de transmissão de conhecimento, também desempenha um papel educativo e formativo. A responsabilidade desse processo envolve a constante reflexão sobre como cada aspecto da comunicação pode ser otimizado para facilitar o entendimento e promover uma interação significativa entre locutor e audiência.

A linguagem radiofônica, especialmente no contexto de uma rádio escolar, é caracterizada por uma série de particularidades que a distinguem das notícias veiculadas nas mídias convencionais, como jornais, revistas ou até mesmo na televisão. Esse estilo de comunicação exige uma adaptação tanto da forma quanto do conteúdo para garantir que a mensagem seja eficaz e compreendida de maneira clara e direta pelo público-alvo, composto majoritariamente por estudantes e educadores (Pena, 2005).

Dentre as características mais marcantes da linguagem radiofônica, destacam-se as frases curtas e a preferência pela ordem direta. Esse tipo de estrutura é utilizado para facilitar a compreensão imediata do ouvinte, uma vez que, ao contrário da leitura, a rádio não permite que o receptor releia a informação ou pague seu ritmo de consumo. Por isso, as frases precisam ser objetivas e de fácil assimilação, permitindo que a mensagem seja absorvida rapidamente. A ordem direta, em que o sujeito geralmente vem antes do verbo, também contribui para uma comunicação mais dinâmica e clara, evitando construções complexas que possam dificultar o entendimento (Ferrareto, 2001).

Além disso, a rádio escolar, ao focar em notícias do âmbito escolar, precisa atender a um público que vive e respira o contexto educacional. As notícias veiculadas devem ser, portanto, relevantes, imediatas e de interesse da comunidade escolar, como eventos, atividades extracurriculares, resultados de competições, comunicados importantes da administração escolar e outros assuntos diretamente ligados ao cotidiano do aluno e do corpo docente. A linguagem utilizada deve ser acessível e engajante, utilizando um tom próximo e amigável, que incentive a participação do público e estimule o interesse pelas pautas abordadas (Prata, 2001).

Outro aspecto fundamental é o uso da oralidade na comunicação radiofônica. A natureza do meio exige que a locução seja realizada de forma clara e com entonação adequada, para que a informação seja transmitida de maneira eficiente. O locutor deve usar uma dicção correta e um ritmo de fala que não seja nem demasiado rápido, o que poderia dificultar a compreensão, nem excessivamente lento, o que poderia tornar o conteúdo entediante. A modulação vocal deve ser usada para destacar pontos importantes e para criar um clima envolvente, principalmente quando se trata de eventos e notícias que envolvem a participação ativa da comunidade escolar (Sodré, 1984; Bucci, 2000).

Em contrapartida, nas mídias convencionais, como a televisão e o jornal impresso, a estrutura das notícias tende a ser mais formal, com frases mais longas e complexas, que demandam maior tempo de leitura ou visualização. Essas mídias também podem contar com a presença de imagens e vídeos que auxiliam na compreensão da mensagem, algo que não ocorre na rádio, onde a capacidade de envolver o público está atrelada exclusivamente ao uso eficaz da voz e da sonoridade.

Portanto, a rádio escolar, por ser um veículo de comunicação voltado para um público específico e pelo seu caráter efêmero e oral, exige uma linguagem diferenciada, baseada na simplicidade, clareza e dinamismo. A adaptação à oralidade, a preferência por frases curtas e a utilização da ordem direta são essenciais para o sucesso na transmissão das notícias e para o engajamento da comunidade escolar, tornando a rádio um canal de comunicação vital para o ambiente educacional.

## **2.6 O texto falado no rádio: o lugar da fala e da escrita**

O texto falado vem superando a ideia de que a fala é caótica e não sistematizável, pesquisadores passam a se debruçar sobre suas regularidades e funcionamento, de modo a se constituir uma visão do texto falado enquanto atividade estruturada, com regularidades próprias de organização. Acerca dessas regularidades próprias de organização, Jurban (2015) explica que

Na análise da construção do texto falado, foi constatado que o fluxo de informação pode desenrolar-se de modo contínuo, materializando-se por meio de estruturas linguísticas próximas às do texto escrito prototípico, mas pode também ser obstaculizado, dando origem a descontinuidades, que conferem um ritmo ralentado à progressão temática. Tais descontinuidades muitas vezes subvertem a organização canônica dos constituintes da frase, porém se justificam no âmbito interacional, porque decorrem de necessários reajustes da formulação textual em processo, tendo em vista a eficácia comunicativa. (Jurban, 2015, p. 28-29).

Na explanação da autora, fica evidente que há diferentes modos de produção e organização do texto falado. O seu fluxo de informações pode ser contínuo, aproximando-se de estruturas linguísticas dos textos escritos ‘prototípicos’, ou podem haver descontinuidades. O importante é perceber que essas descontinuidades, que aparentemente diluem a progressão temática, são elementos interacionais visíveis numa formulação textual em processo, isto é, em elaboração simultânea à exposição. Cabe ressaltar que essa descontinuidade muitas vezes esteve na base das maiores críticas ao texto falado, mas que, diferentemente de constituir um “defeito” deste, trata-se de uma regularidade, uma característica marcada pela natureza da interação face a face, ou seja

A peculiaridade de o texto falado prototípico acontecer em uma situação comunicativa face a face, dentro de um processo dialógico de grande envolvimento entre os interlocutores coparticipantes em sua produção, de ser localmente construído, com grau reduzido de planejamento prévio, promove o aparecimento de descontinuidades marcadas por hesitações, interrupções, repetições, correções, parafraseamentos, inserções, segmentações, elipses, entre outros fatos. [...] as descontinuidades são fenômenos constitutivos do texto falado, e integram normalmente sua construção. (Jurban, 2015, p. 36).

O apresentar-se enquanto se faz, assim como a dinâmica da interlocução, imprimem ao texto falado descontinuidades que, no contexto de produção, não comprometem a comunicação, pelo contrário, atendem a necessidades de uma interação face a face na qual o planejamento do próximo passo do texto depende, em certa medida, da avaliação acerca de como o texto está sendo recebido, ou de um reajuste, a partir de uma interrupção pelo interlocutor, entre muitas outras possibilidades, como as citadas no fragmento anterior. Fato é que essa descontinuidade não afeta a comunicação, sendo que algumas delas manifestam-se em todos os gêneros de textos falados. Dentre essas descontinuidades, Jurban (2015, p.47), chama a atenção para a hesitação e a interrupção, que são, segundo a autora, fenômenos específicos da oralidade, por serem observáveis em todos os gêneros de textos falados.

A interrupção é o fenômeno marcado como um inacabamento, buraco ou vazio, no fluxo do texto oral. De acordo com Souza-e-Silva e Crescitelli (2015, p. 69), “o fenômeno da interrupção tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor”. Isso significa que o próprio locutor pode estabelecer uma pausa em sua fala (autointerrupção), ou que essa pausa pode ocorrer quando o interlocutor toma a palavra (heterointerrupção). As autoras alertam para o fato de que a retomada é o elemento que consolida a interrupção, após o lapso no fluxo da fala. Se não houver retomada, significa que a fala acabou, de fato. A hesitação, por sua vez, constitui rupturas da



fala, sintática e prosodicamente falando, por meio de pausas, alongamento de vogais, uso de marcadores discursivos.

A hesitação é uma atividade que atua no plano do processamento do texto e “revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento on-line de formas e conteúdos” (Marcuschi, 2015, p.50). Pode-se observar a hesitação através de: expressões hesitativas (éh, ah, ahn, mm); fenômenos prosódicos como o alongamento vocálico; marcadores discursivos acumulados (sei lá, quer dizer, então, né, olha), entre outros elementos. O autor defende que “a hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante” (Marcuschi, 2015, p. 49).

As entrevistas orais que constituem os textos-base desta pesquisa apresentam um certo volume de hesitações e interrupções. As hesitações normalmente mostram-se como recursos de planejamento ou reajuste do texto, considerando que os entrevistados estão sob pressão e tentam evitar declarações polêmicas, ou cometer “erros” que os comprometam. As interrupções, em sua maioria, ocorrem pela tomada da palavra por parte do interlocutor (os entrevistadores, em diversas passagens, interrompem os entrevistados para exigir que vão ao ponto central que lhes foi perguntado, ou para mudar o tópico, ou para replicar algo dito pelo entrevistado; este, por sua vez, interrompe o entrevistador para concluir um pensamento, ou ratificar algo numa fala não concluída).

Essa dinâmica pode ser explicada pelo próprio modo como o texto falado é produzido: ele se constrói em tempo real, em uma situação de interação, com baixo grau de antecipação e planejamento, como também destaca Jurban (2015):

A peculiaridade de o texto falado prototípico acontecer em uma situação comunicativa face a face [...] de ser localmente construído, com grau reduzido de planejamento prévio, promove o aparecimento de descontinuidades marcadas por hesitações, interrupções, repetições, correções, parafraseamentos, inserções, segmentações, elipses, entre outros fatos (Jurban, 2015, p. 36).

Durante os ensaios de gravação dos programas pilotos, foram recorrentes nas falas dos alunos dois fenômenos típicos da oralidade: a hesitação e a interrupção. Essas ocorrências manifestaram-se tanto nos momentos de fala espontânea quanto nos ensaios das entrevistas conduzidas pelos próprios estudantes.

As hesitações, expressas por pausas, alongamentos vocálicos, uso de interjeições como “é...”, “ahn...”, “tipo assim...”, revelaram não apenas a tentativa dos alunos de encontrar as palavras adequadas, mas também sua preocupação com a imagem que estariam projetando

como locutores. Como observa Marcuschi (2015, p. 50), esses fenômenos são típicos do processamento on-line da fala: “A hesitação é uma atividade que atua no plano do processamento do texto e revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento on-line de formas e conteúdos.”

Esse tipo de manifestação foi especialmente perceptível quando os alunos falavam sobre temas sensíveis ou opinativos, como o uso do celular nas aulas e indisciplina escolar. Nessas ocasiões, a hesitação parecia cumprir também uma função de cautela discursiva, sinalizando uma busca por equilíbrio e responsabilidade na fala, em consonância com a natureza pública do espaço radiofônico.

Já as interrupções ocorriam com frequência nos momentos de interação entre entrevistador e entrevistado. Identificaram-se tanto autointerrupções, nas quais o estudante se interrompia para reformular uma ideia, quanto heterointerrupções, quando outro participante interferia na fala. Conforme Souza-e-Silva e Crescitelli (2015, p. 69), esse fenômeno está diretamente ligado ao caráter interacional da oralidade: “O fenômeno da interrupção tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor.”

A análise das falas mostrou que tais interrupções nem sempre representavam uma ruptura do diálogo, mas frequentemente serviam como estratégia de cooperação na construção do sentido. Em alguns momentos, a interrupção por parte do colega indicava engajamento com o tema tratado, contribuindo com informações adicionais ou retomando o foco da conversa. A retomada, nesses casos, foi um elemento importante para compreender os fluxos e os turnos de fala.

Esse aspecto colaborativo da construção do texto falado reafirma o caráter social e interativo da linguagem oral, sobretudo em ambientes de aprendizagem como o rádio escolar. Como destaca Koch (2015, p. 39), o texto falado possui uma estrutura própria, ajustada às condições de produção em que ocorre: “O texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas.”

As ocorrências analisadas apontam, portanto, para a relevância de se compreender o rádio não apenas como meio de comunicação, mas também como espaço pedagógico privilegiado para o desenvolvimento da competência comunicativa. A fala no rádio, ainda que marcada por hesitações e interrupções, não é um empecilho ao aprendizado; ao contrário, é instrumento de reflexão sobre a própria linguagem. Nesse processo, os estudantes se veem

desafiados a produzir discursos com maior clareza, coerência e intencionalidade, aspectos centrais para sua formação crítica e cidadã.

Esses fenômenos puderam ser observados em diferentes momentos das interações entre os estudantes durante os ensaios dos programas pilotos. As falas revelaram marcas típicas da linguagem oral, especialmente em situações de exposição diante do grupo ou ao improvisar frente ao microfone. A seguir, alguns trechos exemplificam essas ocorrências, evidenciando como a hesitação, a autointerrupção, a reformulação e a intervenção do interlocutor fizeram parte do processo comunicativo dos alunos nesse contexto.

Em uma das falas, um aluno expressou: "Então... é... tipo assim, né... a gente pensou em fazer uma entrevista com... com o diretor, mas... talvez fosse melhor com um aluno, né?", revelando um processo de hesitação e reformulação do pensamento. Em outro momento, percebeu-se a autointerrupção seguida de correção: "O nosso quadro vai ser sobre... não, pera, vai ser uma entrevista sobre violência na escola." Já em uma interação entre dois colegas, observou-se a interrupção pelo interlocutor: "E aí a gente pode colocar uma música do Emicida que fala sobre." – ao que outro responde rapidamente: "- sobre empatia, né? Essa é ótima!" Também foi comum o uso de parafraseamentos com marcadores discursivos, como na fala: "É... quer dizer, a ideia é fazer uma coisa mais leve, mais... sabe, tipo uma conversa mesmo."

A análise desses trechos demonstra que essas discontinuidades não apenas não comprometem a comunicação, como também são sinais de uma construção textual em tempo real, conectada à interação e à cognição do falante. Conforme defende Marcuschi (2015, p. 49), "a hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante".

A seguir, apresenta-se a distribuição dos principais fenômenos linguísticos identificados nas falas dos estudantes durante as interações nos ensaios nas oficinas de rádio: as hesitações foram os fenômenos mais frequentes, seguidas de reformulações, interrupções, autointerrupções e parafraseamentos. Esses dados reforçam o caráter interativo e espontâneo da produção oral dos participantes.

Os dados analisados corroboraram os pressupostos teóricos da pesquisa ao evidenciar que o texto falado veiculado pela rádio escolar é uma prática discursiva rica e estruturada, marcada por traços típicos da oralidade, como discontinuidades, hesitações e correções. Tais características não devem ser interpretadas como falhas, mas como indicadores de elaboração cognitiva, planejamento em tempo real e responsividade ao contexto de interação.

Em consonância com os objetivos desta dissertação, investigar como a prática da oralidade radiofônica contribuiu para o desenvolvimento de competências comunicativas dos

estudantes, observou-se que o ambiente da rádio promoveu oportunidades autênticas de fala pública, planejamento discursivo e negociação de sentidos, desenvolvendo nos estudantes um domínio progressivo da linguagem oral em sua dimensão social e expressiva.

A partir dessa compreensão, as transcrições realizadas com base nas entrevistas radiofônicas revelaram um rico campo de observação para os fenômenos linguísticos típicos da oralidade. As hesitações, reformulações, interrupções e parafraseamentos emergiram como estratégias discursivas que não apenas estruturaram a fala, mas também revelaram o funcionamento do discurso em tempo real.

**Tabela 1 - Análise dos fenômenos observados**

<b>Fenômeno linguístico</b>	<b>Exemplo real</b>	<b>Função discursiva</b>
Hesitações	“Então... é... tipo assim, né...”	Planejamento da fala e busca lexical.
Reformulações	“O nosso quadro vai ser sobre... não, pera...”	Correção de enunciado e adaptação de conteúdo.
Interrupções	“—sobre empatia, né? Essa é ótima!”	Tomada de palavra e redirecionamento do foco temático.
Autointerrupções	“Mas a gente... pera, acho que é melhor explicar de outro jeito...”	Suspensão reflexiva para reorganização da exposição.
Parafraseamentos	“É uma coisa mais... tipo... como posso dizer? Tipo uma conversa, sabe?”	Ajuste de clareza e adequação à interlocução.

A observação dos dados demonstrou que as hesitações constituíram o fenômeno mais frequente, o que corroborou as ideias de Marcuschi (2015, p. 49) de que: “A hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante.”

A frequência significativa das reformulações e interrupções, por sua vez, revelou o caráter dialógico do discurso radiofônico, em que a interação e o imprevisto exigiram reajustes constantes. As autointerrupções e parafraseamentos indicaram uma preocupação com a clareza e a adequação da fala aos interlocutores, em um espaço em que a escuta pública demanda precisão sem perder a naturalidade da conversa.

Esses dados dialogaram diretamente com os objetivos desta pesquisa, ao confirmar que a rádio escolar se constituiu como um espaço de aprendizagem ativa, onde os estudantes desenvolveram competências comunicativas reais, apropriando-se da linguagem oral em seu funcionamento social. O caráter espontâneo e processual do texto falado revelou-se, portanto,

como um campo fértil para a aprendizagem linguística e crítica, além de contribuir para a formação de sujeitos capazes de se expressar com autonomia em espaços públicos e coletivos.

### 2.6.1 A dicotomia entre fala e escrita no uso da linguagem

No estudo das práticas linguísticas, uma das distinções mais recorrentes é a que opõe a fala à escrita. Essa separação, muitas vezes apresentada em moldes dicotômicos, busca explicitar as particularidades de cada modalidade, evidenciando como se constituem em formas distintas de realização da linguagem. Com base na proposta de Marcuschi (2003, p. 27), pode-se visualizar esse contraste por meio de um quadro que contrapõe os traços predominantes da fala e da escrita.

**Quadro 2 - Perspectiva dicotômica**

Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita
Redundante	→	Condensada ←
Não-planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não-normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

Fonte: Marcuschi, 2003, p.27

De um lado, temos a fala, caracterizada por seu uso mais contextualizado e dependente da situação comunicativa imediata. Ela é geralmente implícita, pois os interlocutores compartilham o mesmo contexto e não precisam explicitar todas as informações. A fala tende a ser redundante, com repetições e reformulações que facilitam a compreensão, sobretudo quando há ruídos ou interrupções. Por sua natureza interativa, é muitas vezes não-planejada, resultando em construções sintáticas mais imprecisas, não-normatizadas e, por vezes, fragmentárias. Essa modalidade está profundamente ligada à espontaneidade, à interação face a face e à presença física dos participantes.

Do outro lado, encontramos a escrita, usualmente descontextualizada e mais autônoma, pois o texto precisa fazer sentido sem a presença do autor ou de um contexto imediato compartilhado. Por isso, a escrita exige uma comunicação mais explícita, com maior condensação

de ideias e seleção lexical cuidadosa. É uma forma geralmente planejada, com tempo para revisão e reestruturação, o que favorece maior precisão, uso de formas linguísticas normatizadas e textos mais completos, no sentido de apresentarem uma unidade fechada de sentido.

Contudo, é importante destacar que essa visão dicotômica é uma construção didática que serve à análise, mas não esgota a complexidade das práticas discursivas. Como o próprio Marcuschi (2003) enfatiza, fala e escrita não são fenômenos mutuamente excludentes, nem se realizam em universos isolados. Existem gêneros orais que são extremamente planejados, como discursos solenes e entrevistas, assim como há gêneros escritos mais informais e marcados pela oralidade, como bilhetes e mensagens instantâneas.

Logo, a compreensão dessa perspectiva dual entre fala e escrita deve ser acompanhada de uma visão mais flexível e situada do uso da linguagem. A crescente presença das tecnologias digitais, por exemplo, tem contribuído para embaralhar ainda mais essas fronteiras, criando novos gêneros que mesclam características de ambas as modalidades. Assim, compreender a fala e a escrita como práticas sociais diversas, historicamente situadas e funcionalmente adaptadas às necessidades comunicativas, é fundamental para uma abordagem mais ampla e crítica dos usos da linguagem na contemporaneidade.

Apesar de amplamente difundido e útil do ponto de vista didático, o modelo dicotômico que opõe fala e escrita apresenta limitações significativas. Sua estrutura rígida, ao estabelecer pares opostos entre as duas modalidades, tende a cristalizar uma visão hierárquica da linguagem, em que a escrita aparece como mais elaborada, precisa e legítima, enquanto a fala é frequentemente associada à improvisação, imprecisão e informalidade. Essa concepção, além de reforçar a ideia de supremacia da escrita sobre a fala, contribui para o apagamento da complexidade e da legitimidade dos usos orais da linguagem, sobretudo em contextos escolares, onde a oralidade ainda é pouco explorada como objeto de ensino e reflexão crítica.

Outro ponto problemático do modelo reside em seu foco excessivamente empírico e estrutural, restringindo-se a elementos formais e superficiais das duas modalidades, como planejamento, coesão, precisão ou normatização, e negligenciando aspectos discursivos e socioculturais da linguagem, tais como intencionalidade, condições de produção, circulação e recepção dos textos. Essa abordagem acaba por obscurecer o fato de que tanto a fala quanto a escrita são práticas sociais dotadas de sentido e funcionalidade em diferentes esferas de atividade humana.

No contexto da *Rádio Conexão Matraca*, essas limitações se tornaram ainda mais evidentes. A experiência dos alunos com a produção radiofônica demonstrou que a fala pode ser altamente planejada e eficaz, e que a escrita, quando adaptada para o meio oral, pode adquirir

características de espontaneidade e proximidade com o ouvinte. As práticas vivenciadas no projeto revelaram que, na realidade, há uma zona de interpenetração entre fala e escrita, na qual se constroem sentidos de forma híbrida e dinâmica. Assim, o modelo dicotômico, embora útil como ponto de partida para análise, precisa ser superado por uma abordagem mais flexível e integradora, que reconheça os múltiplos modos de existência da linguagem no mundo contemporâneo.

#### 2.6.2 A escrita formal e a fala espontânea dos jovens

A comunicação contemporânea está marcada por dinâmicas múltiplas entre oralidade e escrita, sobretudo em contextos escolares mediados por tecnologias. No interior desse cenário, o projeto Rádio Conexão Matraca emergiu como uma proposta pedagógica inovadora, ao atuar como espaço de mediação entre dois polos historicamente contrastantes na formação linguística dos sujeitos: a escrita formal, com seus preceitos normativos e estruturais, e a fala espontânea, marcada por traços de informalidade, improviso, fragmentação e variação linguística. A presença dessa rádio escolar na rotina de alunos do ensino fundamental revelou potencialidades significativas para o desenvolvimento das competências comunicativas, ao mesmo tempo que promoveu a valorização das práticas discursivas juvenis e das múltiplas formas de linguagem presentes na escola.

Inspirando-se nos estudos de Marcuschi (2003), que propõe um quadro dicotômico entre fala e escrita, compreende-se que essas modalidades não devem ser tratadas como categorias excludentes, mas como modos complementares de produção de sentido. A escrita, com seu caráter descontextualizado, condensado, explícito e normatizado, assume historicamente o papel de expressão legítima do saber escolar. Por outro lado, a fala espontânea, contextualizada, redundante, implícita e frequentemente não-normatizada, tende a ser invisibilizada ou silenciada em ambientes educativos que priorizam a norma culta. A Rádio Conexão Matraca, ao inserir os estudantes em processos de planejamento, roteirização e locução de programas radiofônicos, ofereceu um território fértil para a experimentação entre essas duas formas de linguagem.

Ao propor atividades que envolvem a transformação de textos escritos em roteiros falados, bem como a transcrição e reescrita de falas espontâneas, o projeto da rádio permitiu que os alunos exercitassem a passagem de uma modalidade discursiva a outra, mobilizando habilidades como a retextualização, a adaptação ao gênero e à situação comunicativa e a consciência metalinguística. Dessa forma, a rádio não apenas acolhe a oralidade dos estudantes,

mas a eleva ao status de objeto de estudo e prática qualificada, valorizando seu uso em ambientes formais sem submetê-la a um processo de padronização que anule suas marcas identitárias e culturais.

Além disso, a rádio escolar favoreceu a superação do preconceito linguístico ao dar visibilidade às variedades regionais e populares da língua falada pelos jovens. Ao se ouvirem nos programas da Matraca, os alunos reconheceram o valor de sua própria forma de falar, compreenderam as diferentes situações de uso da linguagem e passaram a refletir sobre os contextos em que a norma padrão é requerida. Nesse sentido, a rádio funcionou como espaço de letramento e de consciência linguística crítica, na medida em que articulava o saber escolar ao universo social, cultural e comunicacional dos estudantes.

Cabe destacar, ainda, o papel formativo do processo de produção radiofônica, que exigiu o domínio de práticas como a organização de ideias, a estruturação textual, a clareza e a coesão, habilidades igualmente exigidas na escrita escolar. A linguagem oral que se realizou no rádio não é uma fala improvisada qualquer: trata-se de uma oralidade planejada, que, embora preserve elementos da espontaneidade e da interação, demanda elaboração, intenção comunicativa e responsabilidade social. Ao produzir conteúdos para a Rádio Conexão Matraca, os alunos exercitaram, portanto, uma forma de comunicação situada entre a fala do cotidiano e os gêneros formais da escola, ocupando um lugar de autoria e protagonismo.

Portanto, a Rádio Conexão Matraca atuou como um espaço de trânsito discursivo que conectou mundos muitas vezes dissociados no cotidiano escolar: o mundo da escrita formal, legitimado pelo currículo e pelas avaliações, e o mundo da fala espontânea, autêntico e vivo, que expressou a subjetividade e a realidade linguística dos jovens. Essa mediação promoveu não apenas a aprendizagem da língua em suas múltiplas dimensões, mas também o empoderamento discursivo dos estudantes, fortalecendo sua identidade linguística e sua capacidade de intervenção no mundo por meio da palavra.

Vejamos agora como a perspectiva discursiva adotada nesta pesquisa permitiu analisar, de maneira concreta, as relações entre fala e escrita a partir do corpus empírico constituído pelos programas-piloto da *Rádio Conexão Matraca*. Os episódios gravados revelaram não apenas o trânsito entre modalidades linguísticas, mas também as estratégias utilizadas pelos estudantes para adaptar, negociar e reconstruir sentidos a partir de diferentes formas de expressão.

Um exemplo representativo desse movimento é encontrado no quadro “Fala Matraca!”, a articulação entre fala e escrita tornou-se ainda mais evidente. Os estudantes produziram roteiros prévios para entrevista com tópicos-guia para a discussão, redigiram perguntas e organizaram as falas conforme blocos temáticos. Durante a gravação, os interlocutores



mantinham certa liberdade de improvisação, mas retornavam constantemente ao roteiro como forma de garantir coesão temática. Esse processo evidenciou uma prática híbrida, na qual elementos da escrita (organização lógica, estrutura sequencial, seleção lexical) conviveram com características da oralidade (espontaneidade, uso de marcas de subjetividade, variações regionais e socioeconômicas da linguagem).

Assim, o debate gravado refletiu o que Marcuschi (2003) chamou de "fala planejada", um tipo de oralidade que, embora mais próxima da espontaneidade, incorpora estratégias discursivas oriundas da escrita formal.

Por fim, um dado recorrente dos programas analisados diz respeito à retextualização: os alunos partiram de textos escritos ou ideias previamente anotadas e os transformaram em roteiros orais, ou, ao contrário, transcreveram conversas e as transformaram em textos para leitura na rádio. Esse exercício promoveu um diálogo direto entre a linguagem escrita e a linguagem falada, permitindo aos estudantes não apenas perceberem as diferenças estruturais entre ambas, mas também desenvolverem uma postura mais crítica, consciente e funcional diante da linguagem.

A análise do corpus, portanto, confirmou a hipótese de que a *Rádio Conexão Matraca* se constituiu como um espaço de mediação discursiva que favoreceu o trânsito entre fala e escrita em suas múltiplas formas, sem hierarquizar ou excluir uma em detrimento da outra. O ambiente radiofônico escolar revelou-se um território de experimentação e aprendizagem, em que os alunos exercitaram sua autoria, desenvolveram competência linguística e ampliaram sua compreensão sobre os usos sociais da linguagem.

## **2.7 A rádio escolar como espaço de oralidade, letramento e protagonismo estudantil**

À luz das reflexões já empreendidas neste trabalho, compreendeu-se que a rádio escolar ultrapassa sua função meramente comunicativa, assumindo o papel de instância pedagógica privilegiada para o exercício da oralidade, da escuta ativa e da autoria discursiva no ambiente escolar. Em um cenário educacional frequentemente marcado por práticas pedagógicas centradas na escrita e na reprodução de conteúdos, a rádio escolar instaurou um espaço disruptivo: oferece aos estudantes um contexto real de produção discursiva, com interlocutores concretos, objetivos comunicativos precisos e um contrato de comunicação estabelecido.

Nesse sentido, é possível afirmar que a rádio escolar se constituiu como um terreno fértil para o desenvolvimento da competência discursiva oral, especialmente no que tange à apropriação e domínio de gêneros orais formais. A oralidade, nesse contexto, deixa de ser

tratada de modo secundário para ocupar um lugar central nas práticas de linguagem escolares, funcionando como vetor de cidadania, expressão identitária e participação crítica.

Dolz e Messias (2015, p. 171) são assertivos ao enfatizar que a rádio escolar “pode ser uma ferramenta/instrumento que propicia o ensino e a aprendizagem dos alunos envolvidos com as produções realizadas nesse meio, como também, o envolvimento desses com questões que propiciem um engajamento social e o exercício da cidadania”. Essa afirmação reposiciona a rádio escolar como uma estratégia pedagógica alinhada com as demandas contemporâneas de uma educação que pretende formar sujeitos ativos, críticos e socialmente comprometidos.

A partir da perspectiva de Baltar (2012), é possível aprofundar essa concepção. Para o autor, a rádio escolar deve ser compreendida como “potente ferramenta da interação sociodiscursiva na escola, como espaço genuíno de mídia da escola e como potencializadora de múltiplos letramentos e de desenvolvimento de múltiplas competências, notadamente a competência discursiva oral e escrita” (Baltar, 2012, p. 58). Essa abordagem revela a amplitude do trabalho com a linguagem no ambiente radiofônico, promovendo práticas que integram oralidade, escuta, escrita, planejamento discursivo e trabalho colaborativo.

Do ponto de vista metodológico, inscreve-se a rádio escolar no paradigma dos gêneros discursivos, conforme proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que enfatizam a importância das sequências didáticas como procedimentos que visam ao ensino sistematizado dos gêneros orais e escritos. A rádio escolar, ao operar com gêneros como a entrevista, o editorial oral, o boletim informativo, o debate e o podcast, criou situações comunicativas que mobilizaram saberes linguísticos e sociais, contribuindo para a formação integral dos sujeitos.

Ressalte-se, ainda, o caráter coletivo e democrático da rádio escolar, pois ela ofereceu a professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar a oportunidade de partilhar suas vozes e narrativas. Segundo Dolz e Messias (2015), esse dispositivo comunicacional possibilita que os programas sejam elaborados com base nos interesses da comunidade, promovendo, assim, uma dinâmica horizontal e participativa na produção dos conteúdos escolares. Os estudantes, ao se verem como sujeitos ativos desse processo, ampliam sua capacidade de intervir no mundo por meio da linguagem.

Em nosso projeto, essa hipótese revelou-se válida. O envolvimento dos estudantes com as práticas da rádio escolar evidenciou ganhos expressivos no domínio da linguagem oral, sobretudo no planejamento, execução e revisão de suas falas públicas. A rádio escolar não apenas deu visibilidade a essas práticas como também legitimou a oralidade como objeto de ensino na escola – um espaço onde, historicamente, a fala espontânea é mais tolerada do que ensinada.

Desta forma, as práticas de letramento desenvolvidas no ambiente da rádio escola evidenciaram a articulação entre a língua em uso social e os conteúdos tradicionalmente abordados em sala de aula. A diversidade de gêneros textuais que circularam nesse espaço - como a notícia, a entrevista e os avisos - correspondeu àquela que permeia as interações cotidianas na sociedade. Essa convergência reforçou a ideia de que o ensino da língua portuguesa ganha significado quando vinculado a situações comunicativas reais, nas quais os estudantes não apenas aprendem regras e estruturas gramaticais, mas as experimentam de modo ativo e funcional.

Nesse sentido, a proposta de Baltar (2012, p. 28-29) contribui significativamente para a discussão ao defender a importância de "instaurar, na escola, um espaço para a prática de atividades de linguagem de ambientes discursivos diversos, as quais de fato ocorrem cotidianamente no tecido social, não somente escolares". O autor ainda destaca que "um exemplo de atividade significativa de linguagem relacionada ao ambiente discursivo midiático seria a produção de jornais escolares ou de *programas de rádio*" (grifos nossos). Essa reflexão reforça a pertinência da rádio escola como ferramenta pedagógica capaz de conectar os estudantes aos diversos modos de dizer e significar que compõem o mundo em que vivem, promovendo uma aprendizagem ancorada na realidade comunicativa contemporânea.

O envolvimento dos alunos com os processos de produção e veiculação de conteúdos radiofônicos possibilitou o desenvolvimento de habilidades linguísticas em múltiplas dimensões: leitura, escuta, escrita e oralidade. Ao planejar, pesquisar, escrever laudas e apresentar oralmente os programas, os estudantes vivenciaram práticas de letramento que extrapolaram o exercício escolar tradicional e se aproximaram das exigências comunicativas do mundo social e profissional. Cada uma dessas etapas mobilizou não só conhecimentos linguísticos (norma padrão, coesão, coerência, clareza), mas também estratégias comunicativas essenciais para uma atuação crítica e criativa na sociedade.

A inserção da rádio escola como instrumento pedagógico se revelou, portanto, como uma proposta integradora, que rompeu com a fragmentação do ensino da língua e promoveu a compreensão da linguagem como prática social. Quando o estudante compreende que a comunicação requer adequação ao contexto, ao público e aos objetivos, ele passa a valorizar o domínio da linguagem como ferramenta de expressão e inserção social. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem radiofônica ofereceu um cenário rico para que os alunos percebessem, por exemplo, a importância de elementos como unidade temática, entonação, ritmo, pausas e fundo musical, aspectos destacados por Silva (1999) como constituintes da oralidade mediatizada, o que lhes permite aperfeiçoar sua performance comunicativa.

Além disso, ao participar das atividades da rádio escola, o aluno tornou-se sujeito de sua aprendizagem, ressignificando os conteúdos escolares a partir de sua aplicação prática. Tal experiência favoreceu a formação de sujeitos mais informados, reflexivos, críticos e atuantes. A convivência com os diferentes gêneros e formatos de textos ampliou não só o repertório linguístico, mas também a visão de mundo dos estudantes, ao passo que desenvolveu competências fundamentais para a continuidade da vida escolar e para a inserção cidadã e profissional.

É nesse contexto que a proposta de Baltar (2012) ganha ainda mais relevância, pois indica uma abertura necessária da escola para os diversos ambientes discursivos que estruturam a vida em sociedade. Ao incorporar práticas de linguagem que extrapolam o domínio escolar, como os programas de rádio, a escola se atualiza, tornando-se mais responsiva às demandas contemporâneas de formação de sujeitos autônomos, críticos e comunicativamente competentes.

Importa ressaltar, entretanto, que esta pesquisa não pretende encerrar o debate em torno das práticas de letramento mediadas pela rádio escola. Ao contrário, deseja provocar novas reflexões, hipóteses e investigações que possam ampliar, aprofundar ou até mesmo contrariar as conclusões aqui apresentadas. Compreendeu-se, assim, que a rádio escola não apenas ensinou sobre linguagem: ela foi, sobretudo, um espaço onde a linguagem ganhou vida e sentido, configurando-se como um ambiente autêntico de letramento social.

A discussão sobre práticas de letramento no contexto da educação básica ganhou relevância nas últimas décadas a partir de uma mudança de paradigma: do letramento como habilidade técnica e individual para o letramento como prática social, situada historicamente e culturalmente. Essa concepção foi fundamental para refletirmos sobre os usos pedagógicos da rádio escola como espaço de aprendizagem significativa, especialmente no desenvolvimento de competências de linguagem nos anos finais do ensino fundamental.

Street (2014) propõe uma distinção entre o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento. O modelo autônomo entende o letramento como uma habilidade neutra, universal e desvinculada dos contextos sociais e culturais. Já o modelo ideológico, que embasa esta pesquisa, reconhece que os letramentos são múltiplos, diversos e profundamente enraizados nas práticas sociais. Para Street (2014), não existe uma única forma de letramento, mas sim letramentos, práticas concretas e sociais. Ou seja, as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos.

Essa perspectiva é particularmente relevante quando pensamos na rádio escola como prática de letramento. Ao escrever roteiros, planejar programas, entrevistar colegas, pesquisar

temas de interesse público e expressar opiniões, os alunos participaram de práticas comunicativas reais, socialmente situadas e com propósitos definidos. Tais práticas se distanciaram do ensino tradicional da língua, muitas vezes centrado apenas na norma padrão e na reprodução de gêneros escolares descontextualizados, e se aproximaram do que Street (2014) define como letramento ideológico: o letramento deve ser visto como conjunto de práticas sociais, embebidas em estruturas de poder, ideologia e identidade.

Além disso, os projetos de rádio escola possibilitou aos estudantes o exercício da linguagem em contextos de produção e recepção diversos, promovendo a articulação entre oralidade, leitura e escrita. Tais práticas estão alinhadas com uma concepção ampliada de letramento que valoriza a capacidade de compreender, produzir e se posicionar criticamente nos múltiplos espaços de circulação de discursos. Como destaca Street (2014), letramento não é apenas uma técnica neutra, mas uma forma de agir no mundo, de participar de comunidades e de construir sentidos".

Nesse sentido, investigar as práticas de letramento possíveis em projetos de rádio escolar significou reconhecer a escola como um espaço privilegiado para a construção de identidades, de práticas discursivas múltiplas e de exercício da cidadania. A rádio, ao abrir espaço para a voz do aluno, promoveu não apenas o letramento no sentido tradicional, mas contribuiu para a formação de sujeitos críticos, capazes de interagir de forma reflexiva com os discursos sociais, midiáticos e institucionais.

Ao considerar o modelo ideológico de letramento como base teórica, esta pesquisa buscou compreender como a rádio escola poderia potencializar práticas de linguagem que extrapolavam o uso mecânico da escrita e da leitura, e se configuravam como práticas sociais de relevância para o desenvolvimento humano e educacional. Assim, a investigação das práticas de letramento desenvolvidas no ambiente escolar por meio da rádio propôs-se a contribuir para o fortalecimento de uma educação democrática, dialógica e plural.

## **2.8 Multiletramentos na escola como práticas pedagógicas inovadoras**

A discussão sobre multiletramentos na escola como práticas pedagógicas inovadoras tem se tornado cada vez mais relevante no contexto educacional contemporâneo, especialmente diante das mudanças tecnológicas e culturais que impactam as formas de comunicação e de construção do conhecimento. Aliás, o conceito de multiletramentos tem ganhado destaque no campo da Educação desde sua formulação em 1996 pelo Grupo Nova Londres (*New London Group*), coletivo de pesquisadores que propôs um redimensionamento do ensino de línguas com

base nas transformações culturais e comunicacionais da contemporaneidade. Roxane Rojo (2012), em sua obra *Multiletramentos na Escola*, apresenta um panorama aprofundado sobre esse conceito e sua implicação para as práticas pedagógicas atuais. Segundo a autora, “a necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos [...] foi afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo Nova Londres, [...] um grupo de pesquisadores dos letramentos” (Rojo, 2012, p. 11).

O termo multiletramentos foi cunhado para abarcar dois eixos centrais de multiplicidade: a diversidade cultural das sociedades globalizadas e a multiplicidade semiótica dos textos contemporâneos. Como explica Rojo (2012, p. 11), “o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

Essa abordagem amplia significativamente o escopo tradicional do ensino de leitura e escrita, que historicamente privilegiou o código verbal, desconsiderando outras linguagens que compõem a comunicação no século XXI. Nos moldes propostos pelos multiletramentos, compreende-se que a produção de sentido ocorre por meio de múltiplas linguagens, incluindo imagens, sons, vídeos, hipertextos, memes, plataformas digitais e outras formas de comunicação multimodal (Cope; Kalantzis, 2006; Rojo, 2012; Dell’isola, 2007).

Ainda mais, os multiletramentos enfatizam características fundamentais, como a interatividade, a colaboração e a hibridização das linguagens. Rojo (2012, p. 11) afirma que “eles são interativos; mais que isso, colaborativos”; e complementa que “eles fraturam e transgridem as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não])”, além de serem “híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagem, modos, mídias e culturas)”. Tais aspectos revelam uma abordagem pedagógica que rompe com a linearidade e passividade do modelo tradicional, promovendo práticas educativas dinâmicas, inclusivas e mais próximas do cotidiano dos estudantes.

Nesse contexto, a implementação de uma Rádio Escola representou uma estratégia pedagógica potencialmente eficaz para materializar os princípios dos multiletramentos no ambiente escolar. Por se tratar de uma mídia que opera essencialmente pela oralidade, a rádio se alinha com os objetivos de promover outras formas de letramento para além da escrita convencional, estimulando também a escuta, a fala, a expressão corporal e a performance vocal (Sousa; Oliveira, 2011).

A produção radiofônica escolar, por sua natureza multimodal, pode integrar diversos gêneros textuais e linguagens: roteiros escritos, resenhas críticas, entrevistas, debates, dramatizações, spots publicitários, jingles, podcasts, além de conteúdos visuais caso esteja associada a plataformas digitais, como canais no YouTube, redes sociais ou websites da escola. A articulação entre essas linguagens favorece o desenvolvimento de habilidades multimodais, conforme preconizado pelos estudos dos multiletramentos (Cope; Kalantzis, 2006).

Ademais, a Rádio Escola pode funcionar como um espaço de práticas colaborativas e interativas. A criação de quadros nos quais a comunidade escolar participa, por meio de envio de perguntas, sugestões de temas ou intervenções ao vivo, promove o engajamento e a coautoria dos estudantes no processo comunicativo. A produção coletiva de conteúdos radiofônicos (roteiros, pautas, entrevistas) estimula o diálogo, a escuta ativa e a valorização das diferentes vozes que compõem a escola, fortalecendo a inclusão e a diversidade (Kenski, 2007; Soares, 2004).

Outro aspecto relevante é a possibilidade de trabalhar com diferentes registros e variedades linguísticas. A rádio pode ser um espaço pedagógico para refletir sobre o preconceito linguístico e a valorização da linguagem popular, ao incorporar gírias, expressões regionais e formas de fala autênticas dos estudantes e da comunidade em seus programas. Essa prática possibilita, conforme Bortoni-Ricardo (2005), a compreensão das relações entre linguagem, identidade e poder no espaço escolar.

A valorização das práticas de letramento da comunidade também pode ser intensificada com a Rádio Escola. Programas que envolvam contação de histórias de moradores do bairro, divulgação de eventos escolares, entrevistas com professores, ou ainda quadros sobre cultura local, literatura e música regional, fortalecem a articulação entre a escola e o território em que está inserida. Ao fazer isso, o projeto incorpora tanto os eventos quanto as práticas de letramento, conforme diferenciação proposta por Street (2014). Enquanto os eventos de letramento referem-se a situações específicas em que a leitura e a escrita são empregadas (como a leitura de um roteiro ou a escrita de uma entrevista), as práticas correspondem aos valores e normas que orientam o uso da linguagem em determinados contextos sociais e culturais.

Ao considerar tais elementos, constatou-se que a Rádio Escola atuou como mediadora entre teoria e prática, escola e comunidade, cultura letrada e cultura oral. Tratou-se de um espaço pedagógico multifacetado, onde os alunos não apenas aprimoraram sua oralidade, mas desenvolveram competências em leitura crítica, escrita autoral, escuta ativa e produção multimodal. Como destaca Soares (2004), o letramento se efetiva de forma mais significativa

quando articulado às vivências reais dos sujeitos, o que está plenamente alinhado à proposta dos multiletramentos.

Dessa forma, a integração entre o conceito de multiletramentos e o projeto da Rádio Escola constituiu uma estratégia educativa que respondeu às demandas contemporâneas por práticas pedagógicas mais dialógicas, inclusivas e culturalmente sensíveis. Tratou-se de reconhecer e valorizar os saberes dos estudantes, promovendo um ambiente escolar no qual todas as formas de linguagem e expressão têm lugar.

### **3 METODOLOGIA**

Pesquisar é um ato profundamente humano. É, antes de tudo, um exercício de inquietação diante do desconhecido e um convite ao pensamento crítico. Paulo Freire (2019) nos lembra que a pesquisa é um ato pedagógico, dialógico e amoroso, destacando que o ato de conhecer implica envolvimento e transformação tanto do pesquisador quanto da realidade estudada. Ao nos propormos a investigar, aproximamo-nos das múltiplas experiências que constituem a existência humana, estabelecendo pontes entre o saber acadêmico e a realidade vivida. Como afirma Santos (2000), todo conhecimento é situado, e o saber acadêmico não pode ignorar os saberes produzidos nas experiências do cotidiano.

Nos métodos qualitativos de pesquisa em ciências humanas, essa aproximação se revela ainda mais evidente. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. Em vez de buscar verdades absolutas, a pesquisa qualitativa reconhece a complexidade das relações sociais, valorizando a subjetividade e a interpretação como formas legítimas de conhecimento. Denzin e Lincoln (2006) reforçam essa visão ao afirmarem que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem. Nesse processo, o pesquisador deixa de ser um observador distante para tornar-se parte do campo investigado: ele se envolve, compreende e, muitas vezes, se transforma.

#### **3.1 Abordagem e natureza da pesquisa**

A metodologia utilizada nesta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, baseada na observação participativa e na análise dos dados coletados junto aos estudantes envolvidos no



projeto. Optou-se por uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva com enfoque qualitativo, uma vez que se buscou compreender as experiências vividas pelos alunos ao interagirem com a rádio escolar. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como principal objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e possibilitando a construção de hipóteses.

Já a pesquisa descritiva, de acordo com Severino (2007), preocupa-se em observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, permitindo uma compreensão mais detalhada das realidades investigadas. Dentro dessa perspectiva, a abordagem qualitativa permite interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências, o que é essencial para captar as percepções e os sentidos construídos pelos estudantes em suas interações com o ambiente da rádio escolar.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação caracteriza-se por envolver diretamente os sujeitos pesquisados na identificação de problemas e na busca por soluções, promovendo uma relação dialógica entre pesquisador e participantes.

Portanto, assegura Thiollent (2000):

Com a metodologia participativa, um projeto de extensão traz uma melhor relação entre o conhecimento do pesquisador e a realidade circundante, maior interesse dos destinatários que não seriam mais vistos como meros receptores e sim, atores dentro de um processo. Além disso, torna-se possível detectar novas questões específicas, para as quais seriam necessários estudos ou pesquisas mais aprofundadas, inclusive de modo associado à realização de teses de pós-graduação. (Thiollent, 2000a, p. 23).

A escolha dessa abordagem justificou-se pela intencionalidade de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos ao processo de implantação de uma rádio escolar, analisando suas experiências, percepções, interações e aprendizagens. A pesquisa qualitativa parte do princípio de que a realidade é construída socialmente, sendo plural e dinâmica, de modo que os dados serão interpretados em sua complexidade e contextualização (Minayo, 2010).

Thiollent (1999), referência no campo das metodologias qualitativas em ciências humanas, distingue pesquisa participante e pesquisa-ação, associando a primeira ao modelo de observação participante característico das investigações antropológicas e etnográficas iniciais. Nesse sentido, embora a pesquisa-ação seja uma forma de pesquisa participante por recorrer, em certa medida, à observação participante “associada à ação cultural, educacional, organizacional, política ou outra”, ela se diferencia ao enfatizar “a ação planejada, de uma intervenção com mudanças dentro da situação investigada”, destacando a participação ativa do grupo pesquisado (Thiollent, 1999, p. 83-84). Esse argumento restringe a pesquisa participante ao âmbito da observação participante, que, segundo o autor, buscava desenvolver e

“aperfeiçoar” mecanismos que favorecessem a inserção do pesquisador no cotidiano dos grupos estudados, permitindo-lhe “observar fatos, situações e comportamentos que não ocorreriam ou que seriam alterados na presença de estranhos” (Thiollent, 1999, p. 83).

Refletir sobre o ato de pesquisar sob essa ótica implica reconhecer a responsabilidade ética e política do pesquisador. A escuta sensível, o respeito às vivências alheias e a transparência no processo investigativo tornam-se princípios fundamentais. É nesse compromisso com a construção compartilhada do saber que a pesquisa qualitativa e participativa revela seu maior potencial: a capacidade de compreender o mundo ao mesmo tempo em que o transforma.

Assim, pesquisar é também um ato de resistência. Em tempos de discursos homogêneos e verdades impostas, a valorização das múltiplas narrativas e a promoção do diálogo emergem como práticas essenciais. E é nesse movimento contínuo de questionamento e reconstrução que reside a essência da pesquisa em ciências humanas: um ato genuíno de encontro, aprendizado e transformação mútua.

Na rádio escola, a pesquisa foi além da simples coleta de informações. Ela estabeleceu pontes entre o saber acadêmico e as experiências cotidianas dos alunos e da comunidade escolar. Ao abordar temas relevantes, culturais, sociais ou históricos, os estudantes tornaram-se protagonistas do conhecimento, ampliando seu olhar sobre o mundo.

Assim como nos métodos qualitativos de pesquisa em ciências humanas, a rádio valorizou a subjetividade e a interpretação. Cada voz trouxe uma história, cada entrevista revelou nuances das relações sociais e cada debate promoveu reflexões enriquecedoras. O aluno-pesquisador, nesse processo, não permaneceu como um observador distante; ele se envolveu, compreendeu e transformou-se, tanto pessoal quanto coletivamente.

Portanto, a prática da pesquisa na rádio escola foi uma oportunidade de diálogo e aprendizado contínuo. Foi um caminho para construir conhecimento de forma colaborativa, promovendo uma educação crítica e participativa. Cada programa veiculado não apenas informou, mas também inspirou novos questionamentos e ampliou as possibilidades de expressão e comunicação.

É importante ressaltar que o projeto da Rádio Escola teve como objetivo criar um espaço de comunicação educativa dentro da escola, promovendo a participação dos alunos na produção e transmissão de conteúdo radiofônico. A iniciativa buscou desenvolver habilidades de oralidade, escrita, trabalho em equipe e senso crítico, além de contribuir para a dinamização das atividades escolares.

### **3.2 Local da pesquisa**

O estudo foi realizado na Escola Estadual Onélia Campelo, localizada no bairro Santos Dumont, em Maceió, Alagoas. Tratou-se de uma escola da rede estadual de ensino que atendia a estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). As atividades ocorreram em uma sala adaptada para funcionar como estúdio da rádio escolar, ambiente central das ações formativas, comunicativas e colaborativas do projeto.

A realização da pesquisa em ambiente escolar favorece a observação in loco das práticas pedagógicas e comunicativas, além de possibilitar uma interação constante com os sujeitos da pesquisa em seu contexto real de aprendizagem.

### **3.3 Período de realização**

O projeto foi executado entre os meses de março e julho de 2025, contemplando cinco etapas principais: (1) sensibilização e convite aos estudantes; (2) seleção dos participantes; (3) oficina de rádio; (4) produção e veiculação dos conteúdos radiofônicos; e (5) coleta e análise dos dados. A duração prevista, de aproximadamente 20 semanas, foi definida em consonância com o calendário escolar e permitiu a maturação das propostas e a experimentação dos processos comunicativos da rádio.

### **3.4 Participantes da pesquisa**

Os agentes da pesquisa foram estudantes do 9.º ano B do Ensino Fundamental da Escola Estadual Onélia Campelo. Em conformidade com a perspectiva qualitativa, os estudantes serão compreendidos como colaboradores, na medida em que contribuirão ativamente com a construção dos dados (Lüdke; André, 1986).

A seleção foi feita por adesão voluntária, mediante convite aberto à turma, consentimento dos responsáveis legais e autorização da gestão escolar. Foram selecionados dez estudantes, com base em critérios como interesse nas áreas de comunicação e jornalismo escolar, além de disponibilidade e compromisso com as atividades propostas.

Os participantes foram organizados em equipes de trabalho, com as seguintes funções: (1) locutores, responsáveis pela apresentação dos programas; (2) roteiristas, encarregados da redação de conteúdos e entrevistas; (3) técnicos de áudio, responsáveis pela gravação e edição dos programas; e (4) produtores, que coordenarão a organização das pautas. Os demais

estudantes da turma puderam atuar como ouvintes e colaboradores, sugerindo temas e avaliando os conteúdos veiculados.

### **3.5 Instrumentos de coleta e análise dos dados**

Foram utilizados alguns instrumentos para a produção e coleta de dados, em consonância com os objetivos da pesquisa. Segundo Gamboa (2006), os instrumentos qualitativos devem ser escolhidos a partir da coerência com os pressupostos teóricos da investigação, visando à produção de dados significativos e contextualizados.

Nesta perspectiva, a coleta de dados foi realizada durante a elaboração das pautas dos programas veiculados na rádio, com gravação dos programas. Para a gravação e edição, os alunos utilizaram o Audacity, que é um software livre de edição digital de áudio disponível nas plataformas Windows, por exemplo, bem como em outros sistemas operacionais.

A pesquisa utilizou três instrumentos principais para a coleta de dados: observação direta, entrevistas semiestruturadas e análise dos materiais produzidos pelos alunos no laboratório de rádio. A observação direta foi realizada de forma participante, com acompanhamento presencial das atividades e registros feitos em diário de campo, complementados, quando necessário, por gravações em áudio, sempre mediante autorização dos participantes. Segundo Minayo (2001), a observação direta permite ao pesquisador captar elementos do cotidiano dos sujeitos e compreender os significados atribuídos às suas práticas. Como destaca Gil (2008), a observação é um recurso valioso para registrar comportamentos, atitudes e interações no ambiente natural de realização das atividades, contribuindo para uma análise mais contextualizada do objeto de estudo.

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas aos estudantes envolvidos no projeto, seguindo um roteiro flexível que possibilitou a livre expressão de ideias e experiências. Conforme Triviños (1987), esse tipo de entrevista favorece o aprofundamento das respostas, respeitando a subjetividade dos participantes e a dinâmica do diálogo. A análise dos materiais produzidos pelos alunos – como roteiros, gravações, textos e demais registros – foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), permitindo identificar categorias temáticas, padrões de significação e aspectos relevantes da aprendizagem e da expressão dos estudantes. Todos os instrumentos foram continuamente avaliados ao longo do processo, permitindo ajustes e aprimoramentos, de acordo com os princípios da pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo.

A tabela a seguir apresenta o detalhamento dos instrumentos, seus objetivos específicos, a relação descritiva com as questões da pesquisa e a forma de análise prevista para cada um.

**Tabela 2 - Instrumentos de geração de dados**

<b>Instrumento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Análise</b>
Oficinas de rádio com os alunos	Atividades introdutórias para familiarizar os alunos com o funcionamento da rádio, os papéis desempenhados e técnicas básicas de locução, roteiro e edição.	Observação do nível de envolvimento dos alunos, dificuldades iniciais e aprendizado prático sobre rádio.
Elaboração das pautas	Criação dos conteúdos para os programas de rádio, considerando os diferentes gêneros textuais e a realidade dos alunos.	Identificação da diversidade de gêneros textuais abordados e sua relação com a realidade dos alunos.
Gravação dos programas	Registro em áudio dos programas veiculados na rádio, possibilitando a análise da evolução da expressão oral e escrita dos alunos.	Comparação entre as gravações para verificar o desenvolvimento da oralidade e escrita dos participantes.
Edição dos programas	Utilização do software Audacity para edição e aprimoramento do conteúdo gravado antes da reprodução final.	Avaliação das melhorias implementadas na qualidade sonora e na organização do conteúdo.
Análise de conteúdo	Identificação de padrões e tendências nos dados coletados a partir das gravações e respostas dos participantes.	Interpretação dos temas recorrentes, linguagem utilizada e impactos nas produções dos alunos.
Observação da participação dos alunos	Acompanhamento da atuação dos alunos nas diversas funções (locutores, roteiristas, técnicos de áudio, produtores) e do seu envolvimento no projeto.	Verificação do nível de engajamento e protagonismo dos alunos em cada etapa do processo.
Análise das gravações	Estudo detalhado das transmissões dos programas para verificar o desenvolvimento da expressão oral e escrita dos alunos.	Comparação da evolução dos alunos ao longo do projeto, considerando dicção, estrutura textual e fluência.
Feedback dos ouvintes	Sugestões e opiniões dos alunos que acompanham a programação da rádio, contribuindo para melhorias.	Identificação de percepções e sugestões dos ouvintes para ajustes na programação e nas temáticas abordadas.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que a define como um conjunto de procedimentos sistemáticos e

objetivos de descrição, categorização e interpretação do conteúdo das comunicações, com o objetivo de inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens. Esse método buscou identificar padrões, regularidades, temas e categorias que emergiram das falas e dos materiais analisados, possibilitando uma leitura mais aprofundada dos sentidos expressos pelos participantes. As gravações das transmissões dos programas produzidos pelos alunos também foram examinadas com base nessa técnica, com o intuito de verificar possíveis avanços na expressão oral e escrita ao longo do desenvolvimento do projeto. Todo o processo de análise foi conduzido de forma ética, assegurando o uso responsável e consentido dos dados coletados.

Por conseguinte, foram elaboradas as pautas dos programas, os quais puderam incluir entrevistas, notícias, debates, crônicas, entre outros formatos, sempre tendo como referência a realidade da escola e dos próprios alunos. Após essa etapa, foi realizada a gravação, seguida da edição e posterior reprodução dos programas. Durante todo o processo de construção da rádio, os estudantes participaram ativamente de cada fase, desde a definição dos temas até a transmissão final. Dessa forma, assumiram o papel de autores da proposta desenvolvida. A cada edição, os alunos refletiram sobre o conteúdo e sobre a maneira mais adequada de se comunicar com os ouvintes, considerando, por exemplo, os sentidos gerados pela linguagem utilizada.

Além disso, a rádio escolar proporcionará um ambiente colaborativo em que os alunos poderão desenvolver habilidades essenciais, como a pesquisa, a escrita e a oralidade. A interação entre os estudantes na construção dos programas incentivará o pensamento crítico e reflexivo, promovendo o engajamento com temas relevantes para sua formação cidadã.

Cabe destacar ainda o cuidado na seleção de músicas que foram tocadas durante a transmissão, pois a proposta consistiu na análise do conteúdo da mensagem que cada letra comunicava implícita e explicitamente, entretanto os gêneros musicais ouvidos seguiram o padrão da boa música: hip hop, rap, funk, rock, entre outros. Ficou acordado que letras de músicas cujas mensagens expressassem ódio, preconceito, incitação à violência e similares foram evitadas, porque a rádio escolar funcionou em uma instituição de ensino cujos princípios a serem difundidos estavam relacionados ao exercício da ética, como também à prática de valores.

Nesse sentido, as transmissões da rádio não se limitaram apenas a atender às demandas das preferências musicais dos alunos. A criatividade e a originalidade na escolha dos gêneros, além da expressividade oral e na escrita foram os indicadores do processo de autoria. Durante as transmissões, percebeu-se a reação positiva de cada participante ouvindo sua própria voz, o

que elevou a autoestima de muitos educandos que em sala de aula enfrentavam diariamente a dificuldade de aprendizagem e a timidez.

Assim, cotejando o referencial teórico, inferiu-se que com a proposta da rádio na escola abriu-se um espaço para mediar a socialização de conhecimentos e produção cultural. Ainda, os estudantes ampliaram a capacidade de analisar e de se expressar oralmente e de forma escrita.

Verificou-se, também, que a tecnologia como recurso de mediação pedagógica pôde estar presente no cotidiano escolar, recebendo o devido reconhecimento pelo potencial didático e educativo que possuía, entretanto soube-se pelas pesquisas já apontadas que tanto as escolas como os educadores estavam ainda pouco preparados em termos de utilização de recursos midiáticos. De maneira nenhuma a escola deveria ser a única responsável por isso, mas dever-se-ia questionar o sistema em que ela se inseria.

Apesar da presença das novas tecnologias no âmbito da comunicação social, o atendimento ainda é precário no que tange à aprendizagem de uso dessas tecnologias. Isso faz pensar que há muito o que se discutir, fazendo-se necessário recriar a estrutura curricular e dotar a escola de uma infraestrutura que possibilite elaborar e executar propostas reflexivas e críticas para incluir as tecnologias da informação ao fazer pedagógico.

Ainda mais, acreditou-se que a rádio escolar representou uma proposta essencial para a promoção do protagonismo estudantil, incentivando a autonomia e a criatividade dos alunos. Ao participar ativamente do projeto, os estudantes não apenas desenvolveram habilidades técnicas e comunicacionais, mas também se sentiram pertencentes a um espaço democrático e colaborativo, onde suas vozes foram ouvidas e valorizadas.

Para o desenvolvimento e produção do conteúdo, com base nas informações coletadas, foram organizadas oficinas e atividades para capacitar os alunos na produção dos programas da Rádio Escola. O processo incluiu: oficinas sobre técnicas de locução, edição de áudio e produção de roteiros e simulações e ensaios de programas antes da transmissão oficial.

Os programas gravados poderiam ir ao ar durante o intervalo escolar, com uma programação de 30 minutos, sem interferir nas aulas, nos dias de segunda e quarta. A grade de programação incluiria: notícias escolares e comunicados importantes, entrevistas com professores, alunos e convidados, debates sobre temas de interesse dos estudantes, além de quadros de entretenimento, como músicas, poesias e curiosidades.

Na avaliação e acompanhamento, durante a execução do projeto, foi realizada uma pesquisa-ação, permitindo ajustes contínuos com base no envolvimento dos alunos e no feedback da comunidade escolar. A avaliação foi feita por meio de: relatos e depoimentos dos participantes, acompanhamento pedagógico, observando possíveis melhorias no engajamento

dos alunos nas atividades escolares, como também revisão e análise dos programas gravados, possibilitando a identificação de avanços na produção e na comunicação dos estudantes. Essa metodologia garantiria que a Rádio Escola não apenas ampliasse a comunicação interna da escola, mas também promovesse a participação ativa dos alunos, estimulasse a criatividade e contribuísse para a construção de um ambiente educacional mais dinâmico e integrado.

A criação de uma programação e de playlists musicais para execução na rádio escolar, aliada ao estudo do gênero discursivo entrevista em rádio, estimulariam não apenas o engajamento dos/as estudantes, mas também capacitá-los/as para práticas de leitura criteriosa e produção criativa de textos orais e escritos. Essa abordagem possibilitaria o desenvolvimento de competências comunicativas essenciais para o contexto escolar e social, incentivando o protagonismo estudantil.

Para sustentar esta iniciativa, foram elaboradas três sequências didáticas (SD). As duas primeiras serão voltadas ao estudo e à produção do gênero discursivo lista, com foco na elaboração do grau de programação e na seleção criteriosa de músicas para a rádio. A terceira sequência didática será dedicada ao gênero entrevista em rádio, com ênfase nas especificidades do texto jornalístico, de forma a fomentar a leitura analítica e a produção de textos orais e escritos, respeitando os diferentes contextos de uso da linguagem. Por meio dessas ações, buscou-se não apenas aprimorar as capacidades linguísticas dos/as estudantes, mas também estimular habilidades críticas, criativas e colaborativas.

### **3.6 Exercícios através do programa piloto de rádio**

Antes de avançarmos para a análise mais detalhada dos dados gerados ao longo da implementação da Rádio Escola Onélia Campelo, é necessário destacar a realização do ensaio do programa piloto, etapa prevista no cronograma do projeto como momento estratégico para aferição dos instrumentos de pesquisa e ajuste das práticas pedagógicas envolvidas. Essa fase inicial foi pensada justamente para permitir correções de rota antes do início efetivo das gravações, garantindo maior solidez ao processo.

O piloto, intitulado “*Rádio Escola Onélia Campelo – Voz Estudantil no Ar!*”, foi desenvolvido em forma de leitura simulada de gravação, com os alunos assumindo o papel de locutores e interagindo com um roteiro cuidadosamente elaborado a partir da realidade escolar. O episódio de estreia teve como objetivo principal apresentar a proposta da rádio, destacar sua função educativa e, ao mesmo tempo, proporcionar aos estudantes uma vivência prática das técnicas de comunicação oral, como entonação, dicção, ritmo e uso adequado de pausas.



Durante o ensaio, os alunos se envolveram ativamente em todo o processo: revisaram a lauda com atenção, identificaram palavras que exigiam maior clareza na pronúncia, ajustaram o tempo de fala e repetiram trechos sempre que necessário, tudo sob a mediação pedagógica do professor. Essa dinâmica favoreceu não apenas o aprendizado técnico, mas também fortaleceu o protagonismo estudantil, uma das bases da proposta da Rádio Escola.

A repercussão da atividade foi bastante positiva. A empolgação dos alunos ao se ouvirem e perceberem sua própria evolução, aliada ao reconhecimento do esforço coletivo, gerou comentários entusiasmados e reforçou o engajamento com o projeto. Ainda assim, foram identificadas oportunidades de aprimoramento: alguns trechos exigiam mais ênfase na entonação, outros pediam uma desaceleração do ritmo, além da necessidade de explorar melhor o uso de pausas para facilitar a compreensão do público.

Essas observações iniciais foram valiosas para aperfeiçoar os instrumentos didáticos e comunicativos utilizados com os alunos. A partir delas, foram reformuladas as laudas com linguagem mais direta, incluídos exercícios específicos de dicção e respiração, além da definição de roteiros mais objetivos para os primeiros episódios. O ensaio do piloto, portanto, cumpriu com êxito sua função metodológica, funcionando como um verdadeiro laboratório de testes e ajustes. Embora a gravação oficial ainda esteja por ser realizada, essa simulação já se revelou decisiva para a consolidação das etapas subsequentes da produção radiofônica e da própria análise investigativa da pesquisa.

### **3.7 A minha experiência em um curso de rádio**

Como parte do processo de formação continuada e com o objetivo de qualificar ainda mais o projeto da Rádio Escola da Escola Estadual Onélia Campelo, realizei minha inscrição no curso online de radialista e locutor, oferecido pela plataforma Educaweb. Esse curso possibilitou uma experiência enriquecedora e extremamente útil, pois foi desenvolvido por profissionais com ampla experiência em radiodifusão e apresentou uma metodologia inovadora, com linguagem clara, objetiva e acessível.

A proposta do curso era preparar profissionais para atuarem de forma ética, criativa e competente no universo da comunicação radiofônica, algo que teve total relação com o nosso projeto de rádio escolar. Com essa formação, pude não apenas conduzir com mais segurança as atividades práticas, como também oferecer aos estudantes uma base técnica e teórica consistente.

Ao longo do curso, aulas envolventes e didáticas, com temas que iam desde técnicas de apresentação para rádio à preparação e organização do conteúdo do programa, além de técnicas de aperfeiçoamento de voz e dicção, entre outras.

Esses mesmos conteúdos serviram de referência para os nossos alunos, que tiveram acesso a aulas práticas e teóricas adaptadas, com base na minha experiência no curso. Assim, os estudantes puderam aprender desde a estruturação de um roteiro para rádio, até o uso correto do microfone, passando pela produção de entrevistas, organização de programação musical, ética no uso do microfone e no relacionamento com o público, além da simulação de transmissões ao vivo.

Essas atividades foram realizadas de forma dinâmica, respeitando o ritmo de cada aluno e promovendo a autonomia criativa de cada grupo. A intenção foi que eles aprendessem na prática como planejar e colocar no ar um programa de rádio, utilizando técnicas reais da radiodifusão profissional.

Com essa formação, esperou-se colaborar não apenas para o sucesso da implantação da nossa Rádio Escola, mas também para despertar vocações, desenvolver competências comunicativas e ampliar os horizontes dos nossos alunos. A rádio foi um espaço educativo, interativo e transformador, em que teoria e prática caminharam juntas, com base nos conhecimentos adquiridos neste curso profissionalizante.

### **3.8 Implantação da rádio escola, mesmo sem recursos**

Diante do cenário de incertezas quanto à liberação dos recursos institucionais previstos para a implantação da Rádio Escola na Onélia Campelo, decidimos adotar estratégias alternativas para dar continuidade ao projeto, evitando a estagnação das ações planejadas. Inicialmente, havia a expectativa de um apoio institucional que possibilitaria a aquisição dos equipamentos necessários para o funcionamento da rádio. Contudo, em razão da demora no repasse dos recursos e da impossibilidade de se prever com exatidão quando essa verba seria disponibilizada, optamos por buscar outros caminhos viáveis para não comprometer o andamento das atividades com os estudantes.

Nesse contexto, contamos com o apoio voluntário e extremamente generoso de Christeny Soares, radialista-locutor, conhecido por Tito, um jovem empreendedor que atua no ramo da comunicação popular em Maceió. Tito possui um estúdio de gravação em sua própria residência, onde realiza produções em formato comercial, especialmente voltadas para a

divulgação em caixas de som acopladas a bicicletas, que percorrem os bairros da capital alagoana com mensagens publicitárias e informativas.

Sensibilizado com a proposta da Rádio Escola Onélia Campelo e com o potencial educativo e social do projeto, Tito se prontificou a colaborar de forma ativa. Ele levou seus equipamentos de gravação até a escola, possibilitando que os estudantes tivessem a experiência prática de gravar seus programas de rádio, mesmo antes da estrutura definitiva da rádio escolar estar pronta. Essa iniciativa funcionou como uma espécie de estúdio itinerante, permitindo que as atividades de formação e produção radiofônica avançassem, enquanto aguardávamos a efetivação dos recursos prometidos.

A presença de Tito representou não apenas um gesto de solidariedade, mas também um exemplo concreto de como parcerias com agentes locais puderam fortalecer a educação, promovendo o protagonismo juvenil e a valorização das vozes da comunidade escolar.

### 3.9 Que rádio escolar queremos?

Durante a oficina de rádio, realizamos um bate-papo com os alunos a partir da provocação: “Que rádio escolar queremos construir?”. A atividade teve como objetivo ouvir ideias, percepções e desejos dos estudantes para a construção coletiva do projeto da rádio escola. Logo na primeira pergunta, “O que você imagina quando pensa em uma rádio dentro da escola?”, as respostas foram espontâneas e entusiasmadas. Alguns alunos disseram que pensam em um espaço divertido e informativo, com música, notícias e entrevistas. Uma aluna comentou: *“Penso em uma rádio que fale a nossa língua, com coisas que a gente gosta de ouvir.”*

Quando questionados para que serve uma rádio escola, muitos destacaram a importância da comunicação e da voz dos estudantes. Um aluno respondeu: *“Serve pra gente se expressar, falar sobre o que acontece na escola e quem sabe no mundo.”* Outro completou: *“Também pode ensinar, tipo passar dicas de estudo, de redação, de Enem...”*

A maioria se mostrou interessada em participar da rádio. Houve destaque para o desejo de atuar como locutor, mas também surgiram interesses por outras funções, como roteirista, editor de áudio e entrevistador. *“Eu queria mexer no som, aprender a fazer vinhetas”*, disse um aluno.

Sobre os conteúdos da programação, houve uma diversidade de sugestões: músicas, esportes, notícias da escola, debates sobre temas atuais, entrevistas com professores e colegas, além de espaço para talentos da própria comunidade escolar. Um grupo sugeriu um quadro com

“histórias dos alunos”. Os estudantes demonstraram preferência por uma combinação entre programas gravados e ao vivo, destacando que os gravados poderiam ser mais editados e bem produzidos, enquanto os ao vivo trariam mais emoção e interação.

Quanto ao horário de funcionamento da rádio, os mais citados foram os intervalos e o início das aulas, quando os alunos ainda estão chegando e o ambiente está mais receptivo a escutar. No tema musical, os alunos pediram variedade: MPB, pop, forró, rap, funk (sem palavrões), além de espaço para artistas locais. *“Tem gente que canta bem aqui, a rádio pode mostrar isso”*, disse uma estudante.

Ao refletirem sobre como a rádio poderia melhorar a comunicação na escola, muitos mencionaram que seria uma forma de os estudantes se sentirem mais ouvidos e de aproximar a gestão dos alunos. *“Às vezes a gente tem ideia, mas ninguém escuta. A rádio pode ser esse canal”*, afirmou um jovem. Sobre o efeito da rádio na aprendizagem, os alunos destacaram que ela pode ajudar com informações educativas, reforçar conteúdos dados em sala e até criar interesse em assuntos que normalmente seriam “chatos”. Quanto à representatividade, foi consenso que a rádio deve ter espaço para todas as turmas, gêneros, religiões, culturas e estilos. *“A escola tem muita diversidade, a rádio tem que refletir isso”*, destacou uma estudante.

A escolha do nome “Rádio Conexão Matraca” pelos estudantes não ocorreu de forma aleatória, mas refletiu um processo coletivo de construção simbólica e identitária, articulado com os interesses, vivências e a linguagem própria do grupo juvenil envolvido no projeto. O termo “Conexão” representa, de modo direto, a ideia de vínculo, diálogo e articulação entre os diferentes sujeitos da comunidade escolar, alunos, professores, gestores, funcionários e familiares. Além disso, evoca a proposta da rádio como um espaço de mediação e troca, onde diversas vozes possam se encontrar, promover debates, expressar opiniões e divulgar ações da escola, tornando-se um verdadeiro elo entre os membros da instituição.

Já o termo “Matraca”, escolhido com bastante entusiasmo pelos estudantes, carrega uma conotação popular e irreverente, remetendo à oralidade e à comunicação espontânea, características marcantes da cultura estudantil. “Matraca”, no senso comum, refere-se a alguém que fala muito, que expressa ideias de forma livre e constante — o que, no contexto da rádio, é ressignificado positivamente, como símbolo da liberdade de expressão, do protagonismo juvenil e da valorização das múltiplas vozes que compõem o espaço escolar. Assim, o nome da rádio sintetizou dois aspectos centrais do projeto: a conexão entre sujeitos e a valorização da fala como instrumento de cidadania e expressão criativa.

Quanto ao slogan escolhido, “A voz da escola, no ritmo da sua vida”, tratou-se de uma construção que reforça a função da rádio como instrumento de escuta e representatividade. A

“voz da escola” sugerindo que a rádio funciona como canal legítimo para as manifestações da comunidade escolar, sendo espaço de pertencimento, acolhimento e divulgação das práticas pedagógicas e culturais desenvolvidas no ambiente educacional. Ao incluir a expressão “no ritmo da sua vida”, os estudantes buscaram enfatizar a proximidade entre a linguagem da rádio e o cotidiano dos ouvintes, especialmente os jovens, ajustando o conteúdo da programação aos interesses, realidades e desejos dos próprios alunos. Dessa forma, o slogan ampliou o sentido de pertencimento e reforçou o objetivo da rádio de se tornar não apenas um meio de informação, mas também de identidade, entretenimento e formação.

A oficina mostrou o quanto os alunos têm interesse, criatividade e senso crítico. Eles desejam uma rádio inclusiva, educativa, divertida e que realmente represente sua realidade. Várias ideias de quadros foram sugeridas durante a conversa, demonstrando o o envolvimento dos alunos. Entre elas, destacou-se o desejo de criar um jornal informativo da escola com o nome "Matraca News", que traria notícias sobre eventos, projetos, atividades pedagógicas, avisos e acontecimentos importantes tanto dentro quanto fora da escola. Para o espaço de entrevistas, surgiu a proposta do programa "Fala, Matraca!", pensado como um bate-papo com estudantes, professores, funcionários e convidados especiais, tratando de temas atuais, histórias de vida e opiniões sobre assuntos relevantes.

Outro quadro bastante valorizado pelos alunos foi o "Rádio Memória", idealizado para registrar e valorizar a história da escola por meio de entrevistas com ex-alunos, professores aposentados e membros da comunidade, preservando lembranças e experiências que marcaram a trajetória da instituição.

Também foi sugerido um programa voltado para a valorização dos talentos dos estudantes, intitulado "Talentos da Escola", que daria espaço para apresentações de desenhos, músicas, poesias, danças e outros dons artísticos dos alunos. A proposta é que esse quadro seja um palco para a expressão criativa e o reconhecimento das múltiplas habilidades dos colegas, promovendo autoestima e valorização cultural.

Essas ideias revelaram o desejo dos estudantes de construir uma rádio plural, onde a informação, o entretenimento, a memória e a arte se entrelaçam, formando uma programação que seja, ao mesmo tempo, educativa, inclusiva e representativa da comunidade escolar. Para compreender a importância e o papel transformador da Rádio Escola, foi indispensável revisitar a trajetória do rádio no Brasil, um meio de comunicação que, desde sua origem, reinventa-se constantemente e adapta-se às novas formas de interação e tecnologia.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta a análise dos dados coletados durante as oficinas e nas edições dos programas-pilotos gravados pelos estudantes do 9º ano B, no âmbito do projeto da Rádio Escola. A atividade, de caráter prático e formativo, teve como foco o desenvolvimento da oralidade, gênero entrevista, proporcionando aos alunos a vivência dos papéis de entrevistador e entrevistado.

Durante a oficina, os estudantes participaram de um exercício prático utilizando o script abaixo, feito por mim, que serviu como base para a simulação de entrevistas em duplas com oito alunos. Script utilizado:

### Quadro 3 - Roteiro do Programa da Rádio Conexão Matraca

#### **ROTEIRO DO PROGRAMA DA RÁDIO CONEXÃO MATRACA**

**Tema:** A importância da comunicação na escola

**Entrevistador:** Olá, ouvintes! Hoje estamos aqui com [nome do entrevistado], aluno do 9º ano B, para falar sobre a importância da comunicação na escola. Seja bem-vindo!

**Entrevistado:** Obrigado! É um prazer participar.

**Entrevistador:** Para começar, como você acha que a comunicação influencia o aprendizado?

**Entrevistado:** Eu acho que faz toda a diferença! Quando a gente se expressa bem e entende o que os professores e colegas falam, o aprendizado se torna mais fácil e interessante.

**Entrevistador:** E a Rádio Escola pode ajudar nesse processo?

**Entrevistado:** Com certeza! A rádio pode ser um espaço para informar, discutir temas importantes e até incentivar a leitura e a escrita.

**Entrevistador:** Muito bom! Para encerrar, que mensagem você deixaria para os alunos que querem participar da rádio?

**Entrevistado:** Eu diria que é uma grande oportunidade para aprender e se divertir. Todos deveriam experimentar!

**Entrevistador:** Ótima resposta! Obrigado pela participação e até a próxima!

A coleta de dados se deu por meio da observação participante, através de gravações e registros das falas dos estudantes durante o exercício, sendo posteriormente analisadas com base em categorias temáticas emergentes. A análise está ancorada na abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, conforme delineado na seção metodológica.

Foram identificadas cinco categorias principais na rádio, que serão explicadas posteriormente: (1) autonomia discursiva, (2) escuta ativa e empatia comunicativa, (3) papel do entrevistador como mediador do conhecimento, (4) valorização da comunicação no ambiente escolar e (5) a Rádio Escola como espaço de expressão e protagonismo estudantil.

**Tabela 3 - Categorias emergentes com suas respectivas descrições e análises**

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	ANÁLISE
Autonomia discursiva	Desenvolvimento da competência discursiva por meio da troca de papéis entre entrevistador e entrevistado.	Observa-se a segurança e fluidez na fala, capacidade de argumentação e domínio da situação de fala.
Escuta ativa e empatia comunicativa	Percepção da importância da escuta atenta e do respeito ao outro no diálogo.	Avalia-se a atenção ao outro, o respeito às falas e a capacidade de responder com empatia.
O entrevistador como mediador do conhecimento	Compreensão do papel do entrevistador na construção do conhecimento por meio de perguntas instigadoras.	Verifica-se a elaboração de perguntas relevantes, a condução do diálogo e a articulação das respostas.
Valorização da comunicação no ambiente escolar	Reconhecimento da comunicação como fator essencial para aprendizagem e convivência.	Análise do engajamento nas práticas comunicativas e da capacidade de usar a linguagem de forma eficaz.
Rádio Escola como espaço de protagonismo estudantil	Entusiasmo dos alunos diante da possibilidade de se expressarem e assumirem papéis ativos na escola.	Avalia-se o envolvimento nas atividades, iniciativa, criatividade e senso de pertencimento.

A seguir, cada uma dessas categorias emergentes será discutida com base em exemplos extraídos do material coletado, organizadas em subtópicos:

#### ➤ **Autonomia discursiva**

Durante a oficina, observou-se um movimento significativo em direção à ampliação da capacidade discursiva dos alunos. A troca de papéis entre entrevistador e entrevistado contribuiu para a superação de respostas monossilábicas e favoreceu a construção de enunciados mais desenvolvidos. Um exemplo disso pôde ser observado na fala da aluna (A): "Eu acho que a comunicação é essencial, porque é por meio dela que a gente entende melhor as aulas, tira dúvidas e também consegue resolver conflitos com os colegas. Se a gente não se comunica, tudo fica mais difícil."

Essa resposta indicou não apenas a apropriação do conteúdo trabalhado, mas também a capacidade de desenvolver uma argumentação coerente. Segundo Marcuschi (2008), a competência discursiva se constrói a partir de práticas sociais de linguagem, sendo a entrevista um excelente gênero para exercitar essa competência. A autonomia discursiva, aqui, se revela como uma habilidade em construção, estimulada pela prática contextualizada da entrevista.

➤ **Escuta ativa e empatia comunicativa**

Outro aspecto relevante identificado foi o desenvolvimento da escuta ativa. Ao se colocarem no lugar de entrevistadores, os alunos passaram a perceber a importância de ouvir atentamente o outro. O estudante (B) relatou: "Quando eu estava fazendo a entrevista, percebi que precisava prestar mais atenção no que o colega dizia, pra não repetir a pergunta ou ficar sem saber o que falar depois."

Essa consciência da escuta e da empatia no diálogo foi fundamental. Para Paulo Freire (1996), ouvir é tão importante quanto falar no processo dialógico, e a verdadeira comunicação só ocorre quando há reciprocidade e respeito entre os interlocutores. A escuta ativa representa, assim, uma habilidade social e cognitiva essencial na formação do sujeito crítico e participativo.

➤ **Papel do entrevistador como mediador do conhecimento**

A atividade evidenciou a compreensão, por parte dos alunos, de que o entrevistador assume um papel ativo na construção do conhecimento. A estudante (C) comentou: "Eu achei legal pensar nas perguntas antes, porque isso ajudou a deixar a conversa mais interessante e também fez meu colega pensar mais sobre o que estava respondendo."

De acordo com Bakhtin (2003), o sentido se constrói na interação verbal, e o entrevistador, ao elaborar perguntas, direciona essa construção. O mediador do conhecimento é aquele que, por meio de perguntas bem formuladas, instiga a reflexão do outro e promove o diálogo. Essa mediação se materializou na postura dos alunos ao conduzirem as entrevistas.

➤ **Valorização da comunicação no ambiente escolar**

Muitas falas dos estudantes revelaram o reconhecimento da importância da comunicação na escola. Ao refletirem sobre o tema da entrevista "A importância da comunicação na escola", os alunos destacaram aspectos como a aprendizagem e a convivência social. Um exemplo disso está na fala da aluna (D): "Acho que a comunicação ajuda a gente a aprender mais, porque quando o professor explica bem e a gente pergunta sem medo, tudo fica mais claro. Também evita brigas entre os colegas."

A fala dos alunos confirma a ideia de Antunes (2003), para quem o domínio da linguagem é condição para o exercício da cidadania. A comunicação eficaz na escola contribui



não apenas para o sucesso pedagógico, mas também para a construção de um ambiente mais democrático e participativo.

➤ **A rádio escola como espaço de expressão e protagonismo estudantil**

Por fim, os estudantes expressaram entusiasmo com a possibilidade de participarem da Rádio Escola. As falas indicam que o projeto é visto como oportunidade de protagonismo e expressão. É o que podemos observar no discurso do estudante (E):x"Participar da rádio vai ser massa! A gente pode falar das coisas que acontecem na escola, dar recado, fazer entrevistas... é como se a gente tivesse nosso próprio programa!"

Segundo Hernández (2000), práticas pedagógicas que valorizam o protagonismo e a criatividade dos estudantes são fundamentais para uma educação transformadora. A Rádio Escola, nesse sentido, é um espaço de aprendizagem significativa, que articula linguagem, tecnologia e cidadania.

"Eu acho que a comunicação é essencial, porque é por meio dela que a gente entende melhor as aulas, tira dúvidas e também consegue resolver conflitos com os colegas. Se a gente não se comunica, tudo fica mais difícil." Essa resposta da aluna (F) indica não apenas a apropriação do conteúdo trabalhado, mas também a capacidade de desenvolver uma argumentação coerente.

Segundo Marcuschi (2008), a competência discursiva se constrói a partir de práticas sociais de linguagem, sendo a entrevista um excelente gênero para exercitar essa competência. A autonomia discursiva, aqui, se revela como uma habilidade em construção, estimulada pela prática contextualizada da entrevista.

Na esfera educacional, especialmente no Ensino Fundamental, trabalhar com o gênero entrevista permitiu o desenvolvimento de múltiplas competências: argumentação, escuta ativa, organização de ideias, domínio da linguagem oral e escrita, além da ampliação do repertório cultural e social dos estudantes. Embora amplamente presente em mídias como rádio, televisão e plataformas digitais, a entrevista ainda é um gênero pouco explorado nas práticas de produção textual no Ensino Fundamental.

No contexto da rádio escolar, no entanto, ela ganhou um novo significado, pois permitiu integrar linguagem oral e escrita de maneira dinâmica e significativa. Para trabalhar com esse gênero nesse ambiente, foi fundamental discutir as relações entre o discurso falado e o escrito nas práticas sociais, valorizando o percurso completo da produção de uma entrevista radiofônica. Desde a definição do tema, passando pela elaboração do roteiro e a preparação do entrevistador, até a realização da gravação, a edição do áudio e a eventual transcrição para

divulgação escrita, a entrevista mobiliza diversas habilidades linguísticas. Essa abordagem favoreceu o protagonismo dos estudantes, promoveu o letramento midiático e fortaleceu o vínculo entre escola e comunidade por meio da escuta ativa e da valorização das vozes locais.

A análise das categorias emergentes revelou que a oficina de entrevista contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes. A prática do gênero entrevista, articulada a metodologias ativas e à proposta da Rádio Escola, favoreceu a construção de conhecimentos relevantes e contextualizados.

A Rádio Escola se consolidou como um espaço formativo, promovendo o protagonismo estudantil por meio da experimentação concreta da linguagem em situações reais de comunicação. Ao atuarem como entrevistadores e locutores, os alunos desenvolveram competências ligadas à oralidade, escuta ativa, organização discursiva e responsabilidade comunicacional.

Os dados reforçam a importância de projetos que integrem linguagem, tecnologia e participação estudantil. As categorias analisadas indicaram que se comunicar bem vai além de uma competência escolar: trata-se de uma prática cidadã. Nesse sentido, a Rádio Escola atuou não apenas como recurso didático, mas como dispositivo pedagógico que ampliou vozes, fortaleceu a autonomia dos estudantes e valorizou a expressão crítica no ambiente escolar.

Conforme Baltar (2012), “é importante ressaltar que o trabalho com mídia na escola está sendo considerado como um passo importante para o letramento midiático da comunidade escolar no sentido de forjar *um espaço discursivo midiático na escola*, no qual a comunidade possa participar criticamente de atividades reais e significativas de linguagem.” (Baltar, 2012, p. 18 – grifos do autor).

O autor acrescenta que “um trabalho assim conduzido alimentaria a discussão sobre a representação que a comunidade escolar tem de uma rádio convencional, podendo contribuir paulatinamente para a transformação desse veículo na sociedade. Professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar, ao entenderem que podem construir seu modelo genuíno de rádio escolar, diferentemente dos vários modelos de rádio que já existem na sociedade, estarão dando um importante passo para exercerem seu papel de protagonistas sociais, agindo criticamente, criativamente e conscientemente na direção da construção de um espaço discursivo midiático [...] na escola. (Baltar, 2012, p. 36).

Portanto, a rádio escolar desempenhou um papel significativo no ambiente educativo, indo além de um simples canal de comunicação. Sua implementação possibilitou a interação entre os diferentes atores da comunidade escolar, promovendo o desenvolvimento de competências comunicativas e críticas nos estudantes. Além disso, as rádios escolares se

configuraram como ferramentas pedagógicas capazes de integrar os processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para a construção do conhecimento de forma interdisciplinar e dinâmica.

#### 4.1 Resultados: a escuta de si nos programas de rádio

No desenvolvimento das atividades com os estudantes, propusemos a prática da escrita e da escuta de si, a partir da avaliação reflexiva de suas próprias performances após cada gravação dos programas-pilotos. Essa proposta pedagógica fundamentou-se na concepção de escuta sensível formulada por René Barbier<sup>3</sup> (1998), que a compreende como a capacidade de perceber o não dito nas manifestações explícitas, atentando-se para os aspectos subjetivos e implícitos da experiência comunicativa.

A escuta sensível, nesse contexto, articula-se com a noção de participação coletiva. Para Barbier (2002), é impossível compreender plenamente o universo afetivo e relacional do outro sem o envolvimento ativo no processo de construção do conhecimento. O autor destaca a importância de ser parte do processo, ou seja, ser actante<sup>4</sup>, envolvido de forma orgânica e significativa nas ações coletivas. Nesse sentido, a participação não é apenas presença física, mas uma atitude de abertura ao outro e à transformação mútua.

Ainda segundo Barbier (2002, p. 48), uma metodologia voltada ao estudo do ser vivo deve necessariamente comprometer-se com a mudança. Tal abordagem implica evidenciar contradições, escutar o que está reprimido e abrir caminhos para a expressão autêntica dos sujeitos envolvidos. O papel do pesquisador, portanto, é o de mediador no processo de conhecimento: ele cria condições para a análise crítica, fomenta a consciência acerca de situações opressoras, propõe temas para debate, incentiva a expressão dos participantes e atua na interpretação e esclarecimento das contradições emergentes.

Conforme salienta o autor, o compromisso do pesquisador não se restringe à neutralidade analítica, mas orienta-se pela transformação das condições sociais, por meio de

---

<sup>3</sup> René Barbier, pesquisador francês e Professor Emérito da Universidade de Paris VIII – Saint Denis, elaborou uma metodologia própria para sustentar a teoria por ele desenvolvida. Intitulada *Abordagem Transversal: a escuta sensível em ciências humanas*, essa metodologia articula dimensões sociológicas e psicológicas. Sua construção teórica é influenciada pela psicologia junguiana, pelas ideias do filósofo grego Cornelius Castoriadis, que concebe o mundo humano como o mundo do fazer, além de incorporar contribuições do pensamento oriental.

<sup>4</sup> ACTANTE. *Dicionário Aulete digital*. s.m. 1. Literalmente, o que executa ou sofre uma ação. 2. Ling. Quem ou o que realiza ou sofre a ação indicada pelo verbo dentro de um processo semântico; o protagonista da ação, dirigida em favor de um beneficiário (actante sujeito; actante objeto). 3. Lit. Elemento gerador ou participante de ação numa narrativa ficcional. [F.: Do fr. *actant*. Cf.: adjuvante.].

uma prática investigativa comprometida com o diálogo, a escuta e a emancipação dos sujeitos (Barbier, 2002, p. 56).

Durante a execução dos programas-pilotos, foi solicitado aos estudantes que se ouvissem criticamente após cada gravação, registrando percepções sobre sua fala, postura, fluidez, expressividade e capacidade de interação com os colegas. Essa escuta de si, ancorada na escuta sensível, revelou-se um exercício de autoanálise e crescimento pessoal.

As anotações feitas pelos alunos demonstraram um processo de conscientização gradual: no início, prevaleciam observações voltadas a aspectos técnicos “minha voz ficou baixa” [Aluno 1], “esqueci o texto” [Aluno 2], “falei rápido demais” [Aluno 3], “Gravei muito baixo de novo, tenho que falar mais alto” [Aluno 4], “Gaguejei no começo” [Aluno 5], “Na segunda vez, falei mais devagar e ficou melhor” [Aluno 6], “Esqueci de cumprimentar o público no início”, [Aluno 7], “Deixei espaço demais entre as falas, parecia que acabou” [Aluno 8].

Com o avanço das gravações, as reflexões passaram a incluir dimensões subjetivas e afetivas: “Fiquei nervosa porque meus colegas estavam olhando, mas gostei de ouvir depois e perceber que fui clara.” (Estudante 1)

“Eu achei que ia errar tudo, mas quando escutei, percebi que falei melhor do que pensei. Isso me deu mais confiança.” (Estudante 2)

“Na terceira gravação, senti que estava mais natural. Foi quando comecei a me escutar de verdade.” (Estudante 3) “Antes eu só prestava atenção se falei certo, agora penso também se minha fala tocou quem escutou.” (Estudante 4)

Esse movimento de deslocamento da análise puramente técnica para uma escuta mais profunda e afetiva é coerente com o que Barbier (1998) aponta como uma abertura para o que está implícito. A escuta de si favoreceu, portanto, não apenas o aprimoramento da performance radiofônica, mas também o fortalecimento da autoestima, da empatia e da consciência coletiva.

Além disso, as rodas de conversas promovidas após as escutas coletivas permitiram que os estudantes reconhecessem as contribuições uns dos outros, validando diferentes formas de expressão. Nesses momentos, o papel do professor-pesquisador como mediador foi essencial para criar um ambiente seguro, no qual os sujeitos se sentissem autorizados a expressar suas impressões sem receio de julgamento, conforme preconizado por Barbier (2002).

A prática da escuta coletiva, mediada pelo professor-pesquisador, produziu um espaço de partilha e construção de sentido em grupo. Os estudantes não apenas avaliaram suas falas, mas também aprenderam a valorizar os diferentes modos de se comunicar, respeitando os tempos, os estilos e as singularidades dos colegas. Essa dimensão dialógica, essencial à proposta, evidencia o caráter formativo da experiência e aponta para a importância de se criar,

na escola, espaços de fala autêntica e de escuta atenta. Constatou-se, assim, que a prática possibilitou uma vivência pedagógica integrada, em que a comunicação, o afeto e o autoconhecimento se entrelaçaram em um processo coletivo de formação e emancipação.

**Tabela 4 - Dimensões da escuta e seus efeitos formativos nos estudantes**

<b>DIMENSÃO DA ESCUTA</b>	<b>EXEMPLOS DA FALA DOS ESTUDANTES</b>	<b>EFEITOS OBSERVADOS</b>
<b>Escuta técnica de si</b>	1. “Minha voz ficou baixa” [Aluno 1]; 2. “Esqueci o texto” [Aluno 2]; 3. “Falei rápido demais” [Aluno 3]; 4. “Gravei muito baixo de novo, tenho que falar mais alto” [Aluno 4]; 5. “Gaguejei no começo” [Aluno 5]; 6. “Na segunda vez, falei mais devagar e ficou melhor” [Aluno 6]; 7. “Esqueci de cumprimentar o público no início” [Aluno 7]; 8. “Deixei espaço demais entre as falas, parecia que acabou” [Aluno 8].	Desenvolvimento de consciência técnica sobre a própria fala; percepção de aspectos como volume, ritmo e clareza.
<b>Escuta afetiva e subjetiva de si</b>	9. “Fiquei nervosa porque meus colegas estavam olhando, mas gostei de ouvir depois e perceber que fui clara.” (Estudante 1); 10. “Eu achei que ia errar tudo, mas quando escutei, percebi que falei melhor do que pensei. Isso me deu mais confiança.” (Estudante 2); 11. “Na terceira gravação, senti que estava mais natural. Foi quando comecei a me escutar de verdade.” (Estudante 3); 12. “Antes eu só prestava atenção se falei certo, agora penso também se minha fala tocou quem escutou.” (Estudante 4).	Ampliação da percepção para além da técnica; fortalecimento da autoestima, da confiança e da sensibilidade comunicativa.
<b>Escuta do outro e escuta coletiva</b>	Comentários nas rodas de conversa: reconhecimento das contribuições dos colegas; valorização das diferentes formas de expressão; respeito aos tempos e estilos de fala.	Consolidação de um ambiente empático e colaborativo; fortalecimento do senso de grupo e da escuta ativa e respeitosa.

A partir da análise das falas dos estudantes e da observação do processo vivenciado durante a produção dos programas-pilotos, é possível afirmar que a escuta de si, promovida nos moldes da escuta sensível de Barbier, gerou efeitos significativos na constituição subjetiva e pedagógica dos sujeitos envolvidos.

Conforme os objetivos da pesquisa, a proposta mostrou-se eficaz na criação de um ambiente educativo em que o rádio não foi apenas instrumento de aprendizagem técnica, mas também um mediador da construção de sentidos, de vínculos e de identidade. Os dados demonstram que a prática da escuta não apenas qualificou a comunicação dos estudantes, mas os colocou em posição de autoria e agência, favorecendo o reconhecimento de si no coletivo e do coletivo em si. A escuta sensível, nesse contexto, tornou-se fundamento metodológico e princípio ético para a ação pedagógica, revelando-se uma via essencial para uma educação mais humana, participativa e transformadora.

A tabela apresenta uma síntese das dimensões da escuta identificadas ao longo da implementação dos programas-pilotos da rádio escolar. Os dados, organizados a partir das falas dos estudantes e dos efeitos observados, evidenciam um movimento pedagógico gradativo: de uma escuta inicialmente técnica e autocentrada para uma escuta afetiva e, por fim, coletiva. Esse percurso revela um processo formativo em que a escuta se configura como uma prática de reflexão e transformação.

Na fase inicial das gravações, os registros dos estudantes estavam fortemente centrados em aspectos técnicos da comunicação oral, como o volume da voz, a velocidade da fala, o esquecimento do texto e a estrutura das falas. Expressões como “falei rápido demais”, “minha voz ficou baixa” ou “deixei espaço demais entre as falas” (Tabela 4) apontam para um exercício de autoavaliação voltado ao aprimoramento formal da performance. Essa etapa representa o que se pode denominar escuta técnica de si, uma etapa importante do processo formativo, pois envolve o reconhecimento do próprio desempenho e a busca por melhorias objetivas.

Entretanto, à medida que as atividades se intensificaram, emergiram elementos mais subjetivos e afetivos nas falas dos estudantes. Foram identificadas expressões de insegurança inicial, superadas a partir do exercício de escutar a própria voz com atenção e empatia. A fala da Estudante 1 (“fiquei nervosa porque meus colegas estavam olhando, mas gostei de ouvir depois e perceber que fui clara”) revela um deslocamento significativo: a escuta passa a ser mediadora da autocompreensão e da valorização da própria expressão. Essa mudança indica o desenvolvimento da escuta afetiva de si, em que o sujeito se permite reconhecer suas emoções, conquistas e potencialidades. Como destaca Barbier (1998), a escuta sensível permite “acolher o outro e a si mesmo para além do que é dito, abrindo-se ao que está implícito” (Barbier, 1998, p. 31).

A etapa posterior, evidenciada nas rodas de conversa e nos comentários sobre os colegas, revelou a emergência da escuta do outro e coletiva. Nesse momento, a escuta ultrapassou os limites da autorreferência e tornou-se prática dialógica e relacional. Os estudantes passaram a valorizar as diferentes formas de expressão dos colegas, reconhecendo estilos, ritmos e singularidades. Essa abertura para o outro reforça os princípios da pedagogia dialógica proposta por Freire (1996), na qual a escuta é condição essencial para a construção do conhecimento e da subjetividade em contexto coletivo. Conforme o autor, “escutar é mais que ouvir; é tomar consciência do que é dito, implicando-se com o mundo do outro” (Freire, 1996, p. 107).

A atuação do professor-pesquisador como mediador foi essencial para garantir um espaço de confiança e respeito, no qual os estudantes se sentissem autorizados a se expressar

sem receio de julgamento. Barbier (2002) reforça que a escuta pedagógica exige disposição ética para acolher a fala do outro sem reduzi-la a um modelo ou julgamento, criando ambientes de aprendizagem mais horizontais e cooperativos. Essa mediação permitiu que a escuta coletiva se consolidasse como espaço de partilha e construção de sentido.

Portanto, os dados analisados evidenciam que a escuta, quando trabalhada pedagogicamente, adquire caráter formativo e emancipador. Ao escutarem a si mesmos e aos colegas de forma atenta e crítica, os estudantes não apenas aprimoraram suas competências comunicativas, mas também fortaleceram sua autoestima, empatia e consciência coletiva. Essa experiência se alinha aos pressupostos da educação integral, ao promover o desenvolvimento de múltiplas dimensões da formação humana: cognitiva, afetiva, ética e social.

#### 4.1.1 A escuta como prática educativa dialógica

No processo de análise dos dados coletados por meio da observação participante, dos registros reflexivos e das falas dos estudantes durante a implementação dos programas radiofônicos, emergiram elementos que evidenciam a importância da escuta ativa e sensível como fundamento metodológico e ético dessa experiência educativa.

A escuta, entendida não apenas como recepção de informações, mas como abertura genuína ao outro, à sua história, linguagem e modos de ser, revelou-se como uma das práticas mais potentes na construção de vínculos, no fortalecimento da autonomia dos sujeitos e na transformação dos processos comunicativos escolares. Nesse sentido, foi possível observar que os estudantes, ao assumirem funções na rádio (como entrevistadores, produtores e apresentadores), passaram a experimentar novos modos de expressão e escuta entre pares, reconhecendo a si mesmos e aos colegas em suas singularidades.

Ao interpretar esses dados à luz de Barbier (1998; 2002), compreende-se que a escuta ativa na Rádio Escola mobiliza os três tipos de escuta sensível apontados pelo autor. A escuta científico-clínica se manifesta nas rodas de conversa e nos momentos de planejamento coletivo dos programas, quando os participantes refletem criticamente sobre as temáticas abordadas e seus próprios papéis no processo comunicativo. A escuta poético-existencial é acionada nas narrativas pessoais, nas músicas escolhidas e nos relatos de vida veiculados nos programas, a exemplo do programa-piloto Cultivando Talentos, da Rádio Conexão Matraca, revelando o entrelaçamento entre emoção, subjetividade e criação. Já a escuta espiritual-filosófica apareceu de maneira mais sutil, mas não menos relevante, nas discussões sobre temas sensíveis, como

violência na escola, sonhos e perdas, nos quais os estudantes expressaram valores, crenças e sentidos existenciais profundos.

Além disso, os dados indicaram que a prática da escuta na Rádio Escola atravessou os três imaginários descritos por Barbier (1998): o pessoal-pulsional, nas expressões de desejo, medo, curiosidade e identidade; o social-institucional, na crítica às estruturas escolares rígidas ou às expectativas sociais impostas; e o sacral, na evocação de temas transcendentais ou experiências-limite, como a pandemia da Covid-19, citada por alguns alunos como motivo de reconfiguração das relações e do próprio sentido da escola.

A escuta ativa (sensível) se apresentou, portanto, como mediadora da construção de significados e da produção de subjetividade. Ao escutarem uns aos outros e a si mesmos por meio das práticas radiofônicas, os sujeitos envolvidos ampliaram seu repertório simbólico, elaboraram suas experiências e reposicionaram-se social e afetivamente dentro da escola. Esse movimento dialógico, como afirma Barbier (2002), não pressupõe adesão ou identificação automática com o outro, mas sim a suspensão momentânea de julgamentos e a abertura a uma compreensão mais profunda da alteridade.

Nesse processo, também foi possível identificar a presença de uma escuta coletiva, muitas vezes desempenhada por grupos de apoio, como o grupo de pesquisa ou os professores mediadores, que assume a função de “terceiro escutador” (Barbier, 1998), acompanhando os estudantes e promovendo espaços de devolutiva e acolhimento. Essa escuta institucionalizada contribui para criar uma ambiência formativa, marcada pelo respeito, pela empatia e pela valorização das narrativas dos alunos como saberes legítimos.

As falas dos estudantes - "Faltou mais empolgação na minha fala. Eu estava nervosa"; "Eu falei como se estivesse em um velório, sem ânimo"; "Falei embolado, porque estava errando muito"; "Preciso melhorar muito, pois fiquei nervosa"; "Parece uma voz de locutor", revelam não apenas percepções críticas sobre sua performance vocal e comunicativa, mas também um processo reflexivo em curso. Tais expressões mostraram o impacto do dispositivo da Rádio Escola na escuta de si e na autopercepção dos sujeitos, desencadeando um movimento de autorreconhecimento e de desejo de aperfeiçoamento.

Essas manifestações evidenciam o que Barbier (1998) denomina de escuta poético-existencial, pois mobilizam a dimensão subjetiva e emocional dos estudantes, ao mesmo tempo em que colocam em cena o imprevisível da experiência: o nervosismo, a autocrítica, o embaraço, mas também o encantamento com a possibilidade de se escutar em um novo lugar, o da voz que comunica e circula publicamente. Nesse contexto, escutar a si mesmo, escutar o



outro e ser escutado pelo grupo são movimentos simultâneos que tensionam e transformam a relação do sujeito com a linguagem, com o coletivo e com sua própria imagem.

A análise dessas falas permitiu observar como a escuta ativa, enquanto prática educativa dialógica, favorece o desenvolvimento de uma postura autorreflexiva. O sujeito fala, escuta sua própria fala e, a partir dessa escuta, produz sentidos sobre si, reformulando seus modos de dizer e de se apresentar ao mundo. A escuta aqui não é apenas técnica, mas afetiva, formativa e estética, pois envolve a construção de um estilo próprio de expressão e a abertura para o erro como parte do aprendizado.

Esse movimento revelou, também, a importância da escuta coletivo-formativa no interior da Rádio Escola. Os momentos de escuta das gravações, os retornos oferecidos por colegas e professores, e as reformulações feitas pelos próprios alunos configuraram aquilo que Barbier (1998) chama de presença de um "terceiro escutador" — neste caso, representado pelo grupo como instância mediadora, acolhedora e potencializadora das vozes em formação. O ambiente formativo proposto pela Rádio Escola, assim, favoreceu a emergência de uma comunidade de escuta, onde o erro não é penalizado, mas compreendido como etapa do processo de subjetivação e aprimoramento comunicativo.

Ao afirmarem que "parece uma voz de locutor", os estudantes também expressaram uma descoberta identitária, marcada por certo encantamento com o lugar simbólico da fala pública, do domínio da palavra, do reconhecimento do outro. Essa constatação apontou para uma reconfiguração do imaginário social do estudante, que passa a se perceber como protagonista, como sujeito da enunciação, e não apenas como receptor de informações. Tal processo dialoga com a noção de escuta social-institucional (Barbier, 1998), pois reflete sobre os papéis comunicacionais historicamente reservados a determinados perfis de sujeitos e subverte, pela prática pedagógica, as hierarquias estabelecidas entre quem fala e quem escuta.

Essas falas, portanto, materializaram não apenas um dado empírico, mas uma prática pedagógica transformadora. A escuta ativa, nesse contexto, é o que possibilita aos sujeitos aprenderem a falar ouvindo a si mesmos e aos outros, numa dinâmica de acolhimento, revisão e reexistência. Como conclui Barbier (1998, p. 172), "a escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica de abordagem transversal". E, no caso da Rádio Escola, essa escuta transversal sustentou um projeto de formação crítica, cidadã e sensível.

Logo, a escuta ativa na Rádio Escola não é uma atividade periférica. É, antes, elemento central de uma prática investigativa e educativa comprometida com a formação integral dos sujeitos. Escutar os estudantes é reconhecer sua humanidade, sua capacidade de criar, de

transformar e de ensinar. Escutar como pesquisador é posicionar-se com humildade, abertura e sensibilidade diante das múltiplas formas de expressão que emergem no processo educativo. Assim, a escuta ativa e sensível se configurou como eixo estruturante deste trabalho, pois alimentou a pesquisa, qualificou a prática docente e reafirmou o potencial transformador da Educação, e, por que não dizer, da própria Rádio Escola, como espaço de encontro, reconhecimento e construção coletiva de saberes.

#### **4.2 Percurso formativo dos alunos nas oficinas de rádio**

A oficina “Programa de desenvolvimento da locução”, realizada com os alunos do 9º ano B da Onélia Campelo, foi organizada em quatro etapas de 50 minutos, com foco no aprimoramento da dicção, entonação e ritmo, habilidades essenciais para a atuação dos estudantes na Rádio Escola. A análise dos dados obtidos a partir da observação participativa durante a oficina revelou avanços significativos na confiança comunicativa dos alunos, bem como melhorias técnicas relacionadas à articulação vocal.

Inspirada nos princípios de Behlau e Pontes (1995), que definem o treinamento vocal como a prática de exercícios selecionados para ajustar e reestruturar padrões de fonação alterados, a oficina incorporou técnicas de respiração, projeção e articulação. Trabalhou-se, especialmente, aspectos como pronúncia, altura e intensidade do timbre vocal, bem como as características individuais da voz e o enfrentamento da inibição ao falar em público.

A análise dos dados, com base na observação participativa, evidenciou progressos significativos tanto no domínio técnico da locução quanto na autoconfiança dos alunos ao se expressarem verbalmente. Os participantes demonstraram maior segurança na comunicação oral, desenvolvendo competências fundamentais para sua atuação em contextos comunicativos diversos, especialmente no ambiente radiofônico.

Na primeira etapa, ao se trabalhar o ritmo da fala, os alunos demonstraram inicialmente uma tendência à leitura apressada ou excessivamente lenta, reflexo de insegurança e falta de noção sobre pausas estratégicas. No entanto, com os exercícios práticos, como a leitura em dupla com ajustes recíprocos, percebeu-se uma evolução progressiva no controle do tempo de fala. A leitura coletiva foi especialmente eficaz para sincronizar pausas e fortalecer a escuta ativa, contribuindo para um ritmo mais fluido e apropriado ao contexto radiofônico (Costa, 2015).

Durante a segunda etapa, focada na entonação, os alunos apresentaram maior liberdade expressiva. A atividade de simular emoções nas leituras de frases curtas ajudou a desinibir os

participantes, permitindo que compreendessem como a entonação impacta a interpretação do ouvinte. A simulação de notícias com emoções contrastantes (alegres e tristes) foi fundamental para promover a variação intencional do tom de voz, aspecto essencial à locução radiofônica (Melo, 2013).

A terceira etapa, voltada para a clareza e dicção, foi a que apresentou os maiores desafios, especialmente para alunos com dificuldades articulatórias. O uso de trava-línguas e a técnica do lápis entre os dentes provocou inicialmente estranhamento, mas mostrou-se eficaz para conscientizar sobre o posicionamento correto da língua, lábios e maxilar durante a fala. A atividade de gravação no celular e regravação permitiu aos alunos ouvirem a si mesmos, um recurso valioso para a autopercepção e autocritica construtiva (Fernandes, 2018).

Por fim, a quarta etapa consolidou os aprendizados ao simular um programa de rádio. A tarefa de apresentar uma notícia ou comercial serviu como culminância do processo. Os alunos escolheram, entre dois modelos fornecidos, a notícia sobre o lançamento da própria Rádio Escola ou o comercial da Livraria Saber Mais. A performance gravada foi analisada coletivamente, e cada aluno teve a oportunidade de corrigir um aspecto técnico ou expressivo de sua própria locução, promovendo autonomia e senso de responsabilidade com a qualidade da comunicação.

Durante a etapa final da oficina, os alunos perceberam pela primeira vez diferenças entre como "achavam" que estavam falando e como realmente soava sua voz gravada. Essa diferença se dá, em parte, porque no dia a dia estamos acostumados a ouvir nossa própria voz principalmente por vibração óssea, o que dá à voz uma tonalidade mais grave e "encorpada", mais alta e melhor entendida.

Ao ouvirem suas gravações, em que a voz é captada por microfone e reproduzida por via aérea (como os outros a ouvem), os estudantes se confrontaram com uma nova percepção de si mesmos. Esse momento promoveu autopercepção crítica, possibilitando que eles ajustassem entonação, articulação e ritmo — desenvolvendo autonomia e responsabilidade na comunicação oral, aspectos essenciais para a prática radiofônica.

As atividades a seguir integram o processo de formação dos alunos no âmbito do projeto de Rádio Escolar. Com foco no desenvolvimento da habilidade de locução, os estudantes têm a oportunidade de exercitar a entonação, dicção e clareza na fala por meio de diferentes gêneros textuais, como a notícia e o comercial. Além disso, frases curtas e trava-línguas foram incluídos como exercícios complementares para o aperfeiçoamento da articulação e fluência verbal. Esses treinos não apenas preparam os alunos para a atuação na rádio, como também contribuem para

o fortalecimento da comunicação oral e da autoconfiança, fundamentais no ambiente escolar e fora dele.

#### **Quadro 4 - Atividades desenvolvidas com os alunos durante a oficina**

##### **TEXTO: NOTÍCIA PARA LOCUÇÃO**

Escola Onélia Campelo lança projeto de Rádio Escolar

A Escola Estadual Onélia Campelo, localizada no bairro Santos Dumont, em Maceió, deu início ao seu mais novo projeto: a Rádio Escola. O objetivo é incentivar a comunicação entre os alunos e promover conteúdos educativos e culturais. Segundo o professor Ricardo Pereira, responsável pelo projeto, a rádio será um espaço de aprendizado e expressão para os estudantes. A estreia oficial está prevista para o próximo mês, com programação variada e participações especiais.

##### **TEXTO: COMERCIAL PARA LOCUÇÃO**

**Produto:** Livraria Saber Mais

Você ama ler? Então precisa conhecer a Livraria Saber Mais! Com os melhores lançamentos, clássicos inesquecíveis e preços que cabem no seu bolso. Passe na Saber Mais e descubra um mundo de histórias! Livraria Saber Mais – onde cada página conta uma nova aventura!

##### **Frases curtas para treino de clareza na dicção**

1. Pedro pediu para parar, pois percebeu o perigo.
2. O rádio é rápido, claro e confiável.
3. Três pratos de trigo para três tigres tristes.
4. A escola ensina, educa e transforma.
5. A locução exige atenção e dedicação.
6. Falamos firme para formar frases fortes.
7. Quem conta um conto, aumenta um ponto.
8. O som do sino soa suave ao sol.

#### **Quadro 5 - Análise dos resultados da oficina de comunicação oral**

<b>ASPECTO AVALIADO</b>	<b>EVIDÊNCIAS OBSERVADAS</b>
Dicção e clareza vocal	Os estudantes demonstraram maior controle ao articular os sons e evitar a omissão de sílabas ou palavras. Por exemplo, durante a leitura do trava-língua “Três pratos de trigo para três tigres tristes”, que inicialmente era pronunciado com atropelos e cortes como “Trê prato trigo pra trê tigre trite”, os alunos passaram a articular claramente cada palavra após os exercícios de dicção e trava-línguas.

Ritmo e pausas	As leituras finais apresentaram maior fluidez e coesão oral.
Expressividade vocal	Os alunos mostraram-se mais engajados, utilizando com maior intencionalidade os recursos da voz para dar sentido às mensagens.
Autoestima comunicativa	Houve um aumento visível na confiança dos estudantes ao falar em público, demonstrando fortalecimento da autoestima comunicativa.
Entonação e liberdade expressiva	Os alunos apresentaram maior liberdade expressiva ao compreenderem como a entonação impacta a interpretação do ouvinte, utilizando variações intencionais de tom nas leituras.
Clareza e dicção	Alunos com dificuldades articulatórias enfrentaram desafios, mas melhoraram com o uso de trava-línguas e técnicas específicas, como o lápis entre os dentes, aumentando a consciência articulatória.
Autopercepção e autocrítica	As atividades de gravação e regravação favoreceram a escuta ativa da própria voz, estimulando a autocrítica construtiva e a percepção dos aspectos técnicos da fala.
Autonomia e responsabilidade comunicativa	A simulação de um programa de rádio permitiu que os alunos corrigissem seus próprios erros, promovendo autonomia e senso de responsabilidade com a qualidade da comunicação.

A análise qualitativa dos dados permite afirmar que os objetivos da oficina foram alcançados, com destaque para a melhoria perceptível da dicção e clareza vocal, uma vez que os estudantes demonstraram maior controle ao articular sons e ao evitar a omissão de sílabas ou palavras; o desenvolvimento de um ritmo adequado e o uso consciente das pausas, evidenciado nas leituras finais que apresentaram maior fluidez e coesão oral; a ampliação da expressividade, com os alunos mostrando-se mais engajados e utilizando com maior intencionalidade os recursos da voz para dar sentido às mensagens; e, por fim, o fortalecimento da autoestima comunicativa, visto que houve um aumento visível na confiança dos estudantes ao falar em público, fator crucial para sua participação ativa na Rádio Escola.

Esses resultados vão ao encontro de autores como Melo (2013), que defende a prática da oralidade em ambientes educativos como ferramenta de empoderamento discente, e Fernandes (2018), que destaca a importância da escuta e da gravação como estratégias de

aprimoramento vocal. A prática educativa baseada na experimentação e no feedback contribuiu de maneira significativa para que os alunos se apropriassem da linguagem radiofônica com mais segurança e criatividade.

O percurso formativo dos estudantes envolvidos no projeto Rádio Conexão Matraca caracterizou-se por um processo contínuo de aprendizagem prática, reflexão crítica e construção coletiva de conhecimento. As oficinas de rádio funcionaram como o ponto de partida dessa trajetória, introduzindo os alunos à linguagem radiofônica, às técnicas de gravação e à organização de pautas. Nesse contexto, os estudantes relataram: “Aprendi que falar no microfone exige calma e atenção ao que dizemos.” “Descobri como usar o tom de voz para prender a atenção de quem escuta.”

A sequência natural do processo envolveu a produção dos programas-pilotos, momento em que os alunos aplicaram os conhecimentos adquiridos, exercitando a pesquisa, o planejamento, a criatividade e o trabalho em equipe. As falas dos estudantes destacam a apropriação desses elementos: “Antes eu não sabia como montar um roteiro, agora consigo pensar em cada parte do programa.” “Aprendi a dividir tarefas com meus colegas e cada um contribui com uma ideia diferente.” “É incrível ver como uma pauta simples pode virar um programa interessante quando a gente planeja bem.”

Após cada gravação, as rodas de conversa proporcionaram a avaliação coletiva e o desenvolvimento da escuta ativa e da autocrítica. Durante esses encontros, os alunos puderam refletir sobre seus desempenhos e recebiam feedbacks construtivos: “Foi muito bom ouvir o que os colegas acharam do meu jeito de narrar, me fez refletir.” “Percebi que erros acontecem, mas podemos aprender com eles para o próximo programa.” “Ouvir opiniões diferentes me ajudou a pensar em como melhorar minha dicção e entonação.”

O aperfeiçoamento contínuo tornou-se evidente à medida que os estudantes superavam a timidez e ganhavam segurança em suas apresentações: “No começo eu gaguejava muito, mas cada gravação me ajudou a ganhar confiança.”

“Antes eu tinha medo de falar em público, agora me sinto mais seguro ao microfone.” “Aprendi que repetir e treinar é fundamental para melhorar a apresentação.”

Por fim, os impactos pessoais e sociais do projeto se revelaram nas dimensões de protagonismo juvenil, expressão e consciência cidadã: “Senti que posso usar a rádio para falar de coisas que importam para a nossa escola.” “Percebi que nossas vozes podem influenciar colegas e professores de forma positiva.” “Participar do projeto me fez sentir parte de algo importante, além de aprender sobre comunicação.” Em síntese, o percurso formativo evidenciou que a prática radiofônica vai além da técnica: proporciona crescimento pessoal,

empoderamento social e desenvolvimento de competências comunicativas, fortalecendo o papel da escola como espaço de aprendizagem crítica e participativa.

A seguir, apresenta-se a organização da Oficina de Rádio – Programa de Desenvolvimento da Locução, concebida como parte integrante do projeto da Rádio Escola da Escola Estadual Onélia Campelo. A proposta, direcionada aos estudantes do 9º ano B, visou ao aprimoramento de competências comunicativas por meio de atividades teórico-práticas, estruturadas em quatro encontros de 50 minutos cada. O planejamento da oficina contempla aspectos fundamentais da locução radiofônica, como ritmo, entonação, dicção e expressividade, articulando desafios e exercícios progressivos que favorecem a autonomia e a autopercepção dos participantes. A tabela a seguir sintetiza os conteúdos, metodologias e objetivos específicos de cada encontro, oferecendo uma visão sistematizada do percurso formativo.

**Tabela 5 - Oficina de Rádio: Programa de Desenvolvimento da Locução**

<b>Encontro</b>	<b>Tema</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	<b>Desafios propostos</b>	<b>Objetivo específico</b>
<b>1º Encontro</b>	Introdução à locução e ritmo de fala	Estudo sobre pausas estratégicas, velocidade ideal para rádio; leitura de textos em diferentes velocidades; ajustes em dupla e leitura coletiva.	Leitura de parágrafo com pausas definidas e marcação de respiração.	Ajustar o ritmo de fala, compreendendo pausas e tempo ideal.
<b>2º Encontro</b>	Trabalhando a entonação	Explicação sobre variação de tom e emoção; simulação de notícias alegres e tristes; leitura com entonação diferenciada.	Narrar um acontecimento do cotidiano com diferentes entonações.	Usar a voz para transmitir emoção e intenção comunicativa.
<b>3º Encontro</b>	Clareza e dicção	Estudo sobre articulação e pronúncia; trava-línguas; leitura de textos complexos; treino com lápis para articulação.	Gravação e regravação de uma frase com melhor dicção.	Aprimorar clareza e articulação da fala.
<b>4º Encontro</b>	Gravação dos programas de rádio	Revisão dos conteúdos; gravação de programa curto com apresentação de notícias, comerciais ou entrevistas; feedback coletivo.	Corrigir erro apontado na fala e refazer gravação.	Integrar habilidades aprendidas em uma situação real.

Segue, a título de sistematização, a Tabela – Percurso formativo dos estudantes, que sintetiza as etapas e atividades que compuseram o processo de aprendizagem no âmbito do

Projeto Rádio Escola. A organização em etapas possibilita compreender a progressão pedagógica adotada, que se inicia com a introdução da linguagem radiofônica e de técnicas básicas, avança para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na produção de programas-pilotos e promove momentos reflexivos por meio das rodas de conversa realizadas após as gravações. Além disso, contempla ações de aperfeiçoamento contínuo e evidencia os impactos pessoais e sociais do projeto, reforçando sua dimensão formativa. Essa sistematização busca demonstrar a intencionalidade pedagógica do trabalho desenvolvido, bem como o seu potencial para integrar competências técnicas, cognitivas e socioemocionais, formando sujeitos mais críticos, autônomos e engajados no ambiente escolar e comunitário.

**Tabela 6 - Percurso formativo dos estudantes**

<b>Etapas / atividades</b>	<b>Objetivos principais</b>	<b>Aprendizagens desenvolvidas</b>
Oficinas de rádio	Introduzir linguagem radiofônica e técnicas básicas	Uso correto do microfone, roteirização, organização de pautas
Produção dos programas-pilotos	Aplicar conhecimentos em situações práticas	Criatividade, pesquisa, autonomia e protagonismo
Rodas de conversa pós-gravação	Refletir e avaliar coletivamente as produções	Escuta ativa, crítica construtiva, cooperação e diálogo
Aperfeiçoamento contínuo	Replanejar estratégias e corrigir falhas	Autocrítica, resiliência e senso de melhoria permanente
Impactos pessoais e sociais	Estimular crescimento humano e social	Superação da timidez, desenvolvimento da comunicação e cidadania

O rádio na escola reforça um modelo comunicacional horizontal, democrático e participativo, na medida em que seus agentes de transformação são sujeitos. É na prática interativa e co-participativa do diálogo que o rádio ocupa espaço no universo comunitário escolar e extraescolar. No processo que envolve comunicação popular, alternativa ou comunitária, mais importante que a produção realizada a partir do uso dos meios são as relações que os sujeitos/atores sociais estabelecem nesse processo de construção. O diálogo, o comunicar, o expressar livre de ideias, as formas de participação, a inclusão dos elementos e a valorização das identidades e culturas são aspectos significativos e expressivos nesse contexto (Gonçalves; Azevedo, 2002, p. 4).

De acordo com Assumpção (2008, p. 51), a rádio no espaço escolar, como ferramenta de ensino, pode contribuir com o exercício da cidadania e com a educação escolarizada de forma



mais criativa e motivadora, aproximando a escola da comunidade e estimulando a participação dos estudantes em situações do seu cotidiano.

Ainda segundo Assumpção (2008), duas questões são relevantes sobre a rádio escolar: a primeira refere-se aos benefícios que o trabalho com o rádio pode proporcionar aos estudantes, como colaboração, criatividade, espontaneidade, criticidade e argumentação; a segunda aborda as competências e habilidades relacionadas à pesquisa, à reflexão e à construção do conhecimento.

A tabela abaixo apresenta a síntese dos programas-pilotos gravados no âmbito da Rádio Conexão Matraca, destacando a diversidade de temáticas abordadas, a duração de cada produção e o somatório geral do tempo destinado às atividades. Ao todo, foram realizados 14 programas-pilotos, com diferentes formatos, tais como entrevistas, informativos, musicais e quadros de valorização da cultura local.

O tempo total de gravação corresponde a 24 minutos e 44 segundos, o que equivale a 1.484 segundos de conteúdo radiofônico produzido pelos estudantes. A análise desse dado evidencia a capacidade de organização e o empenho do grupo em dar continuidade ao projeto, mesmo diante das limitações técnicas e pedagógicas enfrentadas durante o processo.

Além disso, a variedade temática contribui para a formação integral dos estudantes, permitindo o desenvolvimento de competências comunicativas, criativas e críticas. Os programas abordaram desde questões educacionais internas à escola (uso do celular em sala de aula, atrasos dos alunos, saúde mental, violência escolar) até temas mais amplos relacionados à cultura e ao meio ambiente, como a valorização do cantor Djavan, o destaque para talentos locais, a divulgação de aspectos turísticos de Alagoas e a sensibilização para a preservação ambiental.

**Tabela 7 - Programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca: descrição e duração**

<b>Programa-piloto</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
1º ao 4º programas	Implantação da Rádio Conexão Matraca (mesmo roteiro, lido por duplas alternadas)	3min17s
5º programa	Experiência dos alunos ao usar o microfone	1min53s
6º programa	Matraca News – Entrevista com a professora Erivânia Faustino (violência escolar)	2min57s

<b>Programa-piloto</b>	<b>Descrição</b>	<b>Duração</b>
7º programa	Cultivando Talentos – Entrevista com aluno (violino e idioma francês)	2min06s
8º programa	Matraca News – Informações sobre a escola, uso do celular e atrasos nas aulas	1min50s
9º programa	Música Boa na Matraca – Destaque para Djavan	2min23s
10º programa (a)	Curiosidades sobre Djavan	1min06s
10º programa (b)	Poesia em homenagem a Djavan	0min45s
11º programa	Descobrimos Alagoas	2min20s
12º programa	Preparação para Enem e Saeb	5min16s
13º programa	Planeta Vivo (meio ambiente)	2min34s
14º programa	Matraca News – Poluição sonora, saúde mental e entrevista com vigilante	2min27s
<b>Totais</b>	<b>14 programas gravados</b>	<b>24min44s (1.484s)</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

A análise a seguir parte da escuta, observação e transcrição do programa piloto "Música Boa na Matraca", desenvolvido no âmbito do projeto Rádio Conexão Matraca, com a participação de estudantes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Onélia Campelo. A proposta consistiu em estruturar um programa de rádio com foco na música popular brasileira, a partir da figura do artista alagoano Djavan. O episódio-piloto articulou trechos musicais, informações biográficas, comentários interpretativos, recursos expressivos da oralidade e a interação entre dois apresentadores, criando um ambiente de fala planejada e performativa. Segue o script do programa:

## Quadro 6 - Script do Programa Música Boa na Matraca

### Programa Piloto “Música boa na Matraca”

**(Vinheta de abertura** - instrumental suave da MPB)

**Apresentador 1:** Está começando o Música boa na Matraca. Aqui a música popular brasileira ganha voz, história e sentimento! Apresentação de [.....] e [.....]. Você está sintonizado na Rádio Conexão Matraca, a voz da escola no ritmo da sua vida!

**Apresentador 2:** Hoje vamos falar sobre um artista que é um verdadeiro patrimônio da música brasileira: o cantor, compositor e instrumentista Djavan, que é, com muito orgulho, alagoano como a gente!

**(Trecho musical: “Oceano” ao fundo)**

**Apresentador 1:** Djavan nasceu em Maceió, capital de Alagoas, no dia 27 de janeiro de 1949. Desde pequeno, se interessou pela música, ouvindo rádio com a mãe e aprendendo a tocar violão de forma autodidata.

**Apresentador 2:** Na juventude, formou um grupo musical e tocava em bailes. Foi para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades, e lá começou a se destacar com suas composições e seu estilo original, que mistura samba, jazz e bossa nova.

**(Trecho musical: “Flor de Lis”)**

**Apresentador 1:** Acabamos de ouvir um trecho da música “Flor de Lis”, um dos primeiros sucessos de Djavan, lançado em 1976. A canção fala sobre amor e perda, e é considerada um clássico da nossa música popular.

**Apresentador 2:** As letras de Djavan são conhecidas pela poesia e musicalidade. Ele cria imagens e sentimentos com as palavras, o que torna sua música única e cheia de emoção.

**(Trecho musical: “Sina”)**

**Apresentador 1:** Essa foi a música “Sina”, outro sucesso que mostra bem como Djavan mistura ritmos brasileiros com influências internacionais, criando uma sonoridade muito própria.

**Apresentador 2:** E não é só no Brasil que ele é reconhecido, viu? Djavan já teve músicas gravadas por artistas internacionais como Stevie Wonder e cantou em festivais pelo mundo. Sua obra é respeitada e admirada fora do país também.

**Apresentador 1:** Para além da fama, Djavan é uma inspiração para todos que acreditam na força da arte. Ele sempre valorizou suas raízes e nunca se afastou da essência nordestina e alagoana.

**Apresentador 1:** E assim a gente encerra o nosso programa. Esperamos que você tenha curtido conhecer mais sobre esse artista incrível.

**Apresentador 2:** Depois do recesso escolar tem mais! Vamos continuar essa viagem pelos sons e talentos da música popular brasileira. Um abraço e até a próxima!

**(Vinheta de encerramento com instrumental de “Oceano”)**

**Apresentador 1:** Você ouviu Música boa na Matraca. Até o próximo programa!

### Quadro 7 - Continuação do Programa Música Boa na Matraca

**Nome completo:** Djavan Caetano Viana.

**Início musical:** Começou tocando violão de ouvido e cantando músicas dos Beatles e da Jovem Guarda.

**Antes da fama:** Trabalhou como entregador de marmitas e jogador de futebol (quase foi profissional no CSA).

**Mudança para o Rio de Janeiro:** Foi em busca do sonho musical em 1973, participando de festivais.

**Primeiro sucesso:** “Flor de Lis”, apresentada no Festival Abertura da TV Globo, em 1975.

**Letra poética:** Suas canções são conhecidas por letras líricas e metafóricas, com uso criativo da linguagem.

**Atuação internacional:** Djavan é conhecido e respeitado fora do Brasil, com turnês pela Europa, EUA e América Latina.

**Engajamento cultural:** Sempre valorizou suas raízes nordestinas e defende a cultura brasileira em sua obra.

#### Djavan: som que nasce das águas

No ventre de Alagoas nasceu um menino,  
Com o mar nos olhos e o sol no destino.  
Djavan é o nome que o vento espalhou,  
Na canção da vida, o tempo cantou.  
Fala de amores, de céu e de chão,  
De um Brasil profundo em cada canção.  
Com “Oceano” nos leva a navegar,  
Com “Flor de Lis” nos faz sonhar.  
Canta o que sente, sem pressa de chegar,  
Traz no som a alma da nossa cultura.  
Djavan é verso que brilha no ar,  
É raiz, é estrela, é mar.  
(Autoria: Professor Ricardo Pereira)

A seção “Curiosidades sobre Djavan”, apresentada no programa *Música Boa na Matraca*, revela uma proposta pedagógica que articula informação, valorização cultural e produção artística. O segmento demonstrou como a rádio escolar pode ser um espaço de construção de saberes significativos, estimulando a oralidade, a pesquisa e a sensibilidade estética dos estudantes.

A primeira parte, em formato de lista, organiza dados biográficos e artísticos de Djavan de forma sintética e atrativa. As “curiosidades” cumpriram um papel essencial no contexto educativo: aproximaram os alunos da figura do artista alagoano, destacando aspectos de sua trajetória humana e profissional. Ao mencionar, por exemplo, que o cantor foi entregador de marmitas e quase jogador de futebol antes da fama, o texto humaniza a figura do artista e inspira os ouvintes ao mostrar que o sucesso é fruto de esforço e persistência. A linguagem simples e acessível também reforçou a dimensão comunicativa do rádio como ferramenta de ensino, permitindo que o conteúdo seja compreendido e apreciado por diferentes públicos escolares.

Já o poema “Djavan: som que nasce das águas”, de autoria do professor Ricardo Pereira, ampliou a proposta ao adotar uma linguagem poética e simbólica, que transformou a biografia do cantor em expressão artística. Os versos evocaram imagens da natureza alagoana - o mar, o sol, o vento - como metáforas da origem e da musicalidade de Djavan, associando sua arte à identidade nordestina e à força criadora das águas. O texto poético complementou as informações factuais, conferindo sensibilidade e lirismo à narrativa sobre o artista.

Assim, a junção entre o texto informativo e o poema evidencia uma prática de multiletramentos, em que diferentes gêneros discursivos, informativo e poético, dialogam para promover a aprendizagem. Além disso, o uso da oralidade radiofônica permite que os alunos experimentem modos expressivos de leitura e declamação, desenvolvendo competências linguísticas e estéticas.

O programa foi concebido com a finalidade de trabalhar a oralidade como prática sistematizada, e não apenas como expressão espontânea. A partir disso, a presente análise visa responder à questão-problema que orienta este trabalho: de que forma a prática com a rádio escolar pode auxiliar no ensino da oralidade e no trabalho docente com gêneros orais em sala de aula?

A produção de *Música Boa na Matraca* envolveu a seleção de conteúdos e a construção de um roteiro estruturado em cinco partes: (1) vinheta de abertura; (2) apresentação temática; (3) desenvolvimento com blocos informativos e musicais; (4) encerramento; (5) curiosidades sobre o cantor Djavan e leitura de um poema sobre o músico. Esse planejamento permitiu que

os alunos compreendessem os gêneros orais não como improvisações livres, mas como formas discursivas organizadas, com início, meio e fim, definidas por uma situação de comunicação específica: um programa radiofônico com foco cultural.

Durante o planejamento textual, os estudantes precisaram tomar decisões quanto à seleção lexical, ao tom da fala, ao equilíbrio entre informalidade e informação, à divisão dos turnos entre apresentadores e ao ritmo do programa. A mediação docente foi essencial para promover reflexões sobre adequação discursiva, progressão temática e o uso expressivo da voz. Como afirmam Dolz e Schneuwly (2004), o ensino de gêneros orais deve envolver atividades sistemáticas que articulem compreensão, produção e reescrita oral, aspectos claramente presentes nesta experiência.

A análise do programa revelou o cuidado dos estudantes na organização da fala. A alternância entre os apresentadores, sempre marcada pela escuta e continuidade temática, demonstrou domínio da noção de turno discursivo, essencial nos gêneros orais dialogais. Além disso, o uso de expressões de abertura e fechamento, como “está começando o Música Boa na Matraca” e “até a próxima!”, reforçou a compreensão da estrutura genérica do programa.

A expressividade vocal também mereceu destaque: os alunos utilizaram recursos de entonação, pausas, intensidade e ritmo para conferir fluidez e envolvimento à fala. A presença de trilhas sonoras de fundo e trechos musicais curtos (como “Flor de Lis” e “Sina”) ajudou a criar ambiência e a integrar música e fala, promovendo uma experiência multimodal e sensorial, aspecto que aproxima a prática da linguagem radiofônica profissional e evidencia o potencial da rádio escolar como laboratório de oralidade.

#### **4.3 Oralidade como prática reflexiva e processo de aprendizagem**

Ao longo do processo de gravação e escuta coletiva, os estudantes foram convidados a refletir criticamente sobre sua própria produção. Comentaram aspectos como clareza, ritmo, articulação das ideias e naturalidade da fala. Houve sugestões entre os pares para regravação de trechos, ajustes no tom de voz e reformulação de algumas expressões que pareceram forçadas. Esse processo de escuta, revisão e reescrita oral representa um momento fundamental de aprendizagem, no qual a oralidade deixa de ser um ato efêmero e se torna objeto de conhecimento e de aprimoramento coletivo.

Como aponta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a oralidade deve ser ensinada de forma sistemática e crítica, considerando diferentes gêneros, situações comunicativas e modos de participação. A prática com o programa *Música Boa na Matraca*

concretizou essa diretriz ao promover o desenvolvimento de competências linguísticas, discursivas e colaborativas por meio da mediação docente e do engajamento dos alunos em atividades reais de produção oral.

Outro elemento relevante observado na experiência foi o vínculo entre o conteúdo do programa e a valorização da cultura local. A escolha do artista Djavan, alagoano e internacionalmente reconhecido, permitiu que os alunos se aproximassem de suas raízes culturais ao mesmo tempo em que praticavam a oralidade. Nesse aspecto, a rádio escolar também cumpre uma função de mediação cultural, ressignificando o espaço da escola como lugar de afirmação da identidade e da diversidade.

Ao afirmarem que Djavan é “um verdadeiro patrimônio da música brasileira” e “alagoano como a gente”, os estudantes constroem sentidos que reforçam o pertencimento e estabelecem uma relação afetiva entre o conteúdo trabalhado e suas vivências. Essa dimensão simbólica da linguagem oral, frequentemente negligenciada nos ambientes escolares, foi potencializada pelo formato radiofônico e pela liberdade criativa proporcionada pela Rádio Conexão Matraca.

A análise do programa *Música Boa na Matraca* permite afirmar que a prática com a rádio escolar constitui uma estratégia eficaz para o ensino sistemático da oralidade. A produção do programa exigiu dos estudantes domínio de gêneros orais, planejamento discursivo, expressividade vocal, escuta crítica e apropriação cultural, aspectos que configuram a oralidade como um campo didático legítimo e necessário.

Para os professores, a experiência revela caminhos metodológicos viáveis para integrar a oralidade ao planejamento pedagógico, com base em práticas concretas, reflexivas e socialmente significativas. A rádio escolar, nesse sentido, não apenas comunica, mas forma, transformando-se em um espaço de aprendizagem linguística, cidadã e criativa.

#### **4.4 Sentidos construídos e aprendizagens emergentes**

A experiência com o programa piloto *Música Boa na Matraca*, inserido no projeto Rádio Conexão Matraca, revelou-se um campo fértil para a construção de aprendizagens significativas em torno da oralidade como objeto de ensino. Ao longo das etapas de planejamento, roteirização, gravação, escuta crítica e avaliação coletiva, os alunos vivenciaram, de forma prática e reflexiva, os elementos constitutivos dos gêneros orais em contexto real de produção.

A rádio escolar mostrou-se não apenas uma ferramenta de expressão, mas um ambiente pedagógico de elaboração discursiva, em que a fala deixou de ser um mero ato espontâneo para se tornar um conteúdo sistematizado e intencional. O envolvimento dos estudantes com as dimensões linguística, expressiva e sociocultural da oralidade foi visível, sobretudo na forma como assumiram o controle de suas produções, ouviram-se criticamente e buscaram melhorar o desempenho comunicativo.

O programa *Música Boa na Matraca* também reforçou o papel da escola como espaço de valorização da identidade cultural local, ao eleger um artista alagoano como eixo temático e mobilizar afetos e pertencimentos por meio da linguagem. Nesse processo, professores e estudantes encontraram na rádio uma estratégia viável, criativa e engajadora para trabalhar com práticas orais reais, rompendo com os limites da oralidade escolar tradicionalmente improvisada, fragmentada ou subestimada.

Assim, os dados aqui analisados evidenciam que a integração entre rádio escolar e ensino de gêneros orais não apenas fortalece a competência linguística dos estudantes, mas também promove uma formação mais crítica, colaborativa e cidadã.

Durante a escuta coletiva e as conversas avaliativas pós-programa (gravação), alguns trechos das falas dos estudantes foram registrados e organizados como fragmentos reflexivos, evidenciando percepções sobre o próprio processo de aprendizagem:

“Nunca pensei que falar no rádio fosse tão difícil e tão legal ao mesmo tempo. Precisei pensar no que ia dizer e como dizer. Fiquei orgulhoso do resultado.” (*Estudante A*)

“Eu achei que era só ler, mas a gente teve que pensar na entonação, no ritmo... Eu regravei porque percebi que estava falando rápido demais e ninguém ia entender.” (*Estudante B*)

“A parte de escolher as músicas e contar a história de Djavan foi a mais legal. Ele é daqui e eu não sabia de quase nada sobre ele. Agora eu quero ouvir mais.” (*Estudante C*)

“Gostei muito de trabalhar em dupla. A gente se ajudava, ensaiava junto e corrigia um ao outro. Eu aprendi a escutar melhor.” (*Estudante D*)

“Achei interessante escutar minha própria voz depois. Nunca tinha me escutado assim. Foi esquisito, mas aprendi bastante com isso.” (*Estudante E*)

Essas falas reforçam o caráter formativo da rádio escolar, destacando a autopercepção da oralidade, o desenvolvimento de habilidades metacognitivas e o fortalecimento da escuta como dimensão pedagógica.



**Tabela 8 - Elementos da oralidade desenvolvidos a partir do Programa Música Boa na Matraca**

<b>EIXO DE ANÁLISE</b>	<b>ASPECTO OBSERVADO</b>	<b>EVIDÊNCIA NA PRÁTICA RADIOFÔNICA</b>
Planejamento discursivo	Organização temática e estrutura do roteiro	Divisão clara entre introdução, desenvolvimento e encerramento; definição de turnos de fala
Domínio de gêneros orais	Compreensão e produção de gêneros como apresentação, comentário, entrevista, leitura expressiva	Alternância entre quadros informativos e musicais; inserção de comentários e contextualizações
Expressividade vocal	Uso consciente de entonação, ritmo, pausas, volume	Regravações para melhorar clareza e naturalidade; atenção à voz e à pronúncia durante a gravação
Escuta crítica e revisão oral	Capacidade de autoavaliação e correção	Alunos identificam problemas em sua própria fala e nos colegas; sugestões de melhoria entre pares
Engajamento cultural e identidade	Valorização das raízes locais e reconhecimento de artistas regionais	Escolha do cantor Djavan como tema; expressões de orgulho e identificação com a cultura alagoana
Trabalho colaborativo	Cooperação entre duplas e no grupo para construção do conteúdo	Ensaaios em dupla, distribuição de tarefas e revisões conjuntas
Formação docente mediadora	Intervenções pedagógicas que articulam teoria e prática	Orientações sobre gênero, uso da voz e estrutura discursiva durante o processo de roteirização

A veiculação do programa-piloto da Rádio Escola, jornal informativo intitulado *Matraca News*, representou um marco importante na consolidação do projeto pedagógico na Escola Estadual Onélia Campelo. A análise qualitativa do programa, realizada por meio de observação participante e escuta atenta, possibilitou compreender aspectos fundamentais da experiência formativa vivenciada pelos estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

A participação direta dos estudantes na produção do programa *Matraca News* representou um exercício prático de protagonismo juvenil e de aprendizagem significativa, promovendo uma experiência coletiva de construção do conhecimento e de expressão cidadã. Desde o início da atividade, os alunos foram estimulados a assumir papéis ativos em todas as etapas do processo, sob orientação do professor, que atuou como mediador e facilitador.

A atividade teve início com uma roda de conversa em sala de aula, na qual os alunos discutiram a proposta de criação de um informativo radiofônico voltado para a comunidade

escolar. Nessa fase, foram incentivados a refletir sobre a função social da rádio escola, os objetivos do programa e o perfil do público-alvo. A escuta ativa do professor foi fundamental para acolher as sugestões dos estudantes, que apresentaram ideias de temas que julgavam relevantes para os colegas, como o Projeto Junino, os atrasos escolares, o uso do celular em sala de aula e o recesso escolar.

Em seguida, foi realizado um momento de oficina de escrita coletiva, em que os estudantes, organizados em pequenos grupos, redigiram esboços de blocos do programa, baseando-se em modelos de roteiros radiofônicos previamente estudados. Houve intensa troca de ideias, argumentações, revisões e reescritas, com ajuda do professor, com atenção à clareza da linguagem, à organização lógica das informações e ao estilo de comunicação oral. Ao final dessa etapa, os fragmentos redigidos pelos grupos foram reunidos, revisados conjuntamente e transformados em um roteiro final unificado, com definição de vinheta de abertura e encerramento, transições entre blocos e distribuição de falas.

A seleção dos locutores também foi feita de maneira participativa. Após testes de leitura em voz alta e simulações de gravação, os próprios colegas votaram nas duplas que mais se destacaram pela expressividade, clareza e domínio da entonação. Os estudantes escolhidos para locução passaram por uma breve preparação com o professor, incluindo dicas de postura vocal, ritmo de fala e respiração.

No momento da gravação, realizada em ambiente improvisado dentro da escola, na biblioteca da escola, os alunos mostraram comprometimento, organização e entusiasmo. Eles ajustaram o roteiro em tempo real, sugeriram alterações em algumas expressões para torná-las mais naturais e assumiram, inclusive, a função de controlar o tempo do programa. Durante os ensaios, houve apoio mútuo entre os colegas, com sugestões construtivas para melhorar a performance uns dos outros, evidenciando o espírito colaborativo da atividade.

Além dos locutores, outros estudantes participaram da elaboração das vinhetas, dando sugestões, e da escolha da música de fundo, buscando sons que transmitissem a identidade do projeto e criassem uma atmosfera atrativa para os ouvintes. Essa escolha foi fundamentada em critérios discutidos coletivamente, como a leveza da melodia, a adequação ao tom informativo do programa e a representatividade cultural da sonoridade.

Por fim, após a gravação, houve um momento de escuta coletiva e avaliação formativa, no qual os alunos refletiram sobre o processo de criação, destacaram os pontos positivos e sugeriram melhorias para os próximos programas. Essa autoavaliação revelou uma percepção clara de crescimento pessoal e coletivo, com falas que expressaram orgulho, pertencimento e desejo de continuidade do projeto.

A participação direta dos alunos, portanto, não se limitou à execução de tarefas previamente delimitadas, mas se concretizou como um processo de coautoria e corresponsabilidade. Eles se engajaram criativamente em cada fase da produção, experienciando, de forma concreta, os desafios e as potências da comunicação escolar. Como resultado, o programa *Matraca News* tornou-se não apenas um produto midiático, mas também uma ferramenta pedagógica capaz de despertar nos estudantes o sentimento de autoria, a consciência crítica e o exercício da cidadania.

Dessa maneira, a atuação ativa dos alunos reflete o conceito de protagonismo estudantil, tal como discutido por Costa e Vieira, ao destacar a importância de escutar e valorizar as vozes dos estudantes no espaço escolar.

Nessa perspectiva, Costa e Vieira (2000, p. 139) refletem que “os adolescentes, além de portadores de entusiasmo e de vitalidade para a ação, são dotados também de pensamento e de palavra”. Isso demonstra o quanto é essencial oferecer aos jovens oportunidades de colocar em prática essas capacidades, transformando o espaço da escola em um território fértil para a escuta ativa, o debate de ideias e a articulação de vozes juvenis em torno de temas que atravessam sua realidade. Ainda segundo os autores, o protagonismo juvenil tem por objetivo “[...] criar condições para que o educando possa exercitar, de forma criativa e crítica, essas faculdades na construção gradativa de sua autonomia [...]” (Costa; Vieira, 2000, p. 139).

Durante os ensaios e a gravação, foi possível observar o entusiasmo dos participantes e o senso de responsabilidade diante da tarefa proposta. A divisão de funções entre os locutores, a criação de vinhetas com identidade sonora e o uso de linguagem acessível e envolvente demonstram que os alunos foram capazes de construir uma narrativa coerente e atraente para o público-alvo, a comunidade escolar. Trata-se, portanto, de uma experiência que ressignifica o papel do aluno como produtor de conhecimento e agente comunicador.

O conteúdo do programa-piloto abrangeu temas diretamente vinculados ao cotidiano da escola: a culminância do Projeto Junino, o recesso escolar, o uso inadequado do celular em sala de aula e os constantes atrasos no horário de entrada. A escolha desses temas partiu dos próprios estudantes, após discussões em rodas de conversa mediadas pelo professor. Esse processo reflete a compreensão de que a rádio pode ser um espaço de formação crítica e cidadã, conforme defendido por Costa (2000), que reforça esse entendimento ao afirmar que considera o protagonismo juvenil como uma proposta pedagógica em que adolescentes atuam como personagens principais de uma iniciativa voltada à solução de problemas reais de sua comunidade ao propor uma comunicação dialógica e transformadora, que parte da realidade do sujeito para gerar reflexão. Ao abordarem questões relevantes com linguagem clara e objetiva,

os alunos demonstraram senso de pertencimento e corresponsabilidade com o ambiente escolar. É o que observamos no roteiro do script do Matraca News, da Rádio Conexão Matraca.

### Quadro 8 - Script do Matraca News

<b>MATRACA NEWS – PILOTO DO JORNAL</b>	
<i>[Vinheta de abertura do jornal com música ao fundo]</i>	
<b>LOCUTOR 1:</b>	Bom dia, comunidade escolar! Está começando o <i>Matraca News</i> , o seu informativo da <b>Rádio Conexão Matraca</b> – a voz da escola, no ritmo da sua vida! Eu sou _____.
<b>LOCUTOR 2:</b>	E eu sou _____. Chega mais, porque o programa de hoje está recheado de notícia, alerta e muita informação! Se liga!
<b>LOCUTOR 1:</b>	Atenção: nesta sexta-feira, 6 de junho, acontece a culminância do Projeto Junino da nossa escola! Vai ser um grande momento de valorização da cultura nordestina, com participação de todas as turmas.
<b>LOCUTOR 2:</b>	Quadrilha, música, apresentações e comidas típicas! Tudo preparado por alunos e professores com muito carinho. Nosso São João vai ser arretado!
<b>LOCUTOR 1:</b>	E depois da festa, vem o descanso: o recesso escolar será de 16 a 30 de junho. Aproveite com responsabilidade e se cuide!
<b>LOCUTOR 2:</b>	Agora um alerta: o uso indevido do celular em sala de aula continua sendo um problema. O aparelho só pode ser utilizado com autorização do professor e para fins pedagógicos. Respeito é fundamental!
<b>LOCUTOR 1:</b>	Outro ponto importante: o número de alunos atrasados para a primeira aula, às 7h, está crescendo. Muitos só chegam na segunda aula e isso atrapalha o andamento das atividades.
<b>LOCUTOR 2:</b>	Lembrem-se: o professor aguarda até 7h15, mas só consegue começar a aula mesmo às 7h30. Isso prejudica o conteúdo e o aprendizado. Organização é tudo!
<i>[Vinheta de encerramento – música de fundo]</i>	
<b>LOCUTOR 2:</b>	Esse foi o <i>Matraca News</i> , edição piloto da Rádio Conexão Matraca! Informação, cultura e cidadania direto pra você, estudante da Onélia Campelo. Até o próximo programa!

A linguagem utilizada no programa equilibrou informalidade e intencionalidade comunicativa. Expressões como “arretado” e “chega mais” reforçam a oralidade própria da cultura nordestina, estabelecendo uma identidade comunicativa próxima dos estudantes e promovendo uma escuta afetiva e contextualizada. Segundo Freire (1983), a linguagem é mediadora da conscientização; ao apropriarem-se da palavra e do microfone, os estudantes ampliam sua capacidade de expressão e intervenção social. A presença de vinhetas de abertura

e encerramento contribuiu para a consolidação de uma estética radiofônica e de uma “marca” para o informativo, o que fortalece a proposta de continuidade do projeto e o reconhecimento da Rádio Conexão Matraca como veículo oficial da escola.

A partir dos registros da observação participante e dos relatos espontâneos coletados junto aos estudantes ao final da atividade, tornou-se evidente a mobilização de um conjunto significativo de competências cognitivas, socioemocionais e comunicativas no processo de elaboração e veiculação do programa *Matraca News*. O envolvimento dos alunos na escrita do roteiro, na leitura expressiva diante dos microfones e na organização coletiva das etapas de produção revelou avanços notáveis na capacidade de interpretar e ressignificar textos, não apenas como leitores passivos, mas como sujeitos ativos da linguagem, aptos a compreender e intervir em contextos comunicacionais reais.

O planejamento do conteúdo radiofônico demandou dos estudantes um esforço sistemático de organização de ideias, com atenção à coesão e à progressão temática, o que proporcionou um exercício prático de articulação discursiva e argumentativa, frequentemente difícil de ser desenvolvido de maneira significativa nas práticas tradicionais de sala de aula. Essa experiência colaborativa favoreceu ainda o desenvolvimento de uma postura dialógica e ética, mediada pelo respeito às opiniões divergentes e pelo reconhecimento das contribuições individuais no processo coletivo.

A dimensão criativa esteve presente tanto na construção da linguagem radiofônica, marcada por tons de oralidade e expressões regionais que dialogam com a identidade cultural dos participantes, quanto na concepção estética do programa, com vinhetas, entonações, pausas e escolhas lexicais que conferiram personalidade e autenticidade à produção. Essa vivência contribuiu para ampliar a autonomia dos alunos, à medida que puderam experimentar situações reais de tomada de decisão, resolução de problemas e exposição pública de suas vozes.

Além disso, observou-se um fortalecimento da autoconfiança dos estudantes, especialmente daqueles que tradicionalmente demonstravam timidez ou baixo engajamento nas atividades escolares convencionais. A prática radiofônica se constituiu, nesse contexto, como um espaço de acolhimento e valorização das subjetividades, onde o reconhecimento do próprio potencial comunicativo emergiu como fator de empoderamento pessoal e social.

Apesar do êxito da gravação piloto, alguns desafios foram observados: a necessidade de formação básica em edição de áudio e a ausência, até então, de um espaço físico adequado para funcionamento da rádio com isolamento acústico. Essas questões, no entanto, precisam ser solucionadas através de investimentos por meio de recursos da Fapeal, que, até agora, não disponibilizou a verba prevista à compra de equipamentos e instalação oficial da rádio escola.

Apesar dessas limitações, como experiência prática da Rádio Conexão Matraca, o programa-piloto cumpriu seu papel formativo e inaugurou um novo espaço de comunicação, expressão e aprendizagem no cotidiano escolar.

A partir da observação participante e dos relatos dos estudantes ao final da atividade, foi possível identificar, de forma resumida, o desenvolvimento de diversas competências. Dentre elas, destacam-se: leitura expressiva e interpretação textual; planejamento e organização de ideias; trabalho colaborativo; criatividade na produção de conteúdo; e autonomia e autoconfiança.

A seguir, apresenta-se uma tabela com a análise dos dados obtidos a partir da observação participante e dos relatos dos estudantes envolvidos na produção do programa-piloto *Matraca News*. Essa análise busca sistematizar as principais habilidades desenvolvidas durante o processo, bem como evidenciar os aspectos da aprendizagem significativa que emergiram da experiência. A tabela contempla competências relacionadas à leitura, escrita, oralidade, organização, criatividade e autonomia, demonstrando o efeito positivo da atividade no desenvolvimento integral dos alunos e no fortalecimento do protagonismo estudantil.

**Tabela 9 - Habilidades desenvolvidas e aprendizagem significativa a partir do programa-piloto “Matraca News”.**

<b>Competência/habilidade desenvolvida</b>	<b>Evidência observada (a partir da observação participante e relatos)</b>	<b>Efeito na aprendizagem significativa</b>
Leitura expressiva e interpretação textual	Alunos demonstraram domínio do texto ao realizar leituras com entonação adequada, pausas corretas e ênfase nos pontos-chave.	Aprimoramento da oralidade e da compreensão textual, com aplicação prática dos conteúdos trabalhados.
Planejamento e organização de ideias	Produção do roteiro estruturado, com divisão temática e encadeamento lógico das informações.	Desenvolvimento da capacidade de argumentar, estruturar discursos e pensar de forma sequencial.
Trabalho colaborativo	Divisão de funções de forma democrática, respeito aos turnos de fala e cooperação entre os colegas durante ensaios e gravação.	Fortalecimento de habilidades socioemocionais e do senso de pertencimento ao grupo e à escola.
Criatividade na produção de conteúdo	Uso de expressões regionais, elaboração de vinhetas originais e adaptação da linguagem ao público-alvo.	Estímulo à imaginação, valorização da identidade cultural e ampliação da competência comunicativa.

<b>Competência/habilidade desenvolvida</b>	<b>Evidência observada (a partir da observação participante e relatos)</b>	<b>Efeito na aprendizagem significativa</b>
Autonomia e autoconfiança	Participação ativa na definição de pautas, segurança na locução e iniciativa na resolução de problemas técnicos simples.	Desenvolvimento da autoestima, protagonismo estudantil e iniciativa em contextos reais de comunicação.

Com o intuito de orientar a produção de roteiros voltados para a linguagem radiofônica, é fundamental compreender que o texto destinado à oralidade difere significativamente daquele elaborado para a leitura silenciosa. Nesse sentido, Mario Kaplún (1994, p. 280) destaca que o roteirista precisa considerar as especificidades da linguagem falada. Segundo o autor, “a linguagem falada é diferente da escrita”, uma vez que o roteiro para rádio “está destinado, não a ser lido como um texto impresso, mas ouvido. Tem que soar com a familiaridade, a naturalidade e espontaneidade da linguagem falada”.

Esse princípio ressalta a importância de que o conteúdo sonoro seja elaborado com atenção à escuta, priorizando frases diretas, construções simples e uma fluidez que se aproxime da comunicação cotidiana. Para isso, Kaplún (1994) sugere uma prática eficaz para o roteirista: à medida que escreve, é recomendável ler em voz alta o que foi produzido, a fim de verificar o efeito sonoro da mensagem. O autor complementa sua orientação com uma dica prática: “pronuncie primeiro a frase e depois a escreva. Se soar pesada, longa, artificial, com rodeios, com idas e vindas, refaça-a, divida em duas ou mais frases curtas e diretas. O ouvido lhe dirá onde colocar com mais naturalidade o sujeito, o verbo e o predicado” (Kaplún, 1994, p. 280).

Essa abordagem evidencia que a escuta deve ser o parâmetro fundamental na construção de textos radiofônicos, privilegiando a espontaneidade e a clareza da linguagem, de modo que a mensagem alcance com eficácia seu público, mantendo a atenção e promovendo o entendimento daquilo que se deseja comunicar.

#### **4.5 Entre vozes e saberes: os quatro pilares da educação na Rádio Matraca**

A proposta pedagógica que fundamentou o projeto da rádio escola, em especial nos programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca, dialogou diretamente com a concepção de educação integral defendida por Jacques Delors no relatório *Educação: um tesouro a descobrir*, elaborado para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nessa perspectiva, educar vai além da simples transmissão de conteúdos: trata-se de preparar o indivíduo para a vida em todas as suas dimensões, pessoal, social, profissional e

cidadã, promovendo o desenvolvimento de competências essenciais para a autonomia, a convivência, a ação e o pensamento crítico (Delors, 1998).

As ações pedagógicas da rádio escolar, nesse sentido, alinham-se aos quatro grandes pilares da educação propostos por Delors: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender. A seguir, cada eixo é analisado e vinculado às práticas educativas desenvolvidas nos programas da Rádio Conexão Matraca.

O primeiro pilar, aprender a ser, refere-se ao desenvolvimento pessoal e emocional dos estudantes. Promove-se, nesse contexto, o fortalecimento da autoestima, da autodeterminação e da capacidade de projetar a própria vida com responsabilidade e consciência coletiva. Ao se engajarem na produção de conteúdo radiofônico, os alunos passam a se perceber como sujeitos ativos e capazes de influenciar positivamente o ambiente escolar e a comunidade. Essa vivência estimula o reconhecimento de suas potencialidades, bem como o enfrentamento de seus limites, consolidando-se como uma experiência formadora em termos éticos e subjetivos.

O segundo pilar, aprender a conviver, propõe a valorização do diálogo, da empatia e da cooperação. No âmbito da Rádio Conexão Matraca, os estudantes desenvolveram projetos coletivos, aprenderam a ouvir e a respeitar opiniões divergentes, a tomar decisões em grupo e a gerenciar conflitos. Os programas-pilotos frequentemente abordaram temas relacionados aos problemas da comunidade escolar, à convivência democrática e à valorização do saber local. Tais experiências contribuíram significativamente para a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social e a paz.

No que se refere ao pilar aprender a fazer, observou-se o desenvolvimento de habilidades técnicas, comunicativas e organizacionais. A elaboração de roteiros, a operação de equipamentos de gravação, a edição de áudio, a produção de vinhetas e a condução de entrevistas foram atividades que exigiram dos estudantes iniciativa, criatividade, senso de responsabilidade e capacidade de trabalhar em equipe. Como afirma Delors (1998), aprender a fazer não se limita à formação técnica, mas inclui também o saber agir com competência e ética no exercício da cidadania.

Por fim, o pilar aprender a aprender é promovido na rádio escolar por meio de práticas investigativas, de pesquisa e reflexão crítica. Os alunos são incentivados a buscar informações em fontes confiáveis, a analisar diferentes pontos de vista, a formular perguntas e construir argumentos. A rádio, nesse aspecto, tornou-se um espaço de aprendizagem contínua, que estimula a autonomia intelectual e prepara os estudantes para seguir aprendendo ao longo de suas vidas, em consonância com os princípios da educação permanente.



Dessa forma, a Rádio Conexão Matraca concretizou, no cotidiano escolar, os quatro pilares da educação propostos por Delors, ao articular teoria e prática em um ambiente significativo, participativo e inclusivo. Os programas-pilotos representaram não apenas instrumentos de comunicação escolar, mas verdadeiras experiências formativas, que favoreceram o protagonismo estudantil e a construção de um projeto de vida solidário e transformador.

Dentre as ações produzidas no âmbito do projeto de Rádio Escolar, destacou-se o “Fala, Matraca!”, programa-piloto gravado que abordou a temática da indisciplina escolar, com participação da professora de Língua Portuguesa, Erivânia Faustino, da Escola Onélia Campelo. A entrevista foi gravada com o objetivo de fomentar o debate em torno de um dos principais desafios enfrentados pelas escolas públicas: os comportamentos considerados inadequados no ambiente escolar e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

#### Quadro 9 - Roteiro de entrevista

##### **Rádio Conexão Matraca**

##### Roteiro da entrevista sobre o tema “Indisciplina escolar”

**Apresentador(a):** Olá, ouvintes da nossa Rádio Conexão Matraca! Sejam bem-vindos a mais um programa especial. Hoje, vamos falar sobre um tema muito importante: a indisciplina dos estudantes na escola. Para isso, convidamos a professora Erivânia Faustino, que leciona a disciplina de Língua Portuguesa em nossa escola. Ela vai compartilhar conosco suas experiências e reflexões sobre esse assunto. Seja bem-vinda, professora!

**Entrevistado(a):** Olá! Obrigada pelo convite. É um prazer estar aqui para debater esse tema tão relevante.

**Apresentador(a):** Professora, para começar, como você define a indisciplina escolar e quais são os principais comportamentos considerados inadequados dentro da sala de aula?

**Entrevistado(a):** A indisciplina pode ser definida como o não cumprimento das regras estabelecidas no ambiente escolar. Isso inclui desde conversas paralelas, falta de respeito com colegas e professores, até atrasos constantes, uso inadequado do celular e atitudes mais graves, como desrespeito à autoridade e conflitos entre alunos.

**Apresentador(a):** E quais são as principais causas da indisciplina?

**Entrevistado(a):** As causas são diversas. Podem estar relacionadas a fatores familiares, sociais e até emocionais dos alunos. Muitos estudantes enfrentam dificuldades em casa, falta de acompanhamento dos responsáveis ou problemas emocionais que refletem no comportamento escolar. Além disso, a falta de interesse pelo conteúdo ou metodologias pouco atrativas também podem gerar indisciplina.

**Apresentador(a):** Na sua opinião, como os professores podem lidar com a indisciplina sem prejudicar o aprendizado da turma?

**Entrevistado(a):** O diálogo é fundamental. Antes de qualquer punição, é essencial entender o que está levando o aluno a agir daquela maneira. Criar um ambiente de

respeito e cooperação também ajuda muito. Além disso, métodos de ensino mais dinâmicos e envolventes podem reduzir comportamentos inadequados.

**Apresentador(a):** Como a família pode contribuir para a redução da indisciplina na escola?

**Entrevistado(a):** A parceria entre escola e família é essencial. Os responsáveis devem acompanhar a vida escolar dos filhos, participar das reuniões, conversar sobre a importância do respeito e incentivar a disciplina em casa. Quando família e escola trabalham juntas, os resultados são muito melhores.

**Apresentador(a):** E para finalizar, professora, que mensagem você deixaria para nossos ouvintes sobre esse tema?

**Entrevistado(a):** A escola é um espaço de aprendizado, não só de conteúdos acadêmicos, mas também de valores como respeito, responsabilidade e convivência. Se todos fizerem sua parte, podemos construir um ambiente melhor para todos!

**Apresentador(a):** Muito obrigado, professora, por compartilhar essas reflexões tão importantes! E a você, ouvinte, que nos acompanhou até aqui, fica a reflexão: como podemos contribuir para um ambiente escolar mais respeitoso e harmonioso? Até a próxima edição da nossa Rádio Conexão Matraca - A voz da escola, no ritmo da sua vida!

A estrutura do programa seguiu um roteiro previamente planejado com os estudantes, sendo composta por saudação, apresentação da entrevistada, perguntas objetivas e considerações finais. A professora entrevistada conceituou a indisciplina como “o não cumprimento das regras estabelecidas no ambiente escolar”, exemplificando com atitudes como conversas paralelas, uso inadequado do celular, atrasos e desrespeito a colegas e professores. A fala destaca uma compreensão normativa, mas não autoritária, revelando sensibilidade à pluralidade dos contextos escolares.

Em seguida, ao ser questionada sobre as causas da indisciplina, a professora ampliou o debate ao reconhecer a multicausalidade do fenômeno, o que inclui fatores familiares, sociais, emocionais e pedagógicos. Em suas palavras:

“Muitos estudantes enfrentam dificuldades em casa, falta de acompanhamento dos responsáveis ou problemas emocionais que refletem no comportamento escolar. Além disso, a falta de interesse pelo conteúdo ou metodologias pouco atrativas também podem gerar indisciplina.”

Tal posicionamento dialogou com autores como Henri Wallon (2007), ao reconhecer a influência do meio social e afetivo sobre o comportamento do aluno, e Bernard Charlot (2000), ao indicar que o desinteresse pelo conteúdo pode estar ligado a uma relação fragilizada com o saber. Ainda, quando a professora propõe o diálogo como estratégia de enfrentamento, nota-se uma aproximação com os princípios da pedagogia freiriana, que valoriza a escuta, o respeito e a construção coletiva do conhecimento (Freire, 1996).

A entrevista ainda abordou a corresponsabilidade da família no processo educativo, reforçando a importância do vínculo entre escola e responsáveis, o que está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a educação como tarefa conjunta entre escola, família e sociedade.

Do ponto de vista metodológico, a atividade evidenciou o potencial da rádio como ferramenta de pesquisa e de formação. A gravação da entrevista foi precedida por momentos de escuta ativa entre os estudantes, que sugeriram perguntas, analisaram previamente o tema do programa. O resultado foi um conteúdo radiofônico que promoveu reflexão crítica, protagonismo estudantil e diálogo intergeracional, elementos fundamentais para a construção de uma escola democrática.

A análise deste programa evidencia que a Rádio Conexão Matraca não apenas ampliou os espaços de fala e escuta dentro da escola, como também se consolidou como um instrumento de investigação qualitativa, ao permitir que dados sobre a realidade escolar fossem coletados, sistematizados e analisados com participação ativa dos sujeitos envolvidos. O conteúdo do programa, ao trazer à tona discursos docentes sobre a indisciplina, enriqueceu o processo de pesquisa e contribuiu para a compreensão dos desafios vivenciados na prática pedagógica cotidiana.

A seguir, a categorização temática da fala da entrevistada permite visualizar os principais eixos emergentes da análise:

**Tabela 10 - Categorias com a análise qualitativa da entrevista com base nos discursos da entrevistada**

<b>Categoria</b>	<b>Fragmento da fala</b>	<b>Análise interpretativa</b>
<b>Conceito de indisciplina</b>	“A indisciplina pode ser definida como o não cumprimento das regras estabelecidas...”	Indica uma definição normativa, mas sensível à diversidade de comportamentos e contextos.
<b>Causas da indisciplina</b>	“Podem estar relacionadas a fatores familiares, sociais e até emocionais...”	Demonstra visão multidimensional do problema, considerando o sujeito em sua integralidade.
<b>Práticas pedagógicas</b>	“O diálogo é fundamental... Métodos de ensino mais dinâmicos podem reduzir...”	Alinha-se à pedagogia crítica, que preconiza o ensino participativo e contextualizado.
<b>Família e corresponsabilidade</b>	“A parceria entre escola e família é essencial...”	Ressalta a importância da rede de apoio para o desenvolvimento da disciplina e da cidadania.

<b>Categoria</b>	<b>Fragmento da fala</b>	<b>Análise interpretativa</b>
<b>Função da escola</b>	“A escola é um espaço de aprendizado... de valores como respeito e responsabilidade.”	Atribui à escola papel formativo integral, além da transmissão de conteúdos, dialogando com a Base Nacional Comum.

A participação dos estudantes no programa Fala, Matraca, da *Rádio Conexão Matraca*, sobre indisciplina escolar, **revelou** uma dimensão fundamental da proposta pedagógica do projeto: o protagonismo estudantil. Ao assumirem funções como locutor - entrevistador, produtor de conteúdo, os alunos deixaram de ser apenas receptores passivos da informação e passaram a atuar como sujeitos ativos da comunicação e da construção do conhecimento.

O envolvimento dos estudantes iniciou-se com rodas de conversa em sala de aula, nas quais foram discutidas experiências cotidianas relacionadas à indisciplina, tanto do ponto de vista de quem presencia quanto de quem é afetado por essas atitudes. A escuta das vozes discentes permitiu identificar que os alunos compreendem a indisciplina não apenas como transgressão, mas também como sintoma de desatenção institucional, invisibilidade social e desmotivação frente aos conteúdos escolares.

Essas reflexões foram fundamentais na elaboração do roteiro da entrevista. Os alunos propuseram perguntas que buscavam compreender as causas profundas da indisciplina e as possíveis soluções para o problema, demonstrando uma abordagem crítica e empática. A pergunta “como os professores podem lidar com a indisciplina sem prejudicar o aprendizado da turma?”, por exemplo, partiu da inquietação de um aluno que reconhecia o impacto negativo de atitudes indisciplinadas, mas também temia punições coletivas que afetassem a todos.

Esse processo colaborativo promoveu o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e competências comunicativas, em consonância com os pressupostos da BNCC (2017), especialmente no que se refere às competências gerais 8 (autoconhecimento e autocuidado) e 9 (responsabilidade e cidadania). Além disso, a participação ativa no programa reforçou aspectos centrais da aprendizagem significativa (Ausubel, 2003), uma vez que os alunos foram instigados a relacionar o conteúdo do programa com vivências concretas no espaço escolar.

Essa vivência prática, durante a gravação, fortaleceu o senso de pertencimento ao projeto e favoreceu o trabalho em equipe, a escuta ativa e a resolução de conflitos, demonstrando que a rádio pode ser um espaço de formação integral para além do currículo tradicional.

A importância da participação estudantil pôde ser observada nas falas dos próprios alunos após a veiculação do programa gravado transmitido na turma. Logo após a escuta, um estudante relatou: “Eu nunca tinha parado pra pensar que a gente também pode ajudar a mudar a situação da sala. Fazer a entrevista me fez ver que a escola é feita por todos nós.”

Essa percepção evidencia um movimento de ampliação da consciência crítica e do papel do estudante como coautor da cultura escolar, categoria amplamente discutida por José Gimeno Sacristán (2000), para quem o currículo não se restringe ao conteúdo ensinado, mas se constrói nas práticas e interações vividas no cotidiano da escola.

Dessa forma, a entrevista sobre indisciplina escolar constituiu-se não apenas como um exercício de comunicação, mas como um processo formativo em sentido amplo, que articulou saberes acadêmicos, vivências escolares e práticas de cidadania. Ao dar voz aos alunos e permitir sua atuação criativa e crítica, o projeto de rádio escolar fortalece uma concepção de educação democrática, participativa e dialógica.

Já o programa-piloto *Descobrindo Alagoas*, transmitido pela Rádio Conexão Matraca, constituiu-se como dado empírico que revela a utilização pedagógica do rádio escolar na valorização da cultura local e na formação da identidade regional dos estudantes. A proposta de “passeio sonoro” pelas belezas naturais e pelo patrimônio histórico de Alagoas exemplificou como a linguagem radiofônica pôde ser mobilizada para fins educativos, articulando informação, cultura e afetividade.

#### Quadro 10 - Script de Programa Descobrindo Alagoas

##### PROGRAMA PILOTO RÁDIO CONEXÃO MATRACA DESCOBRINDO ALAGOAS

**[VINHETA DA RÁDIO]**

**[TRILHA DE ABERTURA]**

(Sugestão: Música Ponta de Lápis – *Elizer Setton* - Youtube)

**LOCUTOR 1:** Bom dia ouvintes da *Rádio Conexão Matraca*!

Hoje o programa *Descobrindo Alagoas* vai levar você a um passeio sonoro pelas belezas turísticas do nosso Estado, com um olhar especial para a nossa capital: Maceió.

**LOCUTOR 2:** Prepare-se para conhecer praias, história, cultura e ainda curtir músicas que têm a cara de Alagoas!

**[VINHETA CURTA]** – “*Descobrindo Alagoas* – Um mergulho na nossa terra”

**LOCUTOR 1:** Maceió é conhecida como o “Caribe brasileiro”, com mar azul-turquesa e areias claras. Um dos cartões-postais é a Praia de Pajuçara, famosa pelas jangadas que levam os turistas até as piscinas naturais, formadas na maré baixa.

**LOCUTOR 2:** Além do banho de mar, a orla é repleta de feiras de artesanato, bares e restaurantes que servem delícias como sururu, camarão e peixe frito.

(Sugestão: música "*Minha sereia*" (Carlos Moura – Eliezer Setton - Youtube)

**LOCUTOR 1:** A poucos quilômetros de Maceió está a Praia do Francês, em Marechal Deodoro. De um lado, águas calmas ideais para famílias; do outro, ondas fortes para o surfe.

**LOCUTOR 2:** Seguindo um pouco mais, chegamos à Barra de São Miguel, com águas mornas e cristalinas. É de lá que partem passeios de barco para a Praia do Gunga, famosa pelos coqueirais e falésias coloridas.

**LOCUTOR 1:** Maceió não é só mar. No centro, o Museu Théo Brandão e o Palácio Marechal Floriano Peixoto guardam a história e as tradições culturais do estado.

**LOCUTOR 2:** Tem também o bairro histórico de Jaraguá, com casarões coloniais e bares que misturam música ao vivo com a arquitetura antiga. É um passeio no tempo! (Sugestão: Música "*Baião Temperado*" (instrumental- Youtube)

**LOCUTOR 1:** Subindo o litoral, encontramos praias como Paripueira e São Miguel dos Milagres, perfeitas para quem busca tranquilidade e natureza intocada.

**LOCUTOR 2:** Já para os amantes do ecoturismo, o Parque Municipal de Maceió é um refúgio verde com trilhas e mirantes no meio da cidade.

(Sugestão: Música: Não há quem não Mmrra de amores pelo meu Lugar - Eliezer Setton - Youtube)

**LOCUTOR 1:** Alagoas é um pedacinho de paraíso com mar, história e cultura que encantam qualquer visitante.

**LOCUTOR 2:** E Maceió, com seu charme e hospitalidade, é a porta de entrada para viver tudo isso.

**[VINHETA CURTA]** – “Descobrimos Alagoas – Onde o paraíso é logo ali”

**LOCUTOR 1:** Até o próximo *Descobrimos Alagoas*!

**LOCUTOR 2:** E lembre: conhecer o nosso Estado é se apaixonar por ele. Até mais!

No campo informativo, o programa apresentou descrições detalhadas sobre pontos turísticos de Maceió e arredores, como a Praia de Pajuçara, a Praia do Francês, a Barra de São Miguel, o bairro histórico de Jaraguá e o Museu Théo Brandão. Essa dimensão didática ampliou o conhecimento dos ouvintes sobre o território, funcionando como uma aula de geografia, história e cultura local em formato acessível e atraente.

Já no aspecto cultural, o roteiro dialogou com a música regional ao incluir canções de artistas ligados a Alagoas, como Eliezer Setton e Carlos Moura. A inserção de músicas nesse contexto não apenas reforçou a identidade cultural, mas também estimulou a valorização da produção artística nordestina. Dessa forma, o programa transcendeu a simples divulgação turística, posicionando-se como veículo de difusão da memória e do patrimônio imaterial do estado.

Outro elemento relevante foi o caráter afetivo e identitário presente nas falas dos locutores, que denominaram Maceió de “Caribe brasileiro” e associaram a hospitalidade local ao encanto das paisagens. Esse recurso retórico reforçou sentimentos de pertencimento e orgulho, ao mesmo tempo em que contribuiu para a construção de uma consciência turística crítica, valorizando o território como espaço de vida e cultura.

No campo da utilização pedagógica, observou-se que o programa pôde ser explorado em múltiplas áreas curriculares: em geografia, ao tratar do litoral e dos ecossistemas; em história, ao abordar o bairro de Jaraguá e o patrimônio arquitetônico; em arte e música, ao valorizar a produção cultural local. Assim, o produto radiofônico evidencia a transversalidade da rádio escolar como recurso didático, favorecendo uma aprendizagem integrada e significativa.

Por fim, a análise demonstrou que o programa *Descobrimdo Alagoas* materializou o potencial da Rádio Conexão Matraca como ferramenta de educação patrimonial e cultural, reforçando a identidade regional dos estudantes e promovendo a valorização de Alagoas enquanto território de memória, beleza e diversidade. Nesse sentido, os dados coletados comprovaram que a rádio escolar ultrapassou a função comunicativa, configurando-se como um espaço de formação integral, que articulou saberes escolares, cultura e cidadania.

Com o objetivo de sistematizar os principais aspectos observados no programa *Descobrimdo Alagoas*, elaborou-se uma análise categorial que possibilita visualizar, de forma sintética, os elementos informativos, culturais, afetivos e pedagógicos presentes na produção radiofônica. Essa organização permite compreender de que maneira o programa vai além do entretenimento, assumindo um caráter formativo, ao mesmo tempo em que valoriza a identidade cultural e regional dos estudantes. A seguir, apresenta-se a tabela que sintetiza tais dimensões:

**Tabela 11 - Análise do Programa Descobrimdo Alagoas da Rádio Conexão Matraca**

<b>Categoria</b>	<b>Aspectos observados</b>
<b>Informativo</b>	O programa apresenta informações históricas, geográficas e turísticas sobre Maceió e outros pontos de Alagoas, destacando praias, patrimônios e atrativos locais.
<b>Cultural</b>	Valoriza a identidade cultural alagoana, mencionando tradições, gastronomia, artesanato e a riqueza do folclore regional, reforçando a memória coletiva.
<b>Afetivo</b>	Promove sentimento de pertencimento, orgulho e valorização da terra natal, despertando afetividade pela cultura e pelas paisagens do estado.
<b>Pedagógico</b>	Atua como recurso didático ao articular conteúdos escolares (história, geografia, artes) ao cotidiano do estudante, favorecendo a interdisciplinaridade e a aprendizagem significativa.

A análise do programa piloto da Rádio Conexão Matraca, com foco na preparação dos estudantes para o Enem e o Saeb, evidencia a utilização de dados que revelam tanto a dimensão

informativa quanto a formativa da experiência radiofônica. O roteiro, ao articular vinhetas, músicas, falas dos locutores e a participação de um estudante entrevistado, **ofereceu** um corpus rico para compreender como os discentes constroem sentidos sobre os processos avaliativos em sua trajetória escolar. Vejamos o script.

### Quadro 11 - Script de programa "Preparação ENEM e SAEB"

#### **PROGRAMA PILOTO RÁDIO CONEXÃO: PREPARAÇÃO ENEM E SAEB (VINHETA DE ABERTURA)**

(Sugestão música como fundo: “Coração de estudante, Milton Nascimento - soprano sax)

**Locutor 1:** Bom dia, queridos ouvintes da *Rádio Conexão Matraca*! Está começando mais um programa especial cheio de dicas e informações pra você que está se preparando para dois momentos muito importantes da vida escolar: o Enem e o Saeb.

**Locutor 2:** É isso mesmo! Eu sou o [nome], e junto com meu parceiro de microfone [nome] vamos trazer informações valiosas, curiosidades e até uma entrevista exclusiva pra você mandar bem nas provas. Então, anota tudo e já compartilha com a turma!

**Locutor 1:** Pra começar, vamos entender rapidinho o que são essas provas. O Enem, Exame Nacional do Ensino Médio, avalia o desempenho dos estudantes e serve como porta de entrada para universidades públicas e privadas. Já o Saeb, Sistema de Avaliação da Educação Básica, mede a qualidade do ensino no Brasil, avaliando o aprendizado dos alunos e ajudando a melhorar a educação.

**Locutor 2:** No Enem, a maratona inclui questões de Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática e a temida redação. Já o Saeb foca em Língua Portuguesa e Matemática, mas também exige atenção e preparo.

**Locutor 1:** E como se preparar? Vamos às dicas rápidas: organize um cronograma de estudos e siga-o com disciplina, revise conteúdos-chave e faça simulados cronometrados, cuide do corpo e da mente: durma bem e se alimente de forma saudável.

**Locutor 2:** E não esquece: no Enem, a gestão do tempo é fundamental. Já no Saeb, atenção à interpretação de textos e à resolução de problemas matemáticos.

**Locutor 1:** E agora, pra enriquecer ainda mais nosso programa, vamos conversar com um estudante do terceiro ano A de nossa escola que está se preparando para o Enem. (Soltar o áudio da entrevista: estudante da Onélia)

**Locutor 2:** Muito obrigado (a) [nome do aluno]. E fica a dica final: confie no que você estudou, mantenha a calma e lembre-se de que cada questão é um passo rumo ao seu futuro.

**Locutor 1:** Olha, o principal desafio é manter a constância nos estudos. Muitos começam com força total, mas desanimam no meio do caminho. Outra questão é lidar com a ansiedade, que pode atrapalhar o desempenho na hora da prova.

**Locutor 2:** Um conselho importante é planejamento. Separe um tempo para revisar, resolver provas anteriores e, claro, cuidar da saúde física e mental. Isso faz toda a diferença.

**Locutor 1:** A *Rádio Conexão Matraca* deseja a todos os estudantes boa sorte no Enem e no Saeb. Acreditamos em vocês!

**Locutor 2:** E o nosso programa vai ficando por aqui. Até a próxima e bons estudos!

**(VINHETA DA RÁDIO)**



Os dados provenientes desse programa mostraram-se relevantes sob dois aspectos principais. Em primeiro lugar, o conteúdo informativo: os locutores apresentaram explicações acessíveis sobre a finalidade do Enem e do Saeb, detalhando as áreas de conhecimento, as exigências de cada prova e estratégias de organização dos estudos. Nesse sentido, percebeu-se a preocupação em transformar informações oficiais em linguagem próxima ao público-alvo, promovendo maior apropriação dos estudantes sobre o tema.

Em segundo lugar, destacou-se a dimensão motivacional e orientadora: ao trazer dicas de autocuidado, incentivo à confiança e conselhos sobre a gestão do tempo, o programa foi além da transmissão de informações, assumindo um papel de apoio pedagógico e emocional. A entrevista com um estudante da própria escola ampliou o alcance dessa estratégia, pois aproximou os ouvintes de uma experiência concreta, criando identificação e fortalecendo a sensação de pertencimento ao coletivo escolar.

Assim, o programa piloto não se limitou a um exercício de comunicação, mas constituiu-se como dado empírico que revelou como a mediação radiofônica pôde contribuir para a formação dos alunos. A análise desse material permitiu observar: (I) a integração entre linguagem radiofônica e prática pedagógica; (II) a construção de discursos de apoio que reconhecem os desafios enfrentados pelos estudantes; e (III) a potencialidade da rádio escolar como espaço de protagonismo estudantil e de democratização da informação.

Dessa forma, o uso do programa piloto como dado de pesquisa possibilitou a comprovação do efeito da Rádio Conexão Matraca no contexto educacional, demonstrando que a iniciativa não apenas informa, mas também engaja e motiva os alunos em processos avaliativos decisivos, como o Enem e o Saeb.

A partir do programa piloto da Rádio Conexão Matraca, foi possível identificar diferentes dimensões pedagógicas e comunicativas que emergem da prática radiofônica escolar. Para sistematizar essa análise, elaborou-se a Tabela 1, que organiza as principais categorias observadas no conteúdo do programa (informativo, motivacional, orientador, participativo e afetivo), acompanhadas de suas descrições e exemplos retirados do corpus. Essa categorização permite compreender de forma mais clara a multiplicidade de funções assumidas pela rádio escolar e a relevância de sua contribuição no processo formativo dos estudantes.

**Tabela 12 - Categorias analíticas do programa piloto da Rádio Conexão Matraca (Enem e Saeb)**

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo retirado do programa</b>
Informativo	Transmissão de dados objetivos e explicações sobre as avaliações.	“O Enem, Exame Nacional do Ensino Médio, avalia o desempenho dos estudantes e serve como porta de entrada para universidades públicas e privadas. Já o Saeb [...] mede a qualidade do ensino no Brasil.”
Motivacional	Incentivo à confiança, redução da ansiedade e valorização do esforço do estudante.	“Confie no que você estudou, mantenha a calma e lembre-se de que cada questão é um passo rumo ao seu futuro.”
Orientador	Fornecimento de dicas práticas de organização e preparação para as provas.	“Organize um cronograma de estudos e siga-o com disciplina, revise conteúdos-chave e faça simulados cronometrados.”
Participativo	Inserção da voz estudantil, criando identificação com o público.	“E agora, pra enriquecer ainda mais nosso programa, vamos conversar com um estudante do terceiro ano A de nossa escola [...]”
Afetivo	Linguagem acolhedora e próxima ao aluno, que cria vínculo entre rádio e comunidade escolar.	“A Rádio Conexão Matraca deseja a todos os estudantes boa sorte no Enem e no Saeb. Acreditamos em vocês!”

**Fonte:** Elaboração própria (2025).

A análise das categorias apresentadas evidencia que o programa piloto transcende a função meramente informativa, ao integrar aspectos motivacionais, orientadores e afetivos, além de abrir espaço para a participação estudantil. Tal combinação de elementos reforça a ideia de que a rádio escolar atua não apenas como veículo de comunicação, mas como dispositivo pedagógico capaz de mobilizar saberes, promover engajamento e fortalecer vínculos no ambiente educacional. A presença de dimensões como a motivacional e a afetiva revela que a Rádio Conexão Matraca contribuiu para reduzir tensões relacionadas a processos avaliativos, ao mesmo tempo em que valorizou a voz dos estudantes e fomentou sua autonomia. Dessa forma, os dados corroboram o potencial da experiência radiofônica como prática educativa inovadora e integradora, alinhada às demandas contemporâneas da escola.

Na edição do Programa *Planeta Vivo*, uma produção da Rádio Conexão Matraca, os ouvintes foram convidados a refletir sobre um tema essencial e urgente: o cuidado com o planeta que habitamos. Voltado para todos que se preocupam com o futuro da Terra, este episódio propôs uma verdadeira viagem pelo universo da educação ambiental, abordando

assuntos como sustentabilidade, preservação da natureza, consumo consciente e o impacto das nossas ações no meio ambiente.

Mais do que informar, o Planeta Vivo buscou despertar a consciência ecológica, mostrando que pequenas atitudes diárias, como economizar água, reduzir o uso de plásticos ou reciclar corretamente, podem gerar grandes transformações. Com um conteúdo repleto de curiosidades, entrevistas e dicas práticas, o programa inspirou cada ouvinte a repensar seus hábitos e a se tornar parte ativa na construção de um mundo mais saudável, equilibrado e sustentável. Afinal, cuidar do planeta é também cuidar da vida em todas as suas formas.

### Quadro 12 - Script programa "Planeta Vivo"

#### PROGRAMA PILOTO RÁDIO CONEXÃO MATRACA PLANETA VIVO

##### (VINHETA DE ABERTURA)

**LOCUTOR 1:** Olá, ouvintes da *Rádio Conexão Matraca*! Começa agora o **Planeta Vivo**, um programa especial sobre o meio ambiente e o que podemos fazer para cuidar do nosso lar, a Terra.

**LOCUTOR 2:** Hoje vamos falar de preservação, dicas práticas para um dia a dia mais sustentável e curtir músicas que têm a energia da natureza.

(VINHETA CURTA) – “Planeta Vivo – Cuidar do mundo é cuidar de você”

**LOCUTOR 1:** Nos últimos anos, temos visto mudanças no clima, aumento da poluição e perda de biodiversidade. Proteger o meio ambiente não é só uma questão de futuro: é garantir qualidade de vida agora.

**LOCUTOR 2:** A preservação começa com pequenas atitudes: economizar água, evitar desperdício de energia e reduzir o uso de plástico.

(Sugestão de música: *"Xote ecológico – Luiz Gonzaga"*)

**LOCUTOR 1:** Você sabia que uma garrafa plástica pode levar até 400 anos para se decompor? Separar o lixo reciclável é simples e faz uma enorme diferença.

**LOCUTOR 2:** E que tal reaproveitar? Potes de vidro viram porta-objetos, pneus velhos podem se transformar em vasos de plantas... criatividade e consciência podem andar juntas!

(Sugestão de música: *"Herdeiros do futuro - Toquinho"*)

**LOCUTOR 1:** Plantar árvores é uma das ações mais poderosas para o planeta: elas absorvem gás carbônico, liberam oxigênio e oferecem sombra e abrigo para animais.

**LOCUTOR 2:** Mesmo quem mora na cidade pode contribuir: cultive plantas em casa, em varandas ou janelas, e participe de mutirões de plantio no seu bairro.

(Sugestão de música: *Planta água – Guilherme Arantes*).

**LOCUTOR 1:** A energia solar e eólica estão se tornando mais acessíveis. Sempre que possível, opte por fontes renováveis.

**LOCUTOR 2:** E lembre-se: consumir menos e melhor é uma das formas mais eficientes de preservar recursos naturais.

(Sugestão de música: *"Meu país – Roberta Miranda"*)

**LOCUTOR 1:** Cuidar do meio ambiente é cuidar da nossa casa. Cada gesto conta.

**LOCUTOR 2:** Faça a sua parte e inspire outras pessoas a fazerem também. O planeta agradece.

[VINHETA CURTA] – “Planeta Vivo – Juntos pelo futuro”

**LOCUTOR 1:** Até o próximo *Planeta Vivo*!

**LOCUTOR 2:** E lembre: preservar é um ato de amor. Até mais!

O programa constituiu-se em um material rico para análise, pois articulou informação, sensibilização e engajamento em torno da temática ambiental. As falas dos locutores, aliadas às músicas selecionadas e às vinhetas temáticas, revelaram múltiplas dimensões discursivas que puderam ser sistematizadas em categorias analíticas. A tabela a seguir organiza esses elementos, destacando como o discurso radiofônico se estrutura em dimensões informativa, orientadora, sensibilizadora, participativa e afetiva, cada uma exemplificada a partir do corpus em questão.

**Tabela 13 - Categorias analíticas do programa-piloto da Rádio Conexão Matraca (Planeta Vivo – Meio Ambiente)**

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo retirado do programa</b>
<b>Informativo</b>	Transmissão de dados e explicações sobre questões ambientais.	“Você sabia que uma garrafa plástica pode levar até 400 anos para se decompor?”
<b>Orientador</b>	Dicas práticas de ações sustentáveis aplicáveis ao cotidiano.	“Separar o lixo reciclável é simples e faz uma enorme diferença.”
<b>Sensibilizador</b>	Discurso que desperta consciência crítica e empatia pelo planeta.	“Cuidar do meio ambiente é cuidar da nossa casa. Cada gesto conta.”
<b>Participativo</b>	Convite ao engajamento comunitário e coletivo em prol do meio ambiente.	“Mesmo quem mora na cidade pode contribuir: cultive plantas em casa, em varandas ou janelas, e participe de mutirões de plantio no seu bairro.”
<b>Afetivo</b>	Linguagem de proximidade, que associa preservação ao cuidado e ao amor.	“E lembre: preservar é um ato de amor.”

**Fonte:** Elaboração própria (2025).

A categorização apresentada na Tabela 15 permite compreender que o programa Planeta Vivo não se restringiu a informar sobre a crise ambiental, mas busca, sobretudo, sensibilizar e

mobilizar os ouvintes para práticas sustentáveis. A presença das dimensões orientadora e participativa destacou a preocupação com a aplicabilidade concreta das mensagens transmitidas, oferecendo exemplos práticos que podem ser incorporados no cotidiano dos estudantes. Já a dimensão afetiva, marcada pela linguagem de proximidade e acolhimento, fortaleceu o vínculo entre rádio e comunidade escolar, atribuindo ao ato de preservar a natureza um caráter de cuidado coletivo. Nesse sentido, a rádio escolar se mostrou como um espaço de educação ambiental, em que a comunicação ultrapassa a função de transmitir informações, configurando-se como uma prática pedagógica transformadora.

#### **4.6 Análise comparativa dos programas-pilotos**

A análise dos programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca evidencia a pluralidade de funções pedagógicas e comunicativas assumidas pela experiência radiofônica escolar. Embora ambos compartilhem uma estrutura semelhante – vinheta de abertura, falas dos locutores, inserção de músicas temáticas e encerramento com mensagem motivadora, cada programa apresentou ênfases distintas, que se complementaram na formação integral dos estudantes.

No caso do programa sobre o Enem e o Saeb, a ênfase recaiu sobre o caráter informativo, orientador e motivacional, oferecendo explicações acessíveis acerca das avaliações, dicas de estudo e mensagens de encorajamento. A presença da dimensão participativa, materializada na entrevista com um estudante da escola, reforçou o protagonismo estudantil e a identificação entre ouvintes e locutores. Assim, o programa atuou diretamente no apoio acadêmico, auxiliando os discentes na preparação para exames decisivos em sua trajetória escolar.

Já o programa Planeta Vivo – Meio Ambiente apresentou um enfoque voltado para a sensibilização e mobilização social, articulando informações sobre problemas ambientais com orientações práticas de preservação e incentivo à participação comunitária. Nesse caso, a dimensão afetiva foi ainda mais marcante, ao relacionar a preservação ambiental ao cuidado e ao amor pelo planeta. As músicas escolhidas reforçaram a temática ecológica e ampliaram a força expressiva do conteúdo.

A comparação entre os dois programas permitiu observar que a rádio escolar cumpriu papéis diferenciados, mas convergentes: no primeiro, contribuiu para a formação acadêmica e a orientação para avaliações externas; no segundo, atuou como espaço de educação ambiental e cidadania, estimulando valores coletivos e responsabilidades sociais. Dessa forma, a Rádio Conexão Matraca demonstrou sua versatilidade como recurso pedagógico, capaz de articular conhecimento, motivação e engajamento em diferentes áreas de formação estudantil.

**Tabela 14 - Comparação entre categorias analíticas dos programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca**

<b>Categoria</b>	<b>Programa Enem/Saeb</b>	<b>Programa Planeta Vivo (Meio Ambiente)</b>
<b>Informativo</b>	Explicações sobre a finalidade das provas, áreas avaliadas e importância do desempenho.	Informações sobre poluição, tempo de decomposição de resíduos e impactos ambientais.
<b>Orientador</b>	Dicas de organização dos estudos, gestão do tempo e autocuidado.	Sugestões práticas de preservação: reciclagem, economia de água e energia, plantio de árvores.
<b>Motivacional</b>	Incentivo à confiança, redução da ansiedade e valorização do esforço.	Convite à responsabilidade individual, apresentando preservação como ato transformador.
<b>Sensibilizador</b>	(Menos explícito, aparece indiretamente no incentivo à calma e persistência).	Forte presença: cuidado com o planeta associado à qualidade de vida presente e futura.
<b>Participativo</b>	Entrevista com estudante, gerando identificação entre ouvintes e colegas.	Incentivo ao engajamento comunitário (mutirões de plantio, ações coletivas).
<b>Afetivo</b>	Mensagem final de apoio e confiança aos estudantes.	Linguagem de proximidade, relacionando preservação ao amor e ao cuidado com a vida.

**Fonte:** Elaboração própria (2025).

A comparação apresentada na Tabela 11 demonstra que, embora distintos em seus objetivos imediatos, os programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca compartilharam uma característica essencial: a capacidade de integrar informação, orientação prática e vínculo afetivo com os estudantes. O programa Enem/Saeb concentrou-se em apoiar a trajetória escolar, oferecendo conteúdos diretamente relacionados ao desempenho acadêmico e à preparação para avaliações externas.

Já o programa Planeta Vivo ampliou o alcance da rádio ao abordar a educação ambiental, estimulando a consciência crítica e a responsabilidade cidadã. Assim, ao conjugar dimensões acadêmicas e socioambientais, a rádio escolar evidenciou sua versatilidade como prática pedagógica inovadora, atuando tanto no fortalecimento do aprendizado formal quanto

na formação integral dos estudantes, em consonância com os princípios de uma educação comprometida com a vida em sociedade.

A análise conjunta dos programas-pilotos da Rádio Conexão Matraca permitiu compreender de maneira mais ampla a eficácia pedagógica da rádio escolar como recurso formativo e espaço de protagonismo estudantil. Ao observar os dois produtos radiofônicos – um voltado para a preparação dos estudantes do ensino médio e fundamental para o Enem e o Saeb, e outro com enfoque na educação ambiental –, evidenciou-se que a iniciativa extrapola o caráter experimental, constituindo-se como prática pedagógica fundamentada em múltiplas dimensões educativas.

O programa centrado no Enem e Saeb assumiu papel estratégico ao aproximar os estudantes das avaliações externas, esclarecendo sua finalidade e relevância, além de fornecer dicas de estudo e mensagens motivacionais. Sua contribuição principal situou-se no campo da formação acadêmica e do apoio à trajetória escolar, garantindo que os discentes tenham acesso a informações claras e adaptadas à sua realidade. A entrevista com um estudante da própria instituição reforçou a perspectiva participativa e contribuiu para a construção de um espaço de identificação e pertencimento.

Já o programa Planeta Vivo ampliou a função da rádio escolar ao abordar a temática ambiental de forma lúdica, acessível e mobilizadora. Mais do que informar sobre problemas ecológicos, o programa incentivou práticas sustentáveis e destacou o papel de cada indivíduo na preservação do planeta. Nesse caso, a rádio escolar atuou diretamente na formação cidadã e socioambiental, associando preservação à afetividade, ao cuidado e à responsabilidade coletiva.

Quando analisados em conjunto, os dois programas revelaram que a Rádio Conexão Matraca operou em duas frentes complementares: de um lado, apoiou a formação acadêmica e a preparação para desafios escolares concretos; de outro, promoveu a consciência crítica e valores de cidadania. Essa dualidade comprovou o caráter integrador da experiência radiofônica, capaz de articular saberes curriculares e extraescolares em uma mesma prática comunicativa.

Dessa forma, os programas-pilotos configuraram-se como dados empíricos relevantes que atestaram a pertinência da rádio escolar enquanto ferramenta pedagógica inovadora, alinhada às necessidades contemporâneas da educação. Ao conjugar informação, orientação prática, sensibilização e vínculo afetivo, a Rádio Conexão Matraca fortaleceu a formação integral dos estudantes, em consonância com os princípios de uma escola democrática, participativa e comprometida com a vida em sociedade.

O programa *Matraca News*, com a temática direcionada à poluição sonora no bairro do Santos Dumont e à saúde mental na escola, apresentou uma estrutura informativa e reflexiva, voltada para temas que impactam diretamente a comunidade escolar. Ao longo da transmissão, os estudantes se revezaram como locutores, intercalando falas próprias com depoimentos gravados de alunos e entrevistas com o vigilante da escola, demonstrando uma articulação entre produção de conteúdo, engajamento comunitário e aprendizagem prática.

### Quadro 13 - Script de programa *Matraca News* sobre poluição e saúde mental

#### ROTEIRO DE PROGRAMA – MATRACA NEWS (Poluição, saúde mental)

##### (VINHETA DA RÁDIO)

**LOCUTOR 1:** Olá, ouvintes da Rádio Conexão Matraca! Está começando mais uma edição do *Matraca News*, o seu informativo feito por estudantes e para estudantes.

**LOCUTOR 2:** No programa de hoje, vamos falar sobre temas que afetam diretamente a nossa vida: poluição sonora no nosso bairro, saúde mental na escola e uma entrevista com o vigilante da nossa escola.

**LOCUTOR 1:** Você já reparou no barulho dos carros de som, nas motos sem escapamento? Pois é, esses ruídos afetam mais do que imaginamos: atrapalham o descanso, causam estresse e até problemas de saúde.

**LOCUTOR 2:** Então fica ligado, porque no próximo bloco trazemos depoimentos e dados sobre esse assunto que faz barulho, literalmente!

**LOCUTOR 1:** A nossa equipe foi ao pátio da nossa escola para ouvir os estudantes sobre a poluição sonora aqui no bairro Santos Dumont.

**FALA DE UM ALUNO:** Realmente, a gente não consegue mais descansar à tarde por causa do barulho constante dos carros de som e motos barulhentas. Até mesmo com a janela fechada o barulho persiste.

**LOCUTOR 1:** E isso não é só um incômodo. Segundo especialistas, a poluição sonora pode causar estresse, distúrbios do sono, aumento da pressão arterial e até perda auditiva.

**LOCUTOR 2:** É um problema sério, que exige consciência de todos. Afinal, o nosso direito ao silêncio também é um direito à saúde.

**LOCUTOR 1:** No próximo bloco, vamos mudar o foco para um tema tão urgente quanto: a saúde mental dos estudantes.

**LOCUTOR 2:** Falar sobre saúde mental é fundamental. Muita gente sofre em silêncio, com ansiedade, tristeza, pressão, e muitas vezes não sabe a quem recorrer.

(Áudio gravado aluna da Onélia)

**LOCUTOR 1:** Na escola, é comum fingirmos que está tudo bem, mesmo quando não está. Por isso, é importante lembrar quando tivermos problemas, precisamos pedir ajuda. Cuidar da mente também é cuidar da vida.

**LOCUTOR 2:** E para fechar o programa de hoje, um convidado especial: o vigilante da nossa escola, Leônida Tenório, que trabalha aqui na Onélia Campelo há mais de 20 anos.

**LOCUTOR 1:** Como o senhor vê as mudanças na convivência dos alunos ao longo desse tempo?

(Soltar áudio da entrevista)



**LOCUTOR 2:** Segundo Leônida, os alunos hoje têm mais liberdade para se expressar, e isso é muito bom. Mas também eles precisam aprender mais sobre respeito, tanto com os colegas quanto com os funcionários. Respeito é tudo, conclui o vigilante.

**LOCUTOR 2:**

Muito obrigado (a) Leônida por sua dedicação e por dividir um pouco da sua experiência com a gente!

**LOCUTOR 1:** E assim encerramos o Matraca News de hoje. Agradecemos a sua audiência e te convidamos a refletir sobre os temas discutidos aqui.

**LOCUTOR 2:** Até o próximo programa! E lembre-se: informação é poder, e escutar é um ato de transformação. Até breve!

Na dimensão informativa, o programa abordou questões relevantes do cotidiano escolar e do bairro, trazendo dados e orientações para a conscientização da comunidade. Os locutores contextualizaram os problemas, citaram efeitos da poluição sonora sobre a saúde e destacaram a importância da atenção à saúde mental, promovendo a transmissão de conhecimento de maneira clara e acessível.

Na perspectiva afetiva, observou-se a presença de empatia e cuidado com o outro, tanto na forma como os locutores falaram sobre o sofrimento dos colegas quanto na valorização da experiência do vigilante. A utilização de depoimentos de alunos reforçou a dimensão emocional, permitindo que os ouvintes se identificassem com as situações apresentadas.

Quanto à dimensão cultural, o programa fortaleceu o vínculo dos estudantes com a própria comunidade, abordando problemas locais do bairro Santos Dumont. Além disso, ao entrevistar o vigilante, o programa resgatou a memória institucional da escola, reforçando valores de respeito, convivência e tradição.

No aspecto pedagógico, o Matraca News funcionou como uma prática educativa viva: os estudantes aprenderam a produzir conteúdo jornalístico, conduzir entrevistas e organizar informações relevantes. A experiência também promoveu o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, escuta ativa e responsabilidade.

Em síntese, o programa demonstrou a eficácia da rádio escolar como instrumento de aprendizagem integral, articulando conhecimento, emoção, cultura e prática pedagógica, consolidando a rádio como espaço de expressão e reflexão crítica para os estudantes.

O Programa Matraca News apresentou-se como um espaço de informação, diálogo e protagonismo estudantil dentro da Rádio Conexão Matraca. Estruturado para abordar temas de relevância social e comunitária, o programa combinou entrevistas, depoimentos e discussões que dialogaram diretamente com a realidade dos alunos e da escola. A tabela a seguir sintetiza a análise das principais categorias observadas: informativa, cultural, afetiva e pedagógica,

destacando as evidências presentes no programa e seus respectivos efeitos na formação dos estudantes e na integração da comunidade escolar.

**Tabela 15 - Programa Matraca News**

<b>Categoria</b>	<b>Evidências no programa</b>	<b>Interpretação/efeito</b>
<b>Informativo</b>	Discussão sobre poluição sonora; efeitos na saúde; informações sobre saúde mental; entrevista com vigilante	Ampliação do conhecimento dos ouvintes sobre temas cotidianos e problemas locais; conscientização da comunidade escolar
<b>Cultural</b>	Valorização da história da escola; vínculo com o bairro Santos Dumont; depoimentos de alunos	Fortalecimento da identidade local e escolar; aproximação da comunidade com a escola
<b>Afetivo</b>	Depoimentos de alunos sobre dificuldades; cuidado com a saúde mental; reconhecimento do vigilante	Desenvolvimento da empatia, respeito e compreensão das emoções; criação de laços afetivos entre estudantes e comunidade escolar
<b>Pedagógico</b>	Produção e condução do programa pelos estudantes; organização de entrevistas e informações	Aprendizagem prática de competências comunicativas, jornalísticas e socioemocionais; desenvolvimento de autonomia e responsabilidade

A análise do Programa Matraca News, apresentada na tabela acima, evidencia a relevância multifacetada da Rádio Conexão Matraca no contexto escolar. O programa conseguiu articular dimensões informativas, culturais, afetivas e pedagógicas, promovendo tanto a disseminação de conhecimentos sobre questões locais e de saúde, quanto o fortalecimento da identidade comunitária e escolar. Além disso, possibilitou a valorização de vozes estudantis e da equipe escolar, contribuindo para a criação de vínculos afetivos e para o desenvolvimento da empatia. Do ponto de vista pedagógico, destacou-se como um espaço de aprendizagem significativa, no qual os estudantes exercitaram competências comunicativas e socioemocionais, assumindo papéis de protagonismo e responsabilidade. Dessa forma, o Matraca News confirma o potencial da rádio escolar como instrumento educativo, social e integrador.

#### **4.7 Os primeiros programas: uma corrida contra o medo**

A expectativa era grande: os alunos finalmente gravariam os primeiros programas pilotos da “Rádio Conexão Matraca”, resultado de semanas de oficinas, ensaios e aprendizados sobre locução, entonação, ritmo e comunicação oral. No estúdio improvisado, na sala do Laboratório de Ciências, com microfones ligados, notebook e roteiros nas mãos, os alunos deram início à gravação para a “Rádio Conexão Matraca - a voz da escola, no ritmo da sua vida”.

Em seguida, foi a vez da gravação de uma entrevista entre colegas, conduzida por dois alunos, que falaram sobre *a importância da comunicação na escola*. A conversa fluíu com naturalidade, mostrando que eles estavam seguros diante dos microfones – uma conquista que poucos dias atrás parecia improvável. Na reta final da gravação, foi ao ar a leitura de uma notícia e uma propaganda.

#### Quadro 14 - Notícia e propaganda

##### Entrevista entre colegas

**Tema:** A importância da comunicação na escola

**Entrevistador:** Olá, ouvintes! Hoje estamos aqui com [Nome do entrevistado], aluno do 9º ano, para falar sobre a importância da comunicação na escola. Seja bem-vindo!

**Entrevistado:** Obrigado! É um prazer participar.

**Entrevistador:** Para começar, como você acha que a comunicação influencia o aprendizado?

**Entrevistado:** Eu acho que faz toda a diferença! Quando a gente se expressa bem e entende o que os professores e colegas falam, o aprendizado se torna mais fácil e interessante.

**Entrevistador:** E a Rádio Escola pode ajudar nesse processo?

**Entrevistado:** Com certeza! A rádio pode ser um espaço para informar, discutir temas importantes e até incentivar a leitura e a escrita.

**Entrevistador:** Muito bom! Para encerrar, que mensagem você deixaria para os alunos que querem participar da rádio?

**Entrevistado:** Eu diria que é uma grande oportunidade para aprender e se divertir. Todos deveriam experimentar!

**Entrevistador:** Ótima resposta! Obrigado pela participação e até a próxima!

##### Notícia para locução

Escola Onélia Campelo lança projeto de Rádio Escolar

A Escola Estadual Onélia Campelo, localizada no bairro Santos Dumont, em Maceió, deu início ao seu mais novo projeto: a Rádio Escola. O objetivo é incentivar a comunicação entre os alunos e promover conteúdos educativos e culturais. Segundo o professor Ricardo Pereira, responsável pelo projeto, a rádio será um espaço de aprendizado e expressão para os estudantes. A estreia oficial está prevista para o próximo mês, com programação variada e participações especiais.

##### Comercial lido pelos alunos

**Produto:** Livraria Saber Mais

Você ama ler? Então precisa conhecer a Livraria Saber Mais! Com os melhores lançamentos, clássicos inesquecíveis e preços que cabem no seu bolso. Passe na Saber Mais e descubra um mundo de histórias! Livraria Saber Mais – onde cada página conta uma nova aventura!

Ao longo da gravação, entre uma falha ou outra, os estudantes narraram suas experiências nos bastidores: os erros de pronúncia, os risos durante os testes de microfone, as dificuldades com a entonação e, sobretudo, a superação de tudo isso.

A oficina não apenas ensinou técnicas de rádio, mas fortaleceu a autoestima, o trabalho em grupo e a consciência do poder da fala e da escuta. Ao fim das gravações, os alunos comemoraram como se tivessem vencido uma maratona, e, de certa forma, foi isso mesmo: uma corrida contra o medo, contra a timidez e a favor da voz de cada um.

A gravação dos primeiros programas pilotos marcou um passo importante na implantação da Rádio Conexão Matraca. A atividade revelou o potencial dos alunos como comunicadores e mostrou como o ambiente escolar pode ser espaço vivo de criação, escuta e protagonismo. A continuidade do projeto permitiria ampliar os resultados obtidos até aqui e integrar mais os participantes.

#### **4.8 Visita às rádios Educativa FM, Difusora de Alagoas e Ufal**

Um grupo formado por nove estudantes do 9º ano da Escola Estadual Onélia Campelo participou de uma atividade de campo com visitas aos estúdios de três importantes emissoras de rádio de Alagoas: Rádio Educativa FM, Rádio Difusora de Alagoas e Rádio Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A iniciativa teve como principal objetivo proporcionar aos alunos uma vivência concreta dos bastidores da comunicação radiofônica, fortalecendo o projeto pedagógico da escola voltado à implantação da Rádio Conexão Matraca.

A realização da visita contou com uma organização cuidadosa e comprometida por parte do professor responsável pelo projeto, que viabilizou o deslocamento dos alunos por meio do aluguel de uma van, garantindo segurança e conforto durante o trajeto. Além disso, foi providenciado lanche para os estudantes, o que contribuiu para o bem-estar e a receptividade ao longo da atividade. A saída dos alunos da escola ocorreu de forma autorizada, mediante a assinatura de um termo de autorização pelos responsáveis legais de cada participante, em consonância com a coordenação da escola, que apoiou a iniciativa desde o planejamento. Esses cuidados demonstram o empenho em proporcionar uma experiência formativa, segura e acolhedora, fortalecendo o vínculo entre escola, família e comunidade no contexto do projeto da Rádio Escola.

A atividade foi planejada visando a proporcionar uma experiência formativa, envolvente e significativa para todos os participantes. Na Rádio Educativa FM, os alunos conheceram a cabine de locução, observaram a dinâmica da equipe durante a produção e acompanharam ao

vivo parte de um programa musical, além de ouvirem breves relatos dos profissionais sobre o cotidiano da emissora, os critérios de seleção de conteúdo e o papel social da rádio pública.

Na Rádio Difusora de Alagoas, a mais antiga emissora do Estado, fundada em 16 de setembro de 1948, o grupo foi calorosamente recepcionado por um dos locutores da casa, o radialista Cleivis Oliveira, e pela gerente do Instituto Zumbi dos Palmares (IZP), Cristina Brito, que compartilharam relatos marcantes sobre a trajetória histórica da rádio e descreveram com riqueza de detalhes o funcionamento da produção jornalística no cotidiano da emissora. Os estudantes puderam compreender, na prática, como se dá a construção de pautas, a escolha criteriosa de entrevistados e a dinâmica da rotina profissional em um ambiente de comunicação. Durante a visita, os discentes acompanharam a transmissão ao vivo de uma entrevista com uma médica oncologista, que abordou com clareza aspectos do diagnóstico e tratamento do câncer bucal. A experiência, além de promover uma vivência significativa, despertou nos estudantes um interesse renovado pelo gênero oral e por sua relevância em contextos reais de informação e serviço à sociedade.

A visita à Rádio Ufal também foi muito proveitosa. Lá, os alunos deram entrevistas e participaram de uma roda de conversa com a equipe de produção, quando puderam tirar dúvidas sobre formação profissional e rádio universitária web. Além disso, tiveram a oportunidade de conhecer a Assessoria de Comunicação (Ascom) da Universidade Federal de Alagoas, que é responsável por planejar, produzir e divulgar informações institucionais, promovendo a imagem da instituição na mídia e fortalecendo a comunicação interna e externa.

A atividade foi registrada em fotos e anotações que foram analisadas e socializadas em sala de aula como parte do processo formativo. Os alunos mostraram-se bastante envolvidos e curiosos durante todo o processo, destacando a importância da experiência para ampliar seus conhecimentos sobre comunicação, cidadania e práticas orais.

Essa vivência integra o cronograma de ações do projeto de Rádio Conexão Matraca, fortalecendo o compromisso da escola com práticas pedagógicas interdisciplinares e inovadoras, que aproximam os estudantes do universo da comunicação e desenvolvem habilidades fundamentais como escuta ativa, produção oral, trabalho em equipe e pensamento crítico.

A seguir, apresentamos duas tabelas que sintetizam as impressões coletadas junto aos estudantes após a atividade. A coleta foi realizada por meio de registros orais espontâneos, anotações do professor durante a visita e pequenos relatos escritos em sala, em momento reflexivo posterior.

**Tabela 16 - Impressões gerais sobre a visita às rádios**

<b>ASPECTO OBSERVADO</b>	<b>COMENTÁRIOS TÍPICOS DOS ALUNOS</b>
Interesse pelos bastidores do rádio	“Eu não imaginava que tinha tanta gente por trás do microfone.”
Admiração pela estrutura técnica	“Tudo é muito organizado, parece um trabalho de equipe mesmo.”
Apreciação de programa ao vivo	“Ver a locutora falando ao vivo foi incrível, me senti parte da rádio.”
Atenção ao papel social do rádio	“O rádio dá voz às pessoas, é mais do que só música.”
Curiosidade sobre profissões da área	“Quero saber mais sobre como virar locutor ou jornalista.”

**Tabela 17 - Contribuições da visita para o projeto da Rádio Escola**

<b>DIMENSÃO FORMATIVA</b>	<b>EVIDÊNCIAS PERCEBIDAS NA ATIVIDADE</b>
Oralidade	Estudantes observaram locuções ao vivo e interações em entrevistas.
Escuta ativa	Atenção concentrada aos programas e falas dos profissionais.
Aproximação com a realidade midiática	Identificação de formatos, estilos e linguagens radiofônicas.
Motivação e protagonismo juvenil	Interação espontânea no estúdio e comentários pós-visita.
Pensamento crítico	Reflexões sobre a função social da rádio pública e comunitária.

A visita dos alunos proporcionou uma rica experiência formativa e sensorial que extrapolou os muros da escola, oferecendo um mergulho no universo radiofônico local. A partir da observação e das falas espontâneas dos estudantes, foi possível identificar diversas impressões e aprendizados que dialogam diretamente com os objetivos do projeto da Rádio Escola.

Conforme a tabela 13, os alunos demonstraram grande interesse pelos bastidores do rádio, revelando surpresa com a complexidade do trabalho por trás das transmissões: “Eu não imaginava que tinha tanta gente por trás do microfone”, comentou um estudante, destacando a importância do trabalho em equipe e dos profissionais invisíveis ao público. A estrutura técnica das emissoras também foi motivo de admiração: “Tudo é muito organizado, parece um trabalho de equipe mesmo”, disse outro aluno, apontando para uma percepção positiva da logística e da produção radiofônica.

Além disso, a experiência de acompanhar um programa ao vivo despertou forte empatia e entusiasmo entre os jovens: “Ver a locutora falando ao vivo foi incrível, me senti parte da

rádio”, destacou uma estudante. Essa vivência prática permitiu aos alunos não apenas assistir, mas se imaginar como parte ativa do processo de comunicação. Outro aspecto significativo foi a reflexão sobre o papel social do rádio: “O rádio dá voz às pessoas, é mais do que só música”, acrescentou um educando, sinalizando o início de uma consciência crítica sobre a função cidadã dos meios de comunicação. Por fim, a curiosidade sobre as profissões da área despontou como um indicativo de aproximação com possíveis trajetórias profissionais, conforme resumido por uma aluna: “Quero saber mais sobre como virar locutor ou jornalista”.

Já a tabela 14 apresenta os efeitos pedagógicos e formativos dessa atividade em relação ao desenvolvimento do projeto da Rádio Escola. A dimensão da oralidade foi trabalhada de maneira concreta, pois os estudantes acompanharam locuções ao vivo e entrevistas, ampliando sua percepção sobre as técnicas de fala, entonação e comunicação pública. A escuta ativa, por sua vez, foi estimulada pela atenção concentrada às falas dos profissionais e aos conteúdos transmitidos durante os programas visitados.

Outro ponto relevante foi a aproximação com a realidade midiática, possibilitando o reconhecimento de formatos, estilos e linguagens próprios do rádio, o que enriquece a proposta pedagógica de se trabalhar a linguagem radiofônica em sala de aula. A visita também despertou motivação e protagonismo juvenil, evidenciado pela interação espontânea dos alunos nos estúdios e pelas conversas posteriores cheias de entusiasmo e ideias. Por fim, a atividade fomentou o pensamento crítico, especialmente no que diz respeito à função social da rádio pública, alinhando-se aos princípios da educação cidadã e à formação integral dos estudantes.

À luz dessas reflexões, torna-se pertinente destacar que as transformações no campo da comunicação, especialmente quando vivenciadas em contextos educativos como a visita às emissoras de rádio, impõem desafios significativos à prática pedagógica. Essas experiências, ao integrarem vivência e conteúdo, favorecem aprendizagens mais significativas e contextualizadas. Nessa perspectiva, compartilhamos dos pressupostos de Barbero (2011), ao afirmar que “as inovações no campo da comunicação colocam desafios para a educação que não devem ser menosprezados, quando se pretende a construção da cidadania” (Barbero, 2011, p. 120), reconhecendo que a articulação entre comunicação e educação é essencial para a formação de sujeitos críticos, autônomos e comprometidos com a realidade social em que estão inseridos.

Nessa lógica, nota-se que a visita às emissoras de rádio alagoanas contribuiu não apenas para a ampliação do repertório cultural e comunicativo dos estudantes, mas também para o fortalecimento dos fundamentos pedagógicos que sustentam o projeto da Rádio Escola. A experiência, ao proporcionar uma imersão prática no ambiente profissional da comunicação,

revelou-se um recurso metodológico relevante no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo a construção de sujeitos críticos, criativos e protagonistas de sua própria formação intelectual e cidadã.

A atividade de campo também mostrou uma estratégia pedagógica altamente eficaz ao promover uma articulação concreta entre os saberes teóricos trabalhados nas oficinas de rádio e as práticas comunicacionais vivenciadas no mundo real. Ao adentrar os bastidores de rádios institucionais, os estudantes puderam compreender de forma empírica o funcionamento das dinâmicas de produção, veiculação e recepção de conteúdos radiofônicos, extrapolando os limites do ensino tradicional. Essa experiência proporcionou o contato direto com profissionais da comunicação, equipamentos técnicos e estruturas organizacionais que sustentam o rádio como meio de informação, entretenimento e formação social.

Nesse sentido, é pertinente considerar que o rádio, inserido no contexto escolar, já carrega em si um potencial educativo transformador. Como afirma Assumpção (1999, p. 15), “o rádio já é uma escola. Ele tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas naquilo que ele tem de sensibilidade”. Dessa forma, o rádio ultrapassa a mera transmissão de mensagens: ele mobiliza a imaginação, estimula a fantasia, amplia a escuta sensível e crítica, e transforma a recepção em um ato criador e participativo. Ao decodificar as mensagens radiofônicas, o ouvinte elabora ideias, cria imagens, modifica ou consolida comportamentos, aspectos que, quando mediados pelo ambiente escolar, podem potencializar a formação cidadã dos alunos.

Sob a perspectiva da observação participante, a vivência prática revelou-se uma ferramenta potente na mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Os relatos dos estudantes evidenciam que a visita não apenas fortaleceu habilidades comunicativas, como a oralidade e a escuta ativa, mas também contribuiu para a construção de uma escuta crítica e reflexiva, dimensões fundamentais para uma educação integral e dialógica, centrada no protagonismo estudantil. A escuta dos radialistas, a realização de perguntas e o exercício da reflexão sobre os conteúdos veiculados nas emissoras estimularam os alunos a repensarem o papel da mídia no cotidiano, compreendendo-a como instância de mediação simbólica e social.

Tais experiências ganham ainda mais força quando articuladas às práticas da rádio-escola, que ampliam o espaço da aprendizagem para além dos muros da sala de aula. Na dinâmica da rádio educativa, os educandos assumem papéis ativos: participam da elaboração de roteiros, sugerem pautas, entrevistam membros da comunidade, mobilizam ouvintes e produzem conteúdos que refletem sua realidade e interesses. Trata-se de uma proposta em que



os alunos se tornam sujeitos do processo comunicacional e pedagógico. Sobre esse aspecto pontua Citelli:

É preciso de fato fazer o aluno assumir a sua voz como instância de valor a ser confrontada a outras vozes, incluindo-se a do professor. Desse modo, a sala de aula passaria a ser entendida como um lugar carregado de história e habitado por muitos atores que circulariam do palco à plateia à medida que estivessem exercitando o discurso (Citelli, 2000, p. 98).

Nesse contexto, a visita às rádios não apenas funcionou como um recurso didático e observação, mas como um dispositivo de produção de sentidos, ao propiciar que os alunos se reconhecessem como sujeitos comunicantes e, simultaneamente, como receptores críticos. Dialogando com os princípios freirianos, a prática se configurou como oportunidade para que o conhecimento fosse construído de forma coletiva, situada e emancipada, colocando os estudantes em contato com experiências significativas que ampliam sua visão de mundo (Freire, 1996).

Do ponto de vista pedagógico, tal ação se insere no campo das metodologias ativas, ao incentivar o protagonismo estudantil, a aprendizagem por investigação e a interação com o território e as mídias. Ao invés de apenas consumir conteúdos, os alunos produziram conhecimento a partir de vivências, escuta qualificada e produção discursiva. Tais práticas são fundamentais quando se deseja formar sujeitos críticos e conscientes, capazes de decodificar as mensagens midiáticas e de interagir com autonomia e responsabilidade no espaço público (Santaella, 2008).

Por conseguinte, a visita transcendeu o caráter meramente expositivo, convertendo-se em uma experiência formativa integral. Reafirmou-se o potencial do rádio como ferramenta pedagógica inclusiva e acessível, ao mesmo tempo em que se ampliaram os horizontes dos estudantes quanto ao papel social da comunicação. Ao dar voz aos alunos e inseri-los em contextos reais de produção de sentido, o projeto contribuiu para consolidar uma prática educacional democrática, plural e afinada com os desafios contemporâneos da escola pública.

#### **4.9 Rádio escolar: contribuições a partir da Taxonomia de Bloom**

Ao abordar o uso pedagógico do rádio no contexto escolar, Maciel Consani (2012) propõe uma interessante articulação entre os princípios da Taxonomia de Bloom<sup>5</sup> e os objetivos educacionais desenvolvidos por meio da mídia radiofônica. A partir dessa proposta, é possível compreender o rádio não apenas como um canal de comunicação, mas como uma ferramenta didática que possibilita a aprendizagem em múltiplas dimensões: cognitiva, psicomotora e afetiva.

De acordo com Consani (2012), os usos educativos do rádio podem ser agrupados em três grandes eixos de ação pedagógica: o conteúdo, associado ao domínio cognitivo; a habilidade, relacionada ao domínio psicomotor; e a atitude, vinculada ao domínio afetivo. Essa classificação promove uma abordagem integral do processo de ensino-aprendizagem, na medida em que reconhece que aprender vai além da aquisição de conhecimento, envolvendo também o desenvolvimento de capacidades práticas e a internalização de valores.

No primeiro eixo, o conteúdo, está presente o domínio cognitivo, que, segundo Bloom, envolve processos como conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Nesse sentido, o rádio pode ser utilizado como instrumento de mediação para a abordagem de conceitos curriculares, favorecendo a assimilação de conteúdos por meio de uma linguagem acessível e dinâmica. Além disso, possibilita a ampliação do repertório cultural dos estudantes e o fortalecimento do letramento midiático, ao mesmo tempo em que propicia o domínio de ferramentas tecnológicas e comunicativas essenciais na contemporaneidade.

O segundo eixo, relativo à habilidade, está vinculado ao domínio psicomotor, o qual se refere à capacidade de agir, responder e interagir com o mundo por meio da ação física coordenada e estruturada. No contexto radiofônico, isso se concretiza em práticas como a pesquisa de temas, a seleção de informações, a produção de roteiros e a locução. Tais atividades promovem o desenvolvimento da expressão oral e escrita, o exercício do pensamento crítico, a capacidade de organização e adaptação, bem como a construção de um olhar holístico sobre a realidade, favorecendo o diálogo com o mundo e com a comunidade.

Por fim, o eixo da atitude corresponde ao domínio afetivo da aprendizagem, que envolve desde a receptividade e resposta emocional até a valorização e internalização de valores sociais, éticos e culturais. O rádio escolar, neste campo, contribui significativamente para a formação

---

<sup>5</sup> A Taxonomia de Bloom é uma proposta de classificação dos objetivos educacionais elaborada na década de 1950 por uma equipe coordenada por Benjamin Bloom. Estrutura-se em domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, visando orientar o planejamento pedagógico e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

ética dos estudantes, ao estimular o trabalho colaborativo, a escuta sensível, a expressão de opiniões pessoais e o engajamento em causas coletivas. Trata-se, portanto, de um meio formativo que promove o protagonismo estudantil e fortalece os vínculos entre escola, território e comunidade.

A tabela a seguir apresenta de forma sintética essa proposta, evidenciando como o rádio pode ser mobilizado de modo coerente com os três domínios propostos por Bloom, ampliando a potência da aprendizagem na escola contemporânea:

### **Quadro 15 - Taxonomia de Bloom e o uso pedagógico do rádio**

<b>Objetivo pedagógico</b>	<b>Domínio da Taxonomia de Bloom</b>	<b>Aplicações da Rádio Escolar</b>
<b>CONTEÚDO</b>	Cognitivo (conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese, avaliação)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordagem de todos os conceitos escolares;</li> <li>- Aplicação do universo cultural;</li> <li>- Domínio das tecnologias de informação e comunicação;</li> <li>- Compreensão e prática do processo comunicativo.</li> </ul>
<b>HABILIDADE</b>	Psicomotor (percepção, resposta dirigida, automatismo, respostas complexas, adaptação, organização)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisa e seleção de temas;</li> <li>- Elaboração e refinamento de informações;</li> <li>- Desenvolvimento da expressão oral e escrita;</li> <li>- Estímulo ao diálogo com a realidade e a comunidade;</li> <li>- Formação do pensamento crítico e sistêmico.</li> </ul>
<b>ATITUDE</b>	Afetivo (recepção, resposta, valorização, organização, internalização de valores)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exercício do trabalho em equipe;</li> <li>- Atenção e escuta sensível;</li> <li>- Adoção de posturas éticas na comunicação;</li> <li>- Posicionamento pessoal e crítico;</li> <li>- Comprometimento com projetos coletivos.</li> </ul>

**Fonte:** Adaptado de Consani (2012, p. 32).

Dessa forma, a proposta de Consani (2012), articulada à Taxonomia de Bloom, revela como o rádio pode ser mobilizado para desenvolver simultaneamente conhecimentos,

habilidades e atitudes, tornando-se, assim, uma ferramenta pedagógica alinhada à formação integral do estudante. A análise dos programas piloto da Rádio Conexão Matraca evidenciou que o uso do rádio no ambiente escolar transcende o caráter meramente técnico ou comunicativo, adquirindo potência pedagógica ao mobilizar, de forma integrada, os três domínios da aprendizagem definidos por Bloom: cognitivo, psicomotor e afetivo. Essa concepção, conforme proposto por Consani, permite compreender que o rádio não é apenas meio, mas também método e fim formativo, à medida que contribui para a construção do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e a internalização de atitudes e valores.

No que se refere ao domínio cognitivo, a produção dos roteiros e o planejamento dos programas como o *Matraca News e Fala, Matraca* revelaram a capacidade dos estudantes de articular conhecimentos diversos, tanto do conteúdo curricular quanto de temáticas atuais que fazem parte de seu cotidiano. A escolha dos temas, a elaboração dos blocos informativos e a organização das falas demonstraram níveis avançados de compreensão, análise e síntese, conforme os estágios descritos por Bloom. Por exemplo, em um dos programas do *Matraca News*, os alunos abordaram a poluição sonora no bairro, relacionando o tema à disciplina de Geografia e aos direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esse movimento de articulação entre saberes evidencia a aplicação do conhecimento em contextos reais, um dos objetivos centrais da aprendizagem significativa.

O domínio psicomotor também se destacou intensamente ao longo das práticas. Desde o manuseio dos equipamentos de gravação (microfone) e edição, passando pela atuação nas locuções, até a organização do estúdio (uma sala improvisada) e o ensaio das entradas na gravação, os estudantes mobilizaram habilidades perceptivas, motoras e organizacionais. Além disso, mostraram desenvoltura crescente na oralidade, domínio progressivo da dicção e do ritmo das falas, bem como segurança na apresentação pública de suas produções. As práticas de pesquisa de pauta, redação de textos e improvisação no ar revelaram a internalização de processos técnicos e expressivos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da autoria.

No domínio afetivo, os resultados alcançados com a Rádio Conexão Matraca revelaram-se ainda mais significativos e transformadores. O projeto consolidou-se como um espaço legítimo de escuta ativa e expressão sensível, no qual os estudantes não apenas se sentiram ouvidos, mas também reconhecidos em suas singularidades, percepções e narrativas. Ao participarem das produções radiofônicas, os alunos vivenciaram experiências que estimularam sentimentos de pertencimento, autoestima e valorização mútua.

A construção coletiva dos programas exigiu não apenas o respeito à diversidade de opiniões, mas também a prática cotidiana da empatia, da escuta sensível e da cooperação como fundamentos do trabalho em equipe. Essa vivência pedagógica afetiva implicou na aprendizagem do diálogo, da tolerância e da corresponsabilidade, fortalecendo o senso de compromisso com o outro e com o bem comum. Nas entrevistas realizadas, por exemplo, os estudantes demonstraram não apenas interesse pelos relatos dos entrevistados, professora, vigia e estudante, mas também desenvolveram uma postura ética, sensível e respeitosa. Esses momentos revelaram o fortalecimento dos vínculos interpessoais, o reconhecimento da importância de todos os agentes escolares e a promoção de uma cultura de paz e humanização das relações dentro do ambiente educativo.

A tabela abaixo apresenta de forma sintética como os três domínios da Taxonomia de Bloom se manifestaram nos produtos e nas interações pedagógicas promovidas pela Rádio Conexão Matraca:

**Tabela 18 - Taxonomia de Bloom e interação da Rádio Conexão Matraca**

DOMÍNIO	MANIFESTAÇÕES OBSERVADAS NOS PROGRAMAS-PILOTO
<b>COGNITIVO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise crítica de temas atuais;</li> <li>- Elaboração de roteiros com base em dados e fontes confiáveis;</li> <li>- Síntese de conteúdos escolares com linguagem acessível;</li> <li>- Planejamento das pautas e organização das falas.</li> </ul>
<b>PSICOMOTOR</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Operação de equipamentos de gravação;</li> <li>- Ensaio e execução de locução com ritmo, entonação e dicção adequados;</li> <li>- Redação e leitura fluente de textos orais;</li> <li>- Organização da equipe e divisão de tarefas.</li> </ul>
<b>AFETIVO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho em equipe e corresponsabilidade;</li> <li>- Escuta sensível durante entrevistas;</li> <li>- Respeito à diversidade de opiniões;</li> <li>- Comprometimento com causas comunitárias.</li> </ul>
<b>Aplicação dos domínios da taxonomia de Bloom nos programas da Rádio Conexão Matraca</b>	

A vivência prática com a Rádio Escolar permitiu aos alunos desenvolverem não apenas competências curriculares, mas também habilidades socioemocionais e éticas, essenciais para sua formação cidadã. Ao se apropriarem do meio radiofônico como ferramenta de expressão, os estudantes experimentaram o que Paulo Freire chamaria de “tomar a palavra”, isto é, perceberam-se como sujeitos do discurso e agentes de transformação social.

Esses dados reforçam a tese de que o rádio, quando integrado à prática pedagógica de forma planejada, pode contribuir significativamente para a aprendizagem integral dos sujeitos, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e ao ideal de educação transformadora. Como afirma Consani (2012, p. 32), o rádio escolar é capaz de “potencializar conteúdos, desenvolver habilidades e fomentar atitudes”, consolidando-se, assim, como instrumento formativo por excelência.

A escuta atenta dos áudios produzidos pelos estudantes permitiu identificar uma série de marcas linguísticas, atitudinais e cognitivas que revelam a apropriação do espaço radiofônico como campo de aprendizagem ativa, participativa e crítica. Abaixo, são apresentados alguns trechos de falas coletados nos programas piloto da Rádio Conexão Matraca, transcritos segundo os critérios da análise qualitativa com base na observação participante:

**Tabela 19 - Trechos de falas de estudantes nos ensaios dos programas-piloto**

<b>Estudante</b>	<b>Trecho de fala</b>	<b>Categoria</b>
1	“A gente pensou nesse tema porque todo dia, aqui na frente da escola, tem som alto de carro, e ninguém faz nada.”	Observação crítica do cotidiano
2	“No programa de hoje, vamos falar sobre saúde mental. É importante falar disso porque muita gente sofre calada.”	Consciência social e empatia
3	“Foi difícil gravar no começo, mas depois a gente foi pegando o jeito. Agora a gente até ajuda os colegas.”	Superação e cooperação
4	“Achei massa entrevistar o pessoal da escola. Nunca tinha falado com o vigia, e ele contou tanta coisa legal!”	Valorização da comunidade escolar
5	“Eu nunca pensei que eu fosse falar tão bem assim no microfone. Parece até que eu sou outra pessoa.”	Descoberta de potencial e autoconfiança

Essas falas revelaram aspectos essenciais para o desenvolvimento da autoria e do protagonismo estudantil. Nota-se que os estudantes identificaram problemas reais, articularam saberes escolares com vivências pessoais, valorizaram as relações dentro da escola e expressaram crescimento pessoal e coletivo a partir da experiência com o rádio.

Além disso, foi possível mapear alguns fenômenos linguísticos e atitudinais mais recorrentes, durante a roda de conversa, nas falas dos alunos, como mostra o quadro a seguir:

### Quadro 16 - Falas dos alunos

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Uso de marcadores conversacionais	"Então", "olha", "né", "sabe", "tipo", "assim"
Repetições e paráfrases	Reforço de ideias: "é isso mesmo, como eu falei antes..."
Expressões de opinião	"Eu acho que...", "Na minha visão...", "Eu acredito que..."
Vocabulário informal com adequação ao contexto	Uso de gírias e regionalismos com propósito comunicativo
Empatia e reconhecimento do outro	"A gente precisa ouvir mais quem tá calado", "Tem gente que nunca é chamada pra falar"
Entrosamento e divisão colaborativa das falas	Uso de pronomes coletivos, organização em duplas ou grupos

Os dados apresentados indicam que a Rádio Conexão Matraca se tornou um espaço privilegiado para a aprendizagem experiencial e significativa. A produção dos programas não apenas mobilizou conteúdos escolares, mas também fortaleceu habilidades comunicativas, atitudes colaborativas e a escuta sensível entre os sujeitos envolvidos.

### Quadro 17 - Script de programa piloto

#### PROGRAMA PILOTO DA RÁDIO CONEXÃO MATRACA

##### PROGRAMA MATRACA NEWS

**(Vinheta de abertura da rádio)**

**LOCUTOR 1** - *Olá, ouvintes da Rádio Conexão Matraca! Está começando mais uma edição do Matraca News. No programa de hoje, vamos falar sobre a poluição sonora no nosso bairro. Você já reparou no barulho dos carros de som, nas motos sem escapamento? Pois é, isso afeta muito a nossa saúde.*

**LOCUTOR 2** - *Fomos ao pátio da nossa escola conversar com estudantes. A aluna [nome], que mora aqui no Santos Dumont, contou que não consegue mais descansar à tarde por causa do barulho. E isso não é só incômodo: estudos mostram que a poluição sonora causa estresse e até perda auditiva.*

*(Soltar áudio da entrevista)*

**LOCUTOR 1** - *Outro tema que discutiremos é saúde mental. A gente sabe que muita gente sofre em silêncio, e é por isso que precisamos falar sobre isso. Na escola, às vezes a gente finge que está bem, mas por dentro não está. E não tem problema pedir ajuda.*

*(Soltar áudio da entrevista)*

**LOCUTOR 2** - *Hoje também vamos conversar com o seu [nome], nosso vigilante, que trabalha na escola há mais de 20 anos. Seu [nome], como o senhor vê as mudanças na convivência dos alunos ao longo do tempo? — Olha, eu vejo que os alunos hoje têm mais liberdade pra se expressar, e isso é muito bom, mas também precisam aprender mais sobre respeito.*

*(Soltar áudio da entrevista)*

A presença constante de marcadores conversacionais e reformulações nas falas evidencia que os estudantes estavam engajados em um processo genuíno de comunicação oral, característico das interações espontâneas, mas mediado pedagogicamente. Esses recursos mostraram que a oralidade escolar pode ser ao mesmo tempo autêntica, planejada e eficaz como instrumento de ensino.

As manifestações de empatia, responsabilidade coletiva e autoconfiança também confirmaram que a experiência com o rádio escolar fortaleceu não apenas competências cognitivas, mas também aspectos afetivos e éticos da formação dos estudantes, em consonância com os pilares da educação integral.

A análise reforça, portanto, que a rádio escolar, quando articulada a uma proposta formativa comprometida com o protagonismo estudantil, permite que os alunos desenvolvam o que Consani (2012) denomina de tríade pedagógica: conteúdo, habilidade e atitude. Assim, a



experiência da Rádio Conexão Matraca confirmou o potencial do rádio como linguagem, prática e ação educativa transformadora, constituindo-se em um dispositivo eficaz para a construção de sujeitos críticos, autônomos e participativos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O percurso desenvolvido ao longo desta pesquisa permitiu compreender, com maior nitidez, a eficiência pedagógica da Rádio Conexão Matraca como instrumento de valorização da oralidade e de fortalecimento do protagonismo estudantil no ensino de Língua Portuguesa. Ao analisar a implantação, o processo de criação dos programas, as práticas de escuta ativa, as etapas de construção dos roteiros, bem como a participação dos estudantes nas atividades radiofônicas, foi possível observar que a rádio escolar se constituiu como um espaço de aprendizagem dialógica, criativa e socialmente situada.

Os resultados obtidos evidenciam que a experiência radiofônica ampliou as oportunidades de expressão dos alunos, favorecendo a construção da autonomia, da responsabilidade e da capacidade crítica. A oralidade, muitas vezes relegada a um lugar secundário nas práticas de sala de aula, emergiu como eixo central de produção de sentidos, demonstrando que falar e ouvir, quando inseridos em um contexto significativo, tornam-se práticas altamente formativas. As gravações, entrevistas, bate-papos e programas produzidos pelos estudantes mostraram-se caminhos férteis para o desenvolvimento de competências comunicativas previstas na BNCC, permitindo que os alunos transitassem por diferentes gêneros orais, enfrentassem desafios linguísticos reais e experimentassem interações sociais mediadas pela linguagem.

Do ponto de vista pedagógico, o projeto reafirmou que a rádio escolar pode atuar como tecnologia educativa acessível e inclusiva, especialmente quando ancorada em metodologias participativas e no reconhecimento do papel ativo dos estudantes. A experiência revelou, ainda, que iniciativas desse tipo contribuem para reduzir a distância entre escola e comunidade, fortalecendo vínculos e ampliando a circulação de narrativas produzidas pelos próprios sujeitos escolares.

Apesar dos avanços observados, o estudo também evidenciou desafios que merecem atenção. Entre eles, destacam-se a necessidade de formação continuada para professores interessados em trabalhar com mídia sonora, a ampliação de equipamentos e infraestrutura técnica e a institucionalização de políticas escolares que garantam a permanência e o fortalecimento da rádio como projeto pedagógico. Além disso, a consolidação de práticas

avaliativas específicas para atividades orais ainda se apresenta como um campo a ser aprofundado.

Diante do que foi apresentado, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem o acompanhamento longitudinal de projetos de rádio escolar, investigando seus impactos na aprendizagem da leitura e da escrita, bem como nas trajetórias formativas dos estudantes. Sugere-se, igualmente, a realização de estudos comparativos entre diferentes modelos de rádios escolares, identificando práticas inovadoras que possam subsidiar políticas públicas de incentivo à educomunicação. Outro caminho promissor consiste em explorar a relação entre rádio escolar, cultura digital e produção multimodal, especialmente diante das novas linguagens emergentes no ambiente educacional.

Com este estudo, espera-se ter contribuído para despertar novos olhares e suscitar maior interesse acerca da utilização da rádio no contexto educacional, evidenciando seu potencial como instrumento de aprendizagem significativa e de valorização da oralidade. A pesquisa desenvolvida por meio da Rádio Conexão Matraca demonstrou que o espaço da comunicação pode ser também o espaço do conhecimento, da escuta ativa e da produção coletiva, em que os estudantes se tornam protagonistas do próprio processo de ensino-aprendizagem. Afinal, é cada vez mais urgente que a escola se abra a metodologias inovadoras, capazes de integrar as linguagens midiáticas ao currículo escolar, favorecendo o diálogo entre teoria e prática.

Nesse sentido, a implantação de uma rádio escolar, além de ampliar as possibilidades pedagógicas, contribuiu para o fortalecimento da identidade estudantil, o exercício da cidadania e o desenvolvimento de competências comunicativas e socioemocionais. Assim, acredita-se que este trabalho tenha colaborado para a construção e a reconstrução de saberes, ampliando o entendimento de que a educação deve estar em sintonia com as transformações culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo. Desse modo, a Rádio Conexão Matraca se consolida como um espaço de expressão, aprendizagem e protagonismo, reafirmando o papel da escola como ambiente de formação integral e emancipadora.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista. Nas ondas da fé. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Florianópolis. 2004. Disponível em: Acesso em: 05 fev. 2016.

ALFABETIZAÇÃO e letramento: teorias e práticas. Conferência apresentada por Magda Becker Soares [s.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (2h 26min 15s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de /DEZEBROLinguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UnkEuHpxJPs>. Acesso em: 26 julho de 2024.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: pesquisa qualitativa e epistemologia**. São Paulo: Cortez, 2002.

ANTUNES, I. **Linguagem e ensino: perspectivas para a escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **A aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ASSUMPÇÃO, Z. A. de. **A Rádio no espaço escolar**. Para falar e escrever melhor. São Paulo: Annablume, 2008.

ASSUMPÇÃO, Zuleide. **Educação e Comunicação: uma parceria necessária**. São Paulo: Cortez, 1999.

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. Coleção Educomunicação.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BARBERO, Jesús Martín. **Ofício de cartógrafo: travesias latino-americanas de la comunicación na cultura**. São Paulo: Loyola, 2003.

BARBERO, Jesús Martín. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 168-199.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 1998.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v.3).

BARBOSA FILHO, André. **Rádio: sintonia do tempo**. São Paulo: Summus, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Editora Lovise, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 maio 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular: BNCC**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CASTILHO, A.T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CITELLI, Adilson (Org.). **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. Coleção Educomunicação.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CONSANI, Maciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Org.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2006.
- COSTA, M. L.; VIEIRA, E. Protagonismo juvenil: um diálogo entre a escola e os adolescentes. In: ABRAMOVAY, M. et al. **Protagonismo juvenil e educação**. Brasília: UNESCO, 2000.
- COSTA, Rogério da. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Cortez, 2000.

COSTA, Márcio de Souza. **A voz como instrumento**: comunicação oral e locução profissional. São Paulo: SENAC, 2015.

COUTINHO, Mariza. O Minerva é cultura para todos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 03 out. 1971. primeiro caderno p.44. Disponível em: . Acesso em 21 de outubro de 2019.

DELL'ISOLA, Regina. **Gêneros textuais na sala de aula**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo, Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

DOLZ, Joaquim; MESSIAS, Sonia. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

D'OLIVO, Fernanda Moraes. **Prática e produção de textos**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966). Campinas-SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

FERNANDES, Cláudia Ribeiro. **Oralidade na escola**: práticas e desafios na formação do aluno comunicador. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FERRARETO, Luis Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GAMBOA, S. H. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2006.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. London: Taylor & Francis, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONÇALVES, E. M.; AZEVEDO, A. B. O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo. São Bern@rdo.com.br: **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**, ano 1, n. 2, jul./dez. 2004.  
Disponível em: <http://www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm>. Acesso em: 2 set. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JURBAN, Clélia Spinardi. Introdução. \_\_\_\_\_. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. I – A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015.

KAPLAN, Mário. **O Rádio e a Cultura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultura, 2015.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio: el guión - la realización**. Mexico: Editorial Cromocolor, 1994.

KAPLAN, Mário. *O Rádio e a Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultura, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. Especificidade do texto falado. In: JURBAN, Clélia Spinardi. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p.39 46. v. I – A construção do texto falado.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **História da Radiodifusão Brasileira**. São Paulo: Editora ABC, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUIZ, Manuel Carlos Chaparro. **Rádio: linguagem e comunicação**. São Paulo: Contexto, 2014.

Margly Octavia. **Escuta sensível: protagonismo na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP. Orientador: Prof. Dr. Waldemar Marques Carvalho.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais e discursivos: teorias e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. G.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MATTOS, Sérgio. **História da radiodifusão no Brasil**. Salvador: Edufba, 2005.

MELO, José Marques de. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. São Paulo: Paulus, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, José Manuel. **Educação inovadora: tecnologias e metodologias ativas**. São Paulo: Papirus, 2015.

NEUBERGER, Rachel. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2014.

NEUBERGER, J. **Educomunicação e rádio escolar**. Curitiba: CRV, 2014.

PORTO, Mauro. **Mídia e Democracia no Brasil: o papel do rádio**. Brasília: Editora UnB, 2010.

PRADO, Maria Elisabeth B. de Almeida. **O rádio no Brasil: história e contemporaneidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRATA, Nair. **Rádio na era da convergência**. Florianópolis: Insular, 2001.

RANGEL, Jorge Antônio. Edgard Roquette-Pinto – Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

RÊGO, Edvaldo. **Rádio escola e protagonismo juvenil**. Recife: EdUFPE, 2020.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

**REVISTA NOVA ESCOLA**. Falar bem em público se aprende na escola. Nova Escola, São Paulo, ed. 230, ano XXV, p. 42-47, mar. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7728/falar-bem-em-publico-se-aprende-na-escola>. Acesso em: 22 maio 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Rádio Educativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 1935.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.



SOUSA, Janice; OLIVEIRA, Rosa. **Rádio escolar: práticas e possibilidades pedagógicas**. Belém: UFPA, 2011.

STREET, Brian. **Letramento Sociais**: abordagem crítica do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

THIOLLENT, M. (1999). Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In C. R. Brandão (Org.), **Repensando a pesquisa participante** (pp. 82-103). São Paulo: Brasiliense.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Letramento e conhecimento linguístico**. Letras & Letras, Uberlândia, v. 31, n. 3, p. 158–172, 2015. DOI: 10.14393/LL63-v31n3a2015-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30643>. Acesso em: 24 de nov. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.